FELIZES COMO DEUS NOS QUER

«Este foi o início dos sinais realizados por Jesus; manifestou a sua glória, e os seus discípulos acreditaram n'Ele» (Jo 2, 11). São as palavras que concluem a passagem do Evangelho de João que fala das bodas de Caná, quando Jesus transforma água em vinho para alegria dos noivos.

O Evangelista não fala de um milagre, isto é, de um facto poderoso e extraordinário que gera admiração, mas de um sinal. Ele diz que Jesus em Caná de Galileia realizou um sinal que despertou a fé dos discípulos.

O que é um «sinal» segundo o Evangelho? É um indício que revela o amor de Deus. Não atrai a atenção para o gesto poderoso, mas para o amor que o provocou. O amor, o de Deus, é próximo, terno e compassivo. Um amor que nos acompanha.

Esse sinal, o primeiro realizado por Jesus, ocorre enquanto dois cônjuges estão em dificuldade no dia mais importante de suas vidas. No meio da festa nupcial, falta um elemento essencial, o vinho, e a alegria corre o risco de se extinguir, no meio das críticas e da insatisfação dos convidados. Imaginemos como é que uma festa de casamento possa continuar apenas com água!

É Maria que se apercebe do problema e assinala-o discretamente a Jesus. Ele intervém discretamente, sem clamor. Tudo acontece em segredo, nos bastidores. Porque é assim que Deus costuma agir, com proximidade e discrição – tanto que os elogios por aquele vinho tão bom não vão para Ele, mas para o noivo.

É belo pensar que o primeiro sinal de Jesus não é uma cura extraordinária, ou um prodígio no templo de Jerusalém, mas um gesto simples que vai ao encontro de uma necessidade concreta de pessoas comuns, um gesto doméstico, um milagre que acontece, por assim dizer, "na ponta dos pés".

Mas há outra característica distintiva do sinal de Caná. Geralmente, o vinho que era servido no final de uma festa era o menos bom – então as pessoas, mesmo que tivesse sido diluído um pouco, não o teriam notado. Jesus, por outro lado, tem o cuidado que a festa termine com o vinho melhor; um gesto simbólico que nos diz que Deus quer sempre o melhor para nós: quer que sejamos felizes.

Jesus não põe limites e não pede interesses. No sinal que Jesus realiza não há espaço para segundas intenções, nem pretensões. A alegria que Jesus deixa no coração dos convidados é uma alegria plena e desinteressada. Nunca é uma alegria diluída, mas uma alegria que nos renova.

É como diz a Palavra de Deus no Livro do Apocalipse: *«Eis que faço novas todas as coisas»* (21, 5). O nosso é o Deus renova todas as coisas, é o Deus das surpresas! Cria a novidade na nossa vida, na nossa história e no mundo inteiro. Deus sempre renova as coisas e nos pede que sejamos dóceis à novidade: vinho novo em odres novos.

Por isso é que o cristão não pode caminhar de cabeça-baixa, sem levantar os olhos para o horizonte, como se toda a nossa viagem terminasse aqui, na palma de alguns metros de viagem, como se não houvesse lugar de desembarque, e fôssemos forçados a vaguear eternamente, sem qualquer razão para tantos nossos esforços.

Deus não quis as nossas vidas por acaso. Ele criou-nos porque quer que sejamos felizes. Ele é nosso Pai, e quando nós, aqui agora, experimentamos uma vida que não é aquela que Ele desejou para nós, Jesus garante-nos que o próprio Deus está operando o seu resgate.

Ser cristão implica uma nova perspetiva: um olhar cheio de esperança. Cremos e sabemos que a morte e o ódio não são as últimas palavras na parábola da existência humana.

Algumas pessoas acreditam que a vida reserva toda a felicidade na juventude, isto é, no passado e que depois começa uma lenta decadência. Outros pensam que as nossas alegrias são apenas episódicas e passageiras e que o absurdo está inscrito na vida dos homens.

Mas nós, cristãos, acreditamos no horizonte da vida do homem há um sol que resplandece para sempre. Acreditamos que os nossos melhores dias ainda estão por vir. Somos gente mais de primavera do que do outono. Entrevemos os rebentos de um mundo novo mundo, em vez das folhas amareladas nos ramos.

O cristão sabe que o Reino de Deus, o seu Senhorio de amor, está a crescer como um grande campo de trigo, embora haja ervas daninhas lá no meio. Sempre haverá problemas: fofocas, maledicências, guerras, doenças... mas o trigo continua a crescer e, no final, haverá a separação, o mal será eliminado.

O futuro não nos pertence, mas sabemos que Jesus é a maior graça da vida: não é apenas o abraço que nos espera no fim, mas também Aquele que nos acompanha agora, ao longo do caminho. Por isso, não nos embalamos em nostalgias, saudades e lamentações: sabemos que Deus quer que sejamos herdeiros de uma promessa e cultivadores incansáveis de sonhos.

15 PASSOS PARA A FELICIDADE

1 - *Lê dentro de ti*. A nossa vida é o livro mais precioso que nos foi dado. É precisamente nesse livro que encontramos o que inutilmente procuramos noutros lugares. Santo Agostinho tinha-o compreendido: *«Entra em ti mesmos. A verdade habita no homem interior».*

É este o convite que quero fazer a todos, e que também faço a mim próprio. Lê-te dentro, como tem sido o teu percurso. Com serenidade, entra em ti mesmo.

2 – *Lembra-te que tu és único, que tu és única*. Cada um de nós está no mundo para se sentir amado na sua unicidade e para amar os outros como ninguém pode fazer em seu lugar. Não vivemos sentados num banco para reservar o lugar a outra pessoa. Não, cada um é único aos olhos de Deus. Portanto, não te deixar "*homologar*": não somos feitos em série, somos únicos, somos livres e estamos no mundo para viver uma história de amor única, uma história de amor com Deus, para abraçar a audácia de escolhas fortes, para nos aventurarmos no maravilhoso risco de amar.

3 – *Faz emergir a tua beleza!* Não a de acordo com as modas do mundo, mas a tua beleza verdadeira. A beleza de que estou a falar não é aquela se fecha em si mesma, como Narciso que, apaixonado pela sua própria imagem, acabou por se afogar no lago onde se refletia. Não é tampouco aquela que se conforma com o mal, como Dorian Gray que, quando o encantamento acabou, reencontrou-se com o seu próprio rosto desfigurado. Falo da beleza que nunca desaparece porque é um reflexo da beleza divina: o nosso Deus é inseparavelmente bom, verdadeiro e belo. E a beleza é uma das vias privilegiadas para chegarmos até Ele.

4 - *Aprendes a rir-te de ti mesmo*. Os narcisistas olham-se no espelho o tempo todo... Eu aconselho, de vez em quando, olhar-se no espelho e rir-se de si mesmo. Rir-se de si mesmo faz bem.

5 - *Vives uma inquietação saudável*, em desejos e resoluções, aquela inquietação que sempre te impele a caminhar, a nunca te deixa sentir-te "chegado". Aquela inquietação que não te isola do mundo, trancando-te no seu quarto – como um Peter Pan que não quer crescer – mas te ajuda a ser sempre aberto e corajoso.

6 - *Aprendes a perdoar*. Cada pessoa sabe que nem sempre é o pai ou a mãe que deveria ser, o noivo ou a noiva, o irmão ou a irmã, o amigo ou amiga que deveria ser. Estamos todos "em défice" na vida; todos precisamos de misericórdia. Lembra-te que tu precisas de perdoar, que tu precisas de

receber o perdão, que precisa de ter paciência. Lembra-te de que Deus sempre te precede, que te perdoa primeiro.

7- *Aprendes a ler a tristeza*. No nosso tempo, a tristeza é considerada apenas como um mal a evitar a todo o custo, quando, antes, pode ser um sinal de alarme indispensável, que nos convida a explorar paisagens mais ricas e férteis do que a transitoriedade e a evasão do mundo não permitem. Às vezes, a tristeza funciona como um semáforo, diz-nos: está vermelho, para! Aceita a tristeza, seria muito mais grave não advertir esse sentimento.

8 - *Tenhas grandes sonhos*. Não te contentar com o que tu deves fazer. O Senhor não quer que reduzamos os nossos horizontes, não quer que estejamos estacionados nos lados da vida, mas que corramos em direção a objetivos elevados, com alegria e audácia. Não somos feitos para sonhar apenas com férias ou fins de semana, mas para realizar os sonhos de Deus neste mundo. Ele deu-nos a capacidade de sonhar para abraçar a beleza da vida.

9 - *Não dê ouvidos a quem vende ilusões*. Uma coisa é sonhar e outra é ter ilusões. Quem fala de sonhos e vende ilusões é manipulador da felicidade. Fomos criados para uma alegria maior.

10 - *Sejas revolucionário, vá contra a maré*. Na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é "aproveitar" o momento, que não vale a pena comprometer-se, fazer escolhas definitivas, porque não se sabe o que o amanhã reserva. Peço-te que sejas revolucionário, que te rebeles contra esta cultura que, no fundo, acredita que sejas incapaz de assumir responsabilidades. Tenhas a coragem de ser feliz.

11 - *Assuma riscos, mesmo que se revelem errados*. Não observar a vida da varanda. Não confundas a felicidade com sofá. Não seja um carro estacionado, mas deixa que os sonhos floresçam e tomas decisões. Arrisca. Não sobrevivas com uma alma anestesiada e não olhar para o mundo como se fosses um turista. Faz-te ouvir! Vence os medos que te paralisam. Escolhas viver! Entrega-te ao melhor da vida!

12 - *Caminha com os outros*. É ruim avançar sozinho, é feio e chato. Caminha em comunidade, com os amigos, com aqueles que te amam: isso ajudar-te-á a alcançar a meta. E se cair, levante-te. Não tenha medo dos fracassos, das quedas. Na arte de caminhar, o que importa é levanta-se, não "ficar caído".

13 - *Vive a gratuidade*. Quem não vive a gratuidade fraterna faz da sua existência um comercio afanoso, sempre medindo o que dá e o que recebe em troca. Deus dá gratuitamente, a ponto de ajudar também os que não são fiéis, e *«faz nascer o seu sol sobre os maus e os bons»* (Mt 5, 45). Recebemos a vida de graça, não pagamos por ela. Assim, todos podemos

dar gratuitamente, sem esperar algo em troca. Foi isto que Jesus disse aos seus discípulos: *«Recebestes de graça, dai de graça»* (Mt 10, 8). É este o sentido de uma vida realizada.

14 - *Olha para além do escuro*. Esforça-te por ter olhos de luz mesmo na escuridão, não deixar de procurar a luz no meio das trevas, que tantas vezes carregamos no coração e vemos à nossa volta. Levanta o olhar do chão, para o alto, não para fugir, mas para vencer a tentação de ficar preso no chão dos nossos medos. Este é o perigo: que os nossos medos governem a nossa vida; que permaneçamos fechados em nossos pensamentos e choremos por nós mesmos. Este é o convite: olha para o alto!

15 - *Lembre-te de que tu estás destinado ao melhor.* Deus quer o melhor para nós: quer que sejamos felizes. Ele não põe limites, nem pede cobranças. Em Jesus não há espaço para segundas intenções, para pretensões. A alegria que Ele deixa em nossos corações é uma alegria plena, uma alegria altruísta. Nunca é uma alegria diluída, mas uma alegria que nos renova.

I - A FELICIDADE É UM DOM RECEBIDO

"Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas quem perder a vida por minha causa a encontrará." Neste paradoxo está contida a regra de ouro que Deus inscreveu na natureza humana criada em Cristo: a regra de que só o amor dá sentido e felicidade à vida.

Só o amor traz felicidade à vida

Gastar os nossos talentos, a nossa energia e o nosso tempo apenas para poupar, preservar e realizar-se, na verdade, leva a perder-se, ou seja, a uma existência triste e estéril. Pelo contrário, vivamos para o Senhor e baseemos a nossa vida no amor, como Jesus fez: poderemos assim saborear a alegria autêntica, e a nossa vida não será estéril, será fecunda.

A salvação é um dom gratuito

Diante do amor, diante da misericórdia, diante da graça divina derramada em nossos corações, só há uma consequência que se impõe: a gratuidade. Ninguém pode comprar a salvação! É um dom gratuito do Senhor, um dom gratuito de Deus que vem a nós e habita em nós. Assim recebemos gratuitamente, devemos dar gratuitamente (cfr Mt 10, 8); imitando Maria que, depois de aceitar «o anúncio do Anjo, partilha o dom da fertilidade com a sua parenta Isabel. Porque, se tudo nos foi dado, tudo deve ser devolvido. Como? Deixando que o Espírito Santo faça de nós um dom aos outros. O Espírito é um dom para nós e nós, com a força do Espírito, temos que ser um dom para os outros, deixando que o Espírito Santo faça de nós instrumentos de acolhimento, instrumentos de reconciliação, instrumentos de perdão. Se a nossa existência se deixar transformar pela graça do Senhor – porque é a graça do Senhor nos transforma – não poderemos guardar só para nós a luz que vem do seu rosto, mas deixá-la-emos passar para que ilumine os outros.

Um coração dócil

A salvação não se compra, não se vende. Oferece-se, é gratuita. Não podemos salvar-nos de nós próprios. A salvação é um dom, totalmente gratuito. Como escreve São Paulo, não se compra com o sangue de touros e cabras. E se não pode ser comprada, para entrar nessa salvação requer um coração humilde, um coração dócil, um coração obediente, como o coração de Maria.

Ele amou-nos primeiro

O seu perdão e sua salvação não são algo que compramos ou devemos adquirir com as nossas obras ou os nossos esforços. Ele perdoa-nos e liberta-nos gratuitamente. A entrega de Si mesmo na Cruz é algo tão grande que não podemos nem devemos pagar, só podemos acolhê-la com imensa gratidão e com a alegria de sermos tão amados, antes de podermos imaginá-la: «Ele amou-nos primeiro» (1Jo 4, 19).

Deus sempre dá o primeiro passo em nossa direção

Por um lado, é o movimento de Deus para o mundo, para a humanidade – toda a história da salvação, que culmina em Jesus – e, por outro lado, é o movimento dos homens para Deus – pensemos nas religiões, na busca da verdade, no caminho dos povos rumo à paz, à paz interior, à justiça e à liberdade. E este duplo movimento é movido por uma atração mútua. Da parte de Deus, o que é que O atrai? É Seu amor por nós: somos seus filhos, Ele ama-nos, e quer libertar-nos do mal, das doenças, da morte, e levar-nos à sua casa, ao seu Reino. Deus, por pura graça, atrai-nos para unir-nos a Ele. E também da nossa parte há um amor, um desejo: o bem atrai-nos sempre, a verdade atrai-nos, a vida, a felicidade e a beleza atraem-nos... Jesus é o ponto de encontro desta atração recíproca, deste duplo movimento: Ele é Deus-homem. Mas quem é que toma a iniciativa? É sempre Deus! O Seu amor sempre se adianta, vem ao nosso encontro! É sempre ele que toma a iniciativa. Ele espera-nos e convida-nos, a iniciativa é sempre dEle. Jesus é Deus que se fez homem, encarnou-se, nasceu para nós. A nova estrela que apareceu aos Magos foi o sinal do nascimento de Cristo. Se não tivessem visto a estrela, aqueles homens não teriam saído. A luz precede-nos, a verdade precede-nos, a beleza precede-nos. Deus vai antes de nós, precede-nos. O profeta Isaías dizia que Deus é como a flor da amendoeira. Porquê? Porque naquela terra a amendoeira é a primeira árvore a florescer. Deus adianta-se, precede-nos, Ele é o Deus que sempre nos procura, que move o primeiro passo. Deus sempre nos precede, vai antes de nós. A sua graça precede-nos, e esta graça apareceu em Jesus.

Por amor fomos salvos

Cristo, por amor, entregou-se até ao fim para vos salvar. Os seus braços abertos na cruz são o sinal mais precioso de um amigo capaz de chegar ao extremo: *«Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim»* (Jo 13, 1).

Primeiros passos para a verdadeira felicidade

- Jejuar, isto é, aprender a mudar a nossa atitude para com os outros e para com as criaturas: da tentação de «devorar» tudo para saciar a nossa ganância, à capacidade de sofrer por amor, que pode preencher o vazio do nosso coração.

- Orar para saber renunciar à idolatria e à autossuficiência do nosso ego, e declarar-nos necessitados do Senhor e da sua misericórdia.

- Dar esmolas para sair da estultice de viver e acumular tudo para nós mesmos, na ilusão de garantir um futuro que não nos pertence. E assim reencontrar a alegria do projeto que Deus colocou na criação e nos nossos corações, o de O amar, de amarmos aos nossos irmãos e irmãs e ao mundo inteiro, e encontrar nesse amor a verdadeira felicidade.

O céu não se paga com dinheiro

Jesus, quando fala da vida eterna, diz também como será o nosso juízo. Ele não dirá: Tu podes ficar comigo porque fizestes belas ofertas à Igreja, és um benfeitor, entra comigo no Céu. Não, a entrada ao Céu não se paga com dinheiro. Ele não dirá, tu és muito importante, estudaste tanto e recebeste tantas honrarias, entra no Céu. Não, nem as honras abrem a porta do Céu.

O que Jesus nos diz para que possamos ter a porta do Céu aberta? *"Eu estava com fome e tu deste-me de comer; Eu era sem-abrigo e tu me destes uma casa; Eu estava doente e vieste ver-me; Eu estava na prisão e tu viste visitar-me"* (Mt 25, 35-36). Jesus encontra-se na humildade.

Nem luxo, nem riqueza, nem poder

Nem luxo, nem grandes riquezas, nem poder são o caminho para o Céu. É a humildade. E os mais pobres, os doentes, os prisioneiros, os mais pecadores, que se arrependerem, nos precederão. Eles têm a chave que abre a porta para o Céu. Aquele que pratica a caridade é aquele que se deixa abraçar pela misericórdia do Senhor.

O que devemos fazer?

"O capítulo 3 do Evangelho de Lucas fala da pregação de João Batista. Apresenta vários grupos de pessoas que, tocadas pela sua pregação, perguntam: "O que devemos fazer?" (Lc 3, 10).

Esta pergunta não decorre pelo sentido do dever; é pelo coração que é tocado por Jesus, é pelo entusiasmo da sua vinda que os leva a perguntar: «O que devemos fazer?» João responde: "O Senhor está próximo". *O que devemos fazer?* Vamos dar um exemplo: imaginemos que um amigo vem nos visitar. Nós esperamo-lo com alegria, com impaciência. Para o receber adequadamente, limpamos a casa, preparamos um bom almoço, talvez

compramos um presente... Em suma, trabalhamos para lhe dar um bom acolhimento. Assim é com o Senhor, a alegria da sua vinda faz-nos dizer: o que devemos fazer? Mas Deus levanta esta pergunta a um nível mais alto: O que fazer da minha vida? Para que sou chamado? O que é que me realiza?

Ao sugerir-nos estas perguntas, o Evangelho recorda-nos algo de importante: a vida é uma tarefa a cumprir. A vida tem sentido, não é deixada ao acaso. Não! A vida é um dom que o Senhor nos confia dizendo: descobre quem tu és e trabalha arduamente para realizar este sonho que é a tua vida! Não esqueçamos que cada um de nós tem uma missão a cumprir. Por isso, não tenhamos medo de perguntar ao Senhor: o que devo fazer? Temos que repetir frequentemente essa pergunta. É esta uma pergunta recorrente na Bíblia: nos Atos dos Apóstolos, algumas pessoas, depois de ouvir Pedro anunciar a ressurreição de Jesus, «sentiram o coração trespassado e disseram a Pedro e aos outros apóstolos: "Que havemos de fazer?" (2, 37).

Perguntemo-lo também a nós: o que é bom fazer por mim e pelos meus irmãos? Como posso contribuir para o bem da Igreja, para o bem da sociedade?

O Caminho para a Felicidade

Jesus é o Filho feito Servo, enviado ao mundo para realizar o plano de salvação através da Cruz, para nos salvar a todos. A sua plena adesão à vontade do Pai torna transparente a sua humanidade para a glória de Deus, que é Amor.

Escutai Jesus. Ele é o Salvador: segui-O. Escutar a Cristo significa assumir a lógica do seu mistério pascal, é caminhar com Ele para fazer da nossa própria vida um dom de amor ao próximo, em dócil obediência à vontade de Deus, com uma atitude de desapego das coisas mundanas e de liberdade interior. Devemos estar prontos a «perder a nossa própria vida» (cfr Mc 8, 35), dando-a para que todos os homens sejam salvos: assim nos encontraremos na felicidade eterna. O caminho de Jesus leva-nos sempre à felicidade, não vos esqueçais disso! Sempre. Podemos passar pela cruz, por provações, mas no final traz sempre felicidade. Jesus não nos engana, promete a felicidade e teremos a felicidade se seguirmos os seus caminhos.

Confiai-vos à gratuidade do dom de Deus

Se não te confiares à gratuidade da salvação do Senhor, não serás salvo. Ninguém merece a salvação. Ninguém! "Mas eu rezo, jejuo..."Sim, isso te fará bem, mas se na base de tudo não houver gratuidade, não serve para nada. Somos como plantas estéreis. Estéreis para a vida da graça, estéreis para o Céu, estéreis para a santidade. Poderás ser católico, ir à missa aos domingos, pertencer a uma associação de beneficência e mais isto e aquilo, mas não poderás com isso comprar a salvação. Poderá ajudar-te a ser salvo só quando acreditares na gratuidade do dom de Deus. Tudo é graça.

Saber ver a graça

Os meus olhos viram a vossa salvação. Estas são as palavras do velho Simeão que repetimos todas as noites na oração de Completa. Com essas palavras terminamos o dia dizendo: “Senhor, a minha salvação vem de Ti, as minhas mãos não estão vazias, mas cheias da tua graça".

Saber ver a graça é o ponto de partida. Olhar para trás, reler a própria história e ver nela o dom fiel de Deus: não só nos grandes momentos da vida, mas também nas fragilidades, fraquezas e misérias. O tentador, o diabo, insiste precisamente sobre as nossas misérias, sobre as nossas mãos vazias: "Em tantos anos não melhorastes, não alcançastes o que podias alcançar, não te deixaram atuar segundo as tuas aptidões, nem sempre foste fiel, não és capaz..." E assim por diante. Cada um de nós bem conhece estas palavras. Nós vemos que, em parte, são verdadeiras e seguimos

pensamentos e sentimentos que nos desorientam. E corremos o risco de perder de vista a bússola, isto é, a gratuidade de Deus. Porque Deus sempre nos ama e se entrega a nós, mesmo em nossas misérias. São Jerônimo dava tantas coisas ao Senhor e o Senhor pedia-lhe ainda mais. Um dia disse-Lhe: «Mas, Senhor, já te dei tudo, tudo, o que falta?»; O Senhor respondeu: «Os teus pecados, as tuas misérias, dá-me as tuas misérias».

Quando mantemos o olhar fixo n'Ele, estamos também abertos ao perdão e somos confirmados da Sua fidelidade.

Tudo é gratuito, tudo é graça

A pregação evangélica nasce da gratuidade, da maravilha da salvação que se realiza; o que recebi de graça, devo dá-lo de graça. De graça recebestes, dai de graça: palavras que exprimem a gratuidade da salvação. Não podemos pregar, anunciar o reino de Deus, sem ter a certeza interior de que tudo é gratuito, tudo é graça. O Reino é como a semente que Deus dá. É um presente gratuito.

O anúncio do Evangelho deve passar pelo caminho da pobreza, pelo testemunho dessa pobreza. Não tenho riquezas, a minha riqueza é apenas o dom que recebi de Deus. Esta gratuidade é a nossa riqueza. É esta pobreza que nos salva do perigo de nos tornarmos organizadores, empreendedores. Temos que realizar boas obras, mas devem ser feitas com um coração de pobreza.

A Porta Estreita

O Evangelho de Lucas convida-nos a refletir sobre o tema da salvação. Jesus sobe da Galileia para a cidade de Jerusalém e, no caminho, um homem aproxima-se dele e pergunta-lhe: «Senhor, são poucos os que se salvam?» (13,23). Jesus não responde diretamente à pergunta: não é importante saber quantos se salvam, mas sim saber qual é o caminho da salvação. Por isso, Jesus responde à pergunta dizendo: *«Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois muitos tentarão entrar, mas não conseguirão»* (v. 24). O que Jesus quer dizer? Qual é a porta pela qual devemos entrar? E por que Jesus a chama de estreita?

A imagem da porta recorre várias vezes no Evangelho e recorda a porta do lar, da lareira doméstica, onde encontramos segurança, amor e aconchego. Jesus diz que há uma porta que nos que nos faz entrar na família de Deus, ao calor da casa de Deus, à comunhão com Ele. Esta porta é o próprio Jesus (cfr Jo 10, 9). Ele é a porta, a porta de entrada para a salvação. É Ele que nos conduz ao Pai; esta porta que é Jesus nunca está fechada, nunca se fecha, está sempre aberta a todos, sem distinção, sem exclusão, sem privilégios. Jesus não exclui ninguém. Alguém poderá dizer-me: «Padre, eu estou certamente excluído, porque sou um grande pecador: fiz coisas más, e

muitas vezes na vida». Não, tu não estás excluído! Precisamente por isso, estás entre os favoritos, porque Jesus prefere sempre o pecador para o perdoar, para o amar. Jesus está a tua espera para te abraçar e perdoar. Não tenhas medo: Ele está mesmo à tua espera. Anima-te, ganha coragem, entra nessa porta. Todos são convidados a passar, a atravessar a porta da fé, a deixar Jesus entrar na sua vida, para que a transforme, renove, lhe dê alegria plena e duradoura.

Luz ou escuridão

A vinda de Jesus ao mundo impõe uma escolha: quem escolher as trevas vai ao encontro a um juízo de condenação, quem escolher a luz terá um juízo de salvação. O julgamento é a consequência da livre escolha de cada um: quem pratica o mal está a procurar as trevas: o mal sempre se esconde, está coberto. Quem é verdadeiro, isto é, quem praticar o bem, caminha na luz, que ilumina os caminhos da sua vida. Quem caminha na luz, que se aproxima da luz, não pode fazer senão boas obras. É isto que somos chamados a fazer com maior empenho durante a Quaresma: acolher a luz na nossa consciência, abrir o coração ao amor infinito de Deus, à sua misericórdia cheia de ternura e bondade, ao seu perdão. É só pedir perdão, e Deus perdoa. Deus perdoa sempre, sempre, se humildemente pedirmos perdão. O que tu precisas fazer é pedir perdão, e Ele perdoa. E assim, encontraremos a verdadeira alegria e poderemos regozijar-nos com o perdão de Deus que regenera e dá vida.

Lembrança e memória

Todos temos a memória da salvação. Mas será que essa memória está perto de nós? Ou é uma memória um pouco distante, um pouco museológica? Quando a memória não está perto, aos poucos se transforma em simples lembrança. Por isso é que Moisés dizia ao povo: *"Todos os anos ireis ao templo, todos os anos apresentareis os frutos da terra, mas todos os anos lembrai-vos de onde saístes e como fostes salvos"*. Quando a memória se aproxima, faz duas coisas: aquece o coração e dá-nos alegria. Mas quando, a memória domesticada, se desvanece, torna-se mera recordação, não aquece o coração, não nos dá alegria e não nos dá força.

O encontro com a memória é um acontecimento de salvação, um encontro com o amor de Deus que fez história connosco e nos salvou. É tão bom ser salvo que devemos festejar. Quando Deus vem, quando Ele se aproxima, é sempre festa. No entanto, muitas vezes, nós, os cristãos, temos medo da festa e guardamos apenas a memória da salvação, não a memória que está viva. O Senhor disse-nos: *fazei isto em memória de mim.* Mas acontece que afastamos essa e a transformamos em lembrança, como se fosse um acontecimento habitual. Por isso, peçamos ao Senhor a graça de termos

sempre a sua memória bem perto de nós. Uma memória próxima, não domada pelo hábito e não tão distante como uma simples lembrança.

Os desertos de hoje

A voz de João Batista ainda hoje clama nos desertos da humanidade – o que são os desertos de hoje? As mentes fechadas e corações endurecidos – e isso nos leva a nos perguntar se estamos realmente no caminho certo, se estamos a viver uma vida de acordo com o Evangelho.

Hoje, como ontem, Ele admoesta-nos com as palavras do profeta Isaías: *«Preparai o caminho do Senhor!»* É um convite premente para abrirmos os nossos corações e acolhermos a salvação que Deus nos oferece incessantemente, quase teimosamente, porque Ele nos quer livres da escravidão do pecado. O texto do profeta expande essa voz, predizendo que *"todo homem verá a salvação de Deus"*. A salvação que é oferecida a cada homem e a cada povo, sem exceção, a cada um de nós. Ninguém pode dizer: *"Eu sou santo, eu sou perfeito, eu já estou salvo"*. Precisamos sempre de aceitar esta oferta de salvação.

A ilusão de se salvar sozinhos

O Senhor não nos salva com uma carta, com um decreto: salvou-nos com o seu amor. Tornou-se um de nós, caminhou connosco. Na Páscoa, o Senhor fez duas coisas: restituiu ao homem a dignidade perdida, a dignidade que perdemos e deu-nos esperança. Uma dignidade que perdura, até ao encontro final com Ele. Este é o caminho da salvação, um caminho que só o amor pode realizar. Somos dignos, mulheres e homens de esperança.

No entanto, por vezes, pensamos que podemos salvar-nos sozinhos, acreditamos que o conseguimos com os nossos esforços. Eu salvo-me a mim mesmo, salvo-me com dinheiro. Tenho certeza, tenho dinheiro, não há problema... tenho dignidade: a dignidade de uma pessoa rica; mas isso não basta. Pensemos na parábola do rico insensato que tinha os celeiros cheios e diz: *«Farei outro celeiro para ter mais, depois dormirei tranquilo»*. Mas o Senhor respondeu-lhe: *"Tolo! Tu vais morrer esta noite."* Essa salvação não é boa, é uma salvação provisória, uma salvação aparente, como, às vezes, em que nos iludimos de que podemos salvar-nos com vaidade, com orgulho, acreditando-nos poderosos, mascarando a nossa pobreza, os nossos pecados com vaidade, com orgulho.

> A verdadeira vida feliz, livre de todo o mal e na qual o Bem supremo nunca se pode perder [...] é a recompensa dos justos: na esperança de a obter, passamos a nossa vida temporal e mortal com mais paciência do que com prazer, e suportamos os seus males sustentados pelas boas intenções e pela graça de Deus, cheios de alegria pela promessa fiel de Deus e pela nossa expectativa confiante dos bens eternos. O apóstolo Paulo, exortando-nos a estes sentimentos, diz: Alegrai-vos na esperança, pacientes nas tribulações; assim, ele mostra que a razão de ser paciente nas tribulações está naquilo que ele diz antes, isto é, ser feliz na esperança. [...]
>
> Se, pois, encontrarmos a nossa alegria na verdadeira virtude, dirijamo-nos a Deus com as palavras que lemos nas Suas Sagradas Escrituras: *Só Tu, Senhor, minha força, eu amarei*. Se queremos ser verdadeiramente felizes – e não podemos deixar de o querer – tenhamos bem presente a máxima que aprendemos com as próprias Sagradas Escrituras: *Bem-aventurado aquele que deposita a sua esperança no Senhor e não segue a falsidade nem a tolice enganadora.* (Santo Agostinho, Epístola 155)

Questionamos a nossa alma tagarela

Muitas vezes estamos ocupados com muitas coisas, mesmo boas; mas o que acontece dentro de nós? Quem nos inspira a fazer uma coisa ou outra? Qual é a nossa tendência espiritual? A nossa vida é geralmente como uma vida de rua: quando caminhamos pela rua, só olhamos para as coisas que nos interessam, para as outras nem olhamos.

A luta é sempre entre a graça e o pecado, entre o Senhor que quer salvar-nos e tirar-nos desta tentação e o espírito maligno que nos quer deitar abaixo para nos vencer. É importante saber o que se passa dentro de nós. É importante viver um pouco por dentro, e não deixar que a nossa alma seja uma estrada por onde todos passam.

Antes de terminar o dia, reserva dois ou três minutos para te perguntar: "O que aconteceu hoje que foi importante dentro de mim? Ah, sim, expressei um pouco de ódio lá, eu falei mal, fiz uma obra de caridade... Quem é que te ajudou a fazer estas coisas, tanto as más como as boas? Vamos fazer-nos estas perguntas, para sabermos o que se passa dentro de nós. Às vezes, com aquela alma tagarela que todos temos, sabemos o que se passa no bairro, o que acontece na casa dos vizinhos, mas não sabemos o que acontece dentro de nós.

A verdadeira queda é não se deixar ajudar

Somos salvos por Jesus: porque Ele nos ama e não pode ser diferente. Podemos fazer qualquer coisa a Ele, mas Ele sempre nos ama e nos salva.

Porque só Aquele que ama pode salvar. Somente aquele que se deixa abraçar pode ser transformado. O amor do Senhor é maior do que todas as nossas contradições, todas as nossas fragilidades e toda a nossa mesquinhez. Mas é precisamente através das nossas contradições, fragilidades e mesquinhez que Ele quer escrever esta história de amor. Abraçou o filho pródigo, abraçou Pedro depois das suas negações, e abraça-nos sempre, sempre, sempre depois das nossas quedas, ajudando-nos a levantarmo-nos e a reerguermo-nos. Porque a verdadeira queda – presta atenção a isso – a verdadeira queda, aquela que pode arruinar as nossas vidas, é ficar no chão e não nos deixarmos ajudar.

> Misericórdia e verdade se encontraram, meus amigos. Retidão e verdade devem beijar-se. Na nossa fraqueza humana e miopia acreditamos que devemos escolher o nosso próprio caminho na vida e trememos pelo risco que corremos. Temos medo... Mas não, a nossa escolha não é importante. Chega o dia em que abrimos os olhos e vemos e compreendemos que a graça de Deus é infinita. Só temos de a esperar com confiança e recebê-la com gratidão. Deus não põe condições, não prefere um e outro não. O que escolhemos é-nos dado e, ao mesmo tempo, o que rejeitamos é-nos concedido, porque a misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a felicidade se beijaram. (O banquete de Babette, de Gabriel Axel, 1987)

Deixa-te elevar pelo Seu amor infinito

Cristo que na Cruz nos salvou dos nossos pecados, com o mesmo poder do seu dom total, continua a salvar-nos e a redimir-nos ainda hoje. Olha para a sua Cruz, agarra-te a Ele, deixa-te salvar, porque «aqueles que se deixam salvar por Ele estão livres do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento». E, se pecar e te afastar, Ele novamente te levanta com o poder da Sua Cruz. Nunca te esqueças que Ele perdoa setenta vezes sete. Ele carrega-nos mais uma vez nos ombros. Ninguém poderá tirar-nos a dignidade que amor infinito e inabalável de Deus nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca desilude e que sempre pode restituir a alegria.

A Alegria de ser salvo

Jesus entra em Jerusalém para morrer na cruz: é precisamente na cruz que resplandece o seu ser Rei segundo Deus: o seu trono real é a madeira da cruz! Porquê a cruz? Porque Jesus carrega sobre si o mal, a imundície, o pecado do mundo, até o nosso pecado, o pecado de todos, e lava-o, lava-o com o seu sangue, com misericórdia, com o amor de Deus. Olhemos à nossa volta: quantas feridas, o mal inflige à humanidade! Guerras, violência, conflitos económicos que afetam os mais fracos, sede de dinheiro, de

poder, corrupção, divisões, crimes contra a vida humana e contra a criação! E também – cada um de nós sabe e reconhece – os nossos pecados pessoais: a falta de amor e de respeito por Deus, pelo próximo e por toda a criação. No alto da cruz, Jesus sentiu todo o peso do mal e, com a força do amor de Deus, venceu-o e derrotando-o na sua ressurreição. Este é o bem que Jesus faz a cada um de nós no trono da Cruz. A Cruz de Cristo abraçada com amor nunca conduz à tristeza, mas à alegria, à alegria de ser salvo.

Sejas santo!

Para ser santo não é necessário ser bispo, padre ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade está reservada àqueles que têm a oportunidade de manter distância das ocupações comuns, a fim de dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o nosso próprio testemunho nas nossas ocupações quotidianas, onde quer que estejamos. És uma pessoa consagrada? Sejas santo, vivendo com alegria a tua vocação. És casado? sejas santo amando e cuidando do teu marido ou mulher, como Cristo fez pela Igreja. És trabalhador? Sejas santo, realizando o teu trabalho ao serviço dos irmãos e irmãs com honestidade e competência. És pai, avó ou avô? Sejas santo, ensinando pacientemente as crianças a seguirem Jesus. Tens autoridade? Sejas santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus próprios interesses pessoais.

Não Tenhas medo da santidade

Não tenhas medo da santidade. Ela não vai tirar a tua força, vida e alegria. Muito pelo contrário, por ela chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou, e tu serás fiel ao teu próprio ser. Depender d'Ele liberta-nos da escravidão e leva-nos a reconhecer a nossa dignidade.

Não tenha medo de mirar alto, de deixar-te amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de deixar que o Espírito Santo te guie. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fraqueza com a força da graça.

Nas provações, olha para frente

Pedro escreve: *«Tornai-vos santos em toda a vossa conduta. Porque está escrito: 'Sereis santos, porque eu sou santo'»*

Embora não seja fácil ser tão santo como o nosso Pai Celeste, o modelo da santidade é simples. Muitas vezes pensamos na santidade como algo extraordinário, como ter visões ou orações muito elevadas. Alguns pensam que ser santo significa ter um rosto como nas pagelinhas. Ser santo é outra coisa: é caminhar para a santidade, é caminhar para aquela luz, para aquela graça que vem ao nosso encontro. É curioso: quando caminhamos em

direção a uma luz, muitas vezes não conseguimos ver bem o caminho, porque a luz nos deslumbra. No entanto, não estamos errados porque, seguindo a luz, conhecemos o caminho.

Caminhar para a luz é caminhar para a santidade. Mesmo que nem sempre saibamos distinguir bem o caminho, a luz guia-nos para a esperança. E caminhar para a santidade é estar em tensão para o encontro com Jesus Cristo.

Mas para caminhar é necessário ser livre e sentir-se livre e, infelizmente, há muitas coisas que nos escravizam. São Pedro dá-nos um conselho: *"Como filhos obedientes, não vos conformeis com os desejos do passado, quando estáveis na ignorância".* Não vos conformeis, não entreis nos padrões do mundo, na maneira mundana de pensar, na maneira de pensar e julgar que o mundo vos oferece, porque isso vos tira a liberdade.

Para caminharmos para a santidade devemos ser livres: livres de caminhar olhando para a luz e avançar. Quando voltamos ao modo de vida que tínhamos antes do encontro com Jesus Cristo, quando voltamos aos valores do mundo, perdemos a nossa liberdade.

Nos momentos de provação, temos sempre a tentação a olhar para trás, de olhar para os padrões do mundo que nos fazem perder a nossa liberdade. E sem liberdade não podemos ser santos: a liberdade é a condição para podermos caminhar olhando para a luz diante de nós.

E o que você faz quando és posto à prova? Continuas a olhar para a frente ou perdes tua liberdade e te refugias nos esquemas mundanos que te prometem tudo e não te dão nada?

Peçamos a graça de compreendermos bem qual é o caminho da santidade, o caminho da liberdade, mas em tensão de esperança rumo ao encontro com Jesus.

Não te tornar escravo da falsa liberdade

A palavra «redenção» é pouco utilizada, mas é fundamental porque indica a libertação mais radical que Deus poderia realizar por nós, por toda a humanidade e por toda a criação. Parece que o homem de hoje já não goste de pensar em ser libertado e salvo pela intervenção de Deus; o homem de hoje ilude-se da sua própria liberdade como força para obter tudo.

Faço isto porque quero, tomo drogas porque gosto, sou livre, faço aquilo que quero. E também se gaba disso. Mas, na realidade, não é assim. Quantas ilusões se vendem sob o pretexto da liberdade e quantas novas

formas de escravidão se criam nos nossos dias em nome de uma falsa liberdade! São escravos! Tornam-se escravos em nome da liberdade. Todos nós já vimos pessoas que pensam assim e acabam no chão. Precisamos de Deus para nos libertar de todas as formas de indiferença, egoísmo e autossuficiência.

A partilha é verdadeira felicidade

Deus não se revela pelos meios do poder e das riquezas do mundo, mas com os meios da fraqueza e da pobreza: «de rico que era, fez-se pobre para vós...» Cristo, o Filho eterno de Deus, igual em poder e glória ao Pai, tornou-se pobre; desceu entre nós, fez-se «próximo de cada um de nós; despiu-se, "esvaziou-se", para se tornar como nós em todos os sentidos. A encarnação de Deus é um grande mistério! Mas a razão de tudo isto é o amor divino, um amor que é graça, generosidade, desejo de proximidade, e não hesita em doar-se e sacrificar-se pelas criaturas que ama. Caridade, amor é partilhar em tudo o destino do amado. O amor torna semelhantes, cria igualdade, derruba muros e distâncias. É o que Deus fez connosco.

A finalidade de Jesus em fazer-se pobre não é pela pobreza em si mesma, mas, como diz São Paulo, é «para vos tornardes ricos pela sua pobreza». Isto não é um simples jogo de palavras, de expressão cativante! É, antes, uma síntese da lógica de Deus, da lógica do amor, da lógica da Encarnação e da Cruz. Deus não fez cair sobre nós a salvação do outro, como a esmola de quem dá uma parte do seu supérfluo com pietismo filantrópico. Não é este o amor de Cristo! Quando Jesus desce às águas do Jordão e é batizado por João Batista, não o faz porque Ele precisa de penitência, de conversão; fá-lo para se colocar no meio do povo, necessitado de perdão, no meio de nós, pecadores, e para assumir o fardo dos nossos pecados. Este é o caminho que Ele escolheu para nos consolar, para nos salvar, para nos libertar da nossa miséria. O Apóstolo diz que fomos libertados, não pelas riquezas de Cristo, *mas pela sua pobreza*.

O que é, então, a pobreza com que Jesus nos liberta e nos enriquece? É precisamente a sua maneira de nos amar, de se aproximar de nós como o Bom Samaritano que se aproxima daquele homem deixado meio morto à beira da estrada. O que nos dá a verdadeira liberdade, a verdadeira salvação e a verdadeira felicidade é o seu amor de compaixão, ternura e partilha. A pobreza de Cristo que nos enriquece é o seu tornar-se carne, o seu tomar sobre si as nossas fraquezas, os nossos pecados, e comunicando-nos a infinita misericórdia de Deus.

Aprendamos a abraçar a nossa fragilidade

A história da salvação realiza-se «na esperança contra toda a esperança» (Rm 4, 18) através das nossas fraquezas. Muitas vezes pensamos que Deus

confia apenas na parte boa e vencedora de nós, quando na realidade a maioria dos seus planos são realizados através e apesar da nossa fraqueza. É isto que faz São Paulo dizer: «Para que eu não me orgulhasse, foi dado um espinho à minha carne, um enviado de Satanás para me ferir, para que eu não me orgulhasse. Por isso, orei ao Senhor três vezes para que a afastasse de mim. E disse-me: "A minha graça te basta; porque a força se manifesta plenamente na fraqueza» (2 Cor 12, 7-9). Se esta é a perspetiva da economia da salvação, devemos aprender a acolher a nossa fraqueza com profunda ternura.

O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com juízo negativo, enquanto o Espírito a traz à «luz com ternura. A ternura é a melhor maneira de tocar o que é frágil em nós. O dedo apontado e o julgamento que usamos para com os outros são muitas vezes um sinal da incapacidade de aceitar dentro de nós a nossa própria fraqueza, a nossa própria fragilidade. Só a ternura nos salvará da obra do Acusador. Por isso, é importante encontrar a misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da Reconciliação, para fazermos a experiência da verdade e da ternura. Paradoxalmente, até o Maligno pode dizer-nos a verdade, mas se o faz, é para nos condenar. Sabemos, porém, sabemos que a Verdade que vem de Deus e Deus não nos condena, mas nos acolhe, abraça, sustenta e perdoa.

A Graça de Deus muda os nossos corações

São imperscrutáveis os caminhos do Senhor! Faz parte da nossa experiência todos os dias, mas sobretudo se pensarmos nos momentos em que o Senhor nos chamou. Nunca devemos esquecer o tempo e o modo como Deus entrou na nossa vida: manter fixo no nosso coração e na nossa mente aquele encontro com a graça, quando Deus mudou a nossa existência.

Quantas vezes, diante das grandes obras do Senhor, surge espontaneamente a pergunta: como é possível que Deus se sirva de um pecador, uma pessoa frágil e fraca, para realizar a sua vontade? No entanto, nada acontece por ocaso, tudo foi preparado no plano de Deus. Ele tece a nossa história, a história de cada um de nós: tece a nossa história e, se respondermos com confiança ao seu plano de salvação, realizamo-lo. O chamado envolve sempre uma missão a que estamos destinados; por isso somos convidados a preparar-nos seriamente, sabendo que é o próprio Deus que nos convida, é o próprio Deus que nos sustenta com a sua graça. Irmãos e irmãs, deixemo-nos conduzir por esta consciência: o primado da graça transforma a vida e torna-a digna de ser posta ao serviço do Evangelho. O primado da graça cobre todos os pecados, muda os corações, muda a vida, faz-nos ver novos caminhos. Não nos esqueçamos disto!

O amor é sempre liberdade

Cumpriu-se o tempo da salvação porque Jesus chegou. Contudo, a salvação não é automática, é um dom de amor e, como tal, é oferecido à nossa liberdade. Sempre que falamos de amor, falamos de liberdade: um amor sem liberdade não é amor; pode ser interesse, pode ser medo, mas não amor. O amor é sempre livre, e por ser livre exige uma resposta livre: exige a nossa conversão. Ou seja, trata-se de mudar a mentalidade – isto é conversão, mudar mentalidade – mudar a vida: já não se seguem os modelos do mundo, mas o modelo de Deus.

Perdão, amor e alegria

Ao tornar-se um de nós, o Senhor Jesus não só assume a nossa condição humana, mas eleva-nos à possibilidade de sermos filhos de Deus. Com a sua morte e ressurreição, Jesus Cristo, Cordeiro sem mancha, venceu a morte e o pecado para nos libertar do seu domínio. Ele é o Cordeiro que foi sacrificado por nós, para que recebêssemos uma nova vida de perdão, amor e alegria. Estas três palavras são belas: perdão, amor e alegria. Tudo o que Ele assumiu também foi redimido, liberto e salvo. Claro que é verdade que a vida nos põe à prova e, por vezes, sofremos por isso. No entanto, nestes momentos somos convidados a centrar o olhar sobre Jesus crucificado que sofre por nós e connosco, como prova segura de que Deus não nos abandona. Nunca esqueçamos, porém, que na angústia e na perseguição, como nas dores quotidianas, somos sempre libertados pela mão misericordiosa de Deus que nos eleva a Si mesmo e nos conduz a uma vida nova.

Redimidos e salvos por amor

O amor de Deus é ilimitado: podemos descobrir sinais sempre novos que indicam a sua atenção para connosco e, sobretudo, a sua disponibilidade para nos estender a mão e para nos preceder. Toda a nossa vida, embora marcada pela fragilidade do pecado, é colocada sob o olhar de Deus que nos ama.

Quantas páginas da Sagrada Escritura nos falam da presença, da proximidade e da ternura de Deus por cada pessoa, especialmente pelos pequeninos, pobres e aflitos! Deus tem uma grande ternura, um grande amor pelos pequeninos, pelos mais fracos, pelos descartados da sociedade. Quanto mais necessitamos, tanto mais o seu olhar sobre nós se enche de misericórdia. Ele tem uma compaixão compassiva por nós por nós porque bem conhece as nossas fraquezas. Ele conhece os nossos pecados e perdoa-nos; perdoa sempre! Ele é tão bom, o nosso Pai é tão bom. Por isso, abramo-nos a Ele, acolhamos a sua graça! Porque, como diz o salmo, «a misericórdia está no Senhor, e com Ele abundante redenção».

Das nossas feridas nascem as pérolas

Maria era pouco mais que adolescente, mas no Magnificat dá voz de louvor ao seu povo, à sua história. Isso nos mostra que ser jovem não significa estar desconectado do passado. A nossa história pessoal insere-se num longo percurso, num percurso comunitário que nos precedeu ao longo dos séculos. Como Maria, pertencemos a um povo. E a história da Igreja ensina-nos que, mesmo quando temos de atravessar mares tempestuosos, a mão de Deus a conduz, ajuda-a a superar os momentos difíceis. A experiência real da Igreja não é como um *flashmob*, em que se marca um encontro, realiza uma *performance* e depois cada um segue o seu próprio caminho. A Igreja traz em si uma longa tradição, que se transmite de geração em geração, enriquecendo-se, ao mesmo tempo, pela experiência de cada um. A vossa história também encontra o seu lugar na história da Igreja.

A memória do passado serve também para acolher as novas intervenções que Deus quer realizar em nós e através de nós. E ajuda-nos a abrirmo-nos para sermos escolhidos como seus instrumentos, colaboradores nos seus projetos salvíficos. Também vós, jovens, podeis fazer grandes coisas, assumir grandes responsabilidades, se reconhecerdes a ação misericordiosa e omnipotente de Deus na vossa vida.

Como é que salvamos na nossa memória os acontecimentos, as experiências da nossa vida? Como tratar os factos e as imagens gravados nas suas memórias? Para alguns, particularmente feridos pelas circunstâncias da vida, gostariam de «recetar» o seu passado, e fazer valer o direito ao esquecimento. Mas gostaria de vos recordar que não há santo sem passado, como não há pecador sem futuro. A pérola nasce de uma ferida de ostra! Jesus, com o seu amor, pode curar os nossos corações, transformando as nossas feridas em autênticas pérolas.

Cada momento da vida é um tempo precioso

A mensagem de Jesus convida-nos a reconhecer que precisamos de Deus e da sua graça; a termos uma atitude equilibrada em relação aos bens terrenos; e sermos acolhedores e humildes para com todos; a conhecer-se e realizar-se no encontro e no serviço aos outros. Para cada um de nós, o tempo em que podemos aceitar a redenção é breve: é a duração da nossa vida neste mundo. É breve. E a vida é um dom do amor infinito de Deus, mas é também um tempo para verificar o nosso amor por Ele. Portanto, cada momento, cada instante da nossa existência é um tempo precioso para amar a Deus e amar o próximo, e assim entrar na vida eterna.

A história da nossa vida tem dois ritmos: um, mensurável, feito de horas, dias, anos; o outro, composto pelas estações do nosso desenvolvimento: nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice, morte. Cada tempo, cada fase tem o seu próprio valor e pode ser um momento

privilegiado de encontro com o Senhor. A fé ajuda-nos a descobrir o significado espiritual destes tempos: cada um deles contém um apelo particular do Senhor, ao qual podemos dar uma resposta positiva ou negativa. No Evangelho, vemos como Simão, André, Tiago e João responderam: eram homens maduros, tinham o seu trabalho como pescadores, tinham família... No entanto, quando Jesus passou e os chamou, *deixaram imediatamente as suas redes e seguiram-no»* (Mc 1, 18).

Tenhamos cuidado e não deixarmos Jesus passar sem O receber. Santo Agostinho dizia: «Tenho medo de Deus quando Ele passa». Medo de quê? Medo de não o reconhecer, de não o ver, de não o receber.

As flores mais belas nas pedras mais áridas

Mesmo que sejamos pecadores – todos o somos – mesmo que as nossas boas intenções tenham permanecido só no papel, ou se, olhando para as nossas vidas, percebamos que somámos tantos fracassos... Na manhã de Páscoa podemos fazer como aquelas pessoas de quem o Evangelho nos fala: ir ao túmulo de Cristo, ver a grande pedra derrubada e pensar que Deus está trazendo um futuro inesperado para mim, para todos nós. Para ver como Deus é capaz de ressuscitar a partir daí. Aqui há felicidade, aqui há alegria, aqui está a vida, onde todos pensavam que só havia tristeza, derrota e escuridão. Deus faz crescer as Suas mais belas Flores nas pedras mais secas.

II - A FELICIDADE REGALA-SE

Amigo, TU não és feito para sobreviver, para passar seus dias equilibrando deveres e prazeres, tu és feito para voar para o alto, para os desejos mais verdadeiros e mais belos que tens em teu coração, para Deus que deve ser amado e para o próximo para o servir. Não pensar que os grandes sonhos da vida sejam inalcançáveis.

Para cima, rumo a um grande objetivo

Tu és feitos para levantar o voo, para abraçar a coragem da verdade e promover a beleza da justiça, para “elevar a força do teu temperamento moral, ser compassivo, servir os outros e construir relações", para semear a paz e cura onde quer que estejas; para inflamar o entusiasmo de quem vive ao seu lado; para ir mais longe, não para nivelar tudo.

Mas, podes pensar que viver assim é mais difícil do que voar. Certo que não é fácil, porque deverá sempre lidar com aquela "força da gravidade espiritual" que nos empurra para baixo, que paralisa os nossos desejos, que enfraquece a nossa alegria. Então, pensa na andorinha do Ártico que na Argentina chama-se de *charrán*: ela não deixa que os ventos contrários ou as mudanças bruscas de temperatura a impeçam de ir de uma extremidade à outra da Terra; às vezes escolhe caminhos que não são diretos, aceita os desvios, adapta-se ao soprar dos ventos favoráveis ... e mantém sempre o destino claro, voa em direção ao seu destino.

Encontrarás pessoas que tentarão anular os teus sonhos, que te dirão de contentar-te com pouco, de lutar apenas pelo que é conveniente. Então poderás perguntar-te: por que devo trabalhar para o que os outros não acreditam? E ainda: como posso descolar num mundo que parece afundar-se cada vez mais em escândalos, guerras, enganos, injustiças, destruição do ambiente, indiferença para com os mais fracos, desilusões por parte de quem deveria dar o bom exemplo? Perante estas questões, qual será a tua resposta?

A resposta és tu, meu irmão, minha irmã. Não é por desistires que já perdeste, o futuro está nas tuas mãos. Está nas tuas mãos a comunidade que te gerou, o ambiente em que vives, a esperança dos teus pares, de quem, mesmo sem pedir, espera que tu faças o bem original e irrepetível que podes introduzir na história, porque "cada um de nós é único".

O mundo em que habitas é a riqueza que herdastes: amai-o, como te amaram aqueles que te deram a vida e as maiores alegrias, como Deus te ama, que para ti criou quanto de belo existe e nunca deixa de confiar em ti, nem por um breve momento. Ele acredita nos talentos que Ele próprio te

deu. Cada vez que o procuras, compreenderás como o caminho que te chama a percorrer tende sempre para o alto. Percebê-lo-ás quando olhares para o céu em oração e, sobretudo, quando elevarás o olhar para o Crucificado. Compreenderás que Jesus da cruz nunca te aponta o dedo, mas te abraça e te encoraja, porque Ele crê em ti mesmo quando deixarás de crer em ti mesmo. Portanto, nunca percas a esperança, lutas, dê tudo de ti e não te arrependerás. Sigas em frente pelo caminho, "passo a passo rumo ao melhor". Coloca o navegador da tua existência em direção a uma grande meta, para o alto!

Não é difícil morrer bem. Difícil é viver bem. (Don Pietro antes de ser baleado pelos nazistas, em Roma cidade aberta, Roberto Rossellini, 1945)

Tornar-se instrumentos de misericórdia

Querer estar perto de Cristo exige tornar-se próximos dos irmãos, porque nada é mais agradável ao Pai do que um sinal concreto de misericórdia. Pela sua própria natureza, a misericórdia torna-se visível e tangível na ação concreta e dinâmica. Uma vez experimentada na sua verdade, não se volta atrás: ela cresce continuamente e transforma a vida. É uma verdadeira nova criação que realiza um coração novo, capaz de amar plenamente, e purifica os olhos para que reconheçam as necessidades mais ocultas. Quão verdadeiras são as palavras com que a Igreja reza na Vigília Pascal, após a leitura do relato da criação: «Ó Deus, que de modo admirável nos criaste à tua imagem, e de modo mais admirável nos renovaste e redimiste».

A misericórdia *renova e redime*, porque é o encontro de dois corações: o de Deus que vem ao encontro do homem. Isto aquece e o primeiro cura-o: o coração de pedra transforma-se num coração de carne, capaz de amar apesar do pecado. Aqui percebe-se verdadeiramente de ser uma «nova criatura»: sou amado, logo existo; sou perdoado, então renasci para uma vida nova; fui "misericordioso", por isso me torno instrumento de misericórdia.

Semear a paz

"Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus." Olhemos para os rostos de quem anda por aí a semear a discórdia: estão felizes? Aqueles que estão sempre à procura de oportunidades para enganar, para tirar proveito dos outros, estão felizes? Não, eles não podem ser felizes. Em vez, aqueles que todos os dias, com paciência, procuram semear a paz, que são artesãos da paz, da reconciliação, estes são de facto abençoados, porque são verdadeiros filhos do nosso Pai Celeste, que sempre e só semeia a paz, a ponto de ter enviado o seu Filho ao mundo como semente de paz para a humanidade.

Cada um perscrute o seu próprio coração e confesse a si mesmo os seus pecados sem cessar. Não tenhais medo do vosso pecado, mesmo depois de o reconhecerdes, desde que haja arrependimento, mas não pondes condições a Deus. E, ainda, digo-vos: não sejais soberbos. Não sejais soberbos diante dos pequenos, não sejais soberbos nem diante dos grandes. Não odieis os que vos rejeitam e desonram, os que vos injuriam e caluniam. Não odieis os ateus, nem os maus mestres e os materialistas, nem mesmo os piores entre eles – para não falar dos bons, pois há muitos bons, especialmente em nosso tempo. Recordai-os na vossa oração: «Salvai, Senhor, todos aqueles por quem ninguém reza, salvai mesmo aqueles por quem ninguém reza e também aquele que se recusam de orar». E acrescentai ainda: "Não por orgulho, peço-te, ó Senhor, porque eu também sou cobarde, pior do que tudo e de todos..." "Tenhais fé e segurai bem alto a bandeira. Mantenhai-la alto... (F. M. Dostoievskij, *I fratelli Karamazov*)

O poder de mudar as coisas

Nos meus anos como bispo, aprendi uma coisa: não há nada de mais belo do que contemplar os desejos, o empenho, a paixão e a energia com que tantos jovens vivem a vida. E de onde vem essa beleza? Quando Jesus toca o coração de um jovem, de uma jovem, estes são capazes de atos verdadeiramente grandiosos. É inspirador ouvi-los partilhar os seus sonhos, as suas perguntas e o seu desejo de se opor a todos aqueles que dizem que as coisas não podem mudar, aqueles a quem chamo os "quietistas": "Nada pode ser mudado..."

É um presente do céu ver muitos jovens tentando fazer as coisas diferentes. É lindo e conforta meu coração vê-los tão exuberantes. A Igreja olha para vós e quer aprender convosco, para renovar a sua confiança na misericórdia do Pai, que tem um rosto sempre jovem e não cessa de nos convidar a fazer parte do seu Reino, que é um Reino de alegria, de felicidade, um Reino que nos leva sempre em frente e é capaz de nos dar a força para mudar as coisas.

Alimentais grandes Ideais

Saibais que Jesus vos ama: Ele é um amigo sincero e fiel, que nunca vos abandonará; podeis confiar Nele! Nos momentos de dúvida – todos tivemos momentos difíceis de dúvida quando éramos jovens – em momentos de dificuldade, podeis contar com a ajuda de Jesus, especialmente para alimentar os vossos grandes ideais.

Muitas vezes ouvi alguns jovens dizerem: «Sim, confio em Deus, mas não confio na Igreja». Mas porquê? "Porque eu sou um manja-padres." Se és assim, aproxima-te do sacerdote e diz-lhe: "Eu não confio em ti, por isto, isto e isto. Aproxima-te. Aproxima-te do bispo e diz-lhe de cara na cara: Eu

não confio na Igreja para isto, para isto e para isto." Esta é uma juventude corajosa! Talvez nesse dia àquele padre vai sentir uma dor no fígado e te expulsará, mas será apenas por essa vez. Então ele sempre te responderá alguma coisa. Mas é preciso estar disposto a ouvir a resposta. Ouçais!

Sobre o amor seremos julgados

Não podemos fugir das palavras do Senhor, é por elas que seremos julgados: se tivermos dado alimento aos famintos e bebida aos sedentos. Se acolhermos o estrangeiro e vestirmos o nu. Se tivermos tempo para estar com os doentes e encarcerados (cfr Mt 25, 31-45). Igualmente nos será pedido se tivermos ajudado a sair da dúvida que deita no medo e que é muitas vezes uma fonte de solidão; se fomos capazes de superar a ignorância em que vivem milhões de pessoas, especialmente as crianças privadas da ajuda de que necessitam para serem resgatadas da pobreza; se estivemos próximos daqueles que estão sozinhos e aflitos; se perdoámos aqueles que nos ofendem; se tivermos rejeitado qualquer forma de ressentimento e ódio que conduza à violência; se tivermos paciência seguindo o exemplo de Deus que é tão paciente para connosco; se, finalmente, confiamos os nossos irmãos e irmãs ao Senhor em oração. Em cada um destes «pequeninos» está presente o próprio Cristo. A sua carne torna-se novamente visível como um corpo torturado, ferido, açoitado, desnutrido, em fuga... ser reconhecido, tocado e cuidado por nós. Não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: «Na noite da vida, seremos julgados pelo amor».

Qual é a tua identidade?

O pecado, especialmente o pecado do mundanismo que é como o ar, permeia tudo, levou a uma mentalidade que tende a afirmar-se contra os outros e também contra Deus. No espírito do mundo, é difícil exprimir a própria identidade em termos positivos e de salvação, tantas vezes ela é «expressa em termos de «contra». Para isso, não hesita – a mentalidade do pecado, a mentalidade do mundo – em recorrer ao engano e à violência. E depois vemos o que acontece: ganância, desejo de poder e não de serviço, guerras, exploração das pessoas.

A tudo isto se opõe a mensagem de Jesus, que nos convida a reconhecer que temos necessidade de Deus e da sua graça; ter uma atitude equilibrada em relação aos bens terrenos; ser acolhedor e humilde para todos; conhecer-se e realizar-se no encontro e no serviço aos outros. Para cada um de nós, o tempo em que podemos aceitar a redenção é breve: é a duração da nossa vida neste mundo. É breve. E a vida é um dom do amor infinito de Deus, mas é também um tempo para testar o nosso amor por Ele. Portanto, cada momento, cada instante da nossa existência é um

tempo precioso para amar a Deus e amar o próximo, e assim entrar na vida eterna.

Vamos sair da nossa zona de conforto

Não pensamos nos pobres apenas como beneficiários de uma boa prática de voluntariado a ser feito uma vez por semana, ainda menos a uma série de gestos improvisados de boa vontade para pôr em paz a nossa consciência. Estas experiências, embora válidas e úteis para sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e irmãs e para as injustiças que muitas vezes lhes são causadas, devem conduzir a um verdadeiro encontro com os pobres e suscitar uma partilha que se torne um estilo de vida. De facto, a oração, o caminho do discipulado e da conversão encontram na caridade que se torna partilha a verificação da sua autenticidade evangélica. Desta forma de vida vem a alegria e a serenidade da alma, porque se toca com as mãos a carne de Cristo. Se queremos verdadeiramente encontrar Cristo, é necessário que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como confirmação da comunhão sacramental recebida na Eucaristia. O Corpo de Cristo, partido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade partilhada nos rostos e das pessoas dos irmãos mais fracos. As palavras do santo bispo Crisóstomo são sempre atuais: *«Se queres honrar o corpo de Cristo, não o desprezar quando está nu; não honreis o Cristo eucarístico com vestes de seda, enquanto fora do templo negligenciais o outro Cristo que está afligido pelo frio e pela nudez."*

Somos chamados, portanto, a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, a olhá-los nos olhos, a abraçá-los, a fazê-los sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sair das nossas certezas e confortos e a reconhecer o valor que a pobreza em si mesma constitui.

A misericórdia não conhece limites

Ainda hoje, populações inteiras sofrem de fome e sede, e quanta preocupação despertam as imagens de crianças que não têm nada para comer. Massas de pessoas continuam a migrar de um país para outro em busca de comida, trabalho, abrigo e paz. A doença, nas suas diversas formas, é uma causa permanente de sofrimento que requer ajuda, consolo e apoio. As prisões são locais onde, muitas vezes, a pena restritiva é agravada por dificuldades por vezes graves devido a condições de vida desumanas. O analfabetismo ainda é muito difuso e impede a formação dos meninos e meninas e os expõe a novas formas de escravidão. A cultura do individualismo exasperado, especialmente no Ocidente, leva à perda do sentido de solidariedade e responsabilidade para com os outros. O próprio

Deus permanece desconhecido para muitos hoje; isto representa a maior pobreza e o maior obstáculo ao reconhecimento da dignidade inviolável da vida humana.

Em suma, as obras de misericórdia corporais e espirituais constituem, até aos nossos dias, a verificação do grande e positivo impacto da misericórdia como valor social. De facto, ela impele-nos a arregaçar as mangas para restituir a dignidade a milhões de pessoas que são nossos irmãos e irmãs, chamados connosco a construir uma «cidade fiável».

Esforcemo-nos por darmos formas concretas à caridade e, ao mesmo tempo, inteligência às obras de misericórdia. Este último tem uma ação inclusiva, por isso, tende a espalhar-se como manha de óleo e não conhece limites. Neste sentido, somos chamados a dar um novo rosto às obras de misericórdia que desde sempre conhecemos. A misericórdia, de facto, excede; vai sempre mais longe, é fecunda. É como o fermento que no meio da massa (cfr Mt 13, 33) e como o grão de mostarda que se torna árvore» (Lc 13, 19).

Vencer a tentação da indiferença

Todos precisamos de conversão no que diz respeito aos pobres. Precisamos cuidar deles, ser sensíveis às suas necessidades espirituais e materiais. Confio de modo especial aos jovens a tarefa de recolocar a solidariedade no centro da cultura humana. Perante as velhas e as novas formas de pobreza – desemprego, emigração, tantas dependências de vária ordem – temos o dever de estar vigilantes e conscientes, vencendo a tentação da indiferença. Pensemos também naqueles que não se sentem amados, que não têm esperança no futuro, que desistem de se comprometer com a vida porque estão desanimados, desiludidos, atemorizados. Não nos limitemos a encher a boca com belas palavras sobre os pobres! Temos de aprender a estar com eles. Vamos conhecê-los, olhá-los nos olhos, ouvi-los. Os pobres são para nós uma oportunidade concreta de encontrar o próprio Cristo, de tocar a sua carne sofredora.

Ser cristão é agir

Não ter emprego e não receber o justo salário; não poder ter casa ou uma terra onde habitar; ser discriminado por causa da fé, da raça, do estatuto social... Estas e muitas outras são condições que atentam contra a dignidade da pessoa, às quais a ação misericordiosa dos cristãos responde sobretudo com vigilância e solidariedade. Quantas situações existem hoje em que podemos restituir dignidade às pessoas e permitir-lhes viver uma vida humana! Pensemos apenas nas muitas crianças, rapazes e raparigas, que sofrem violências de vários tipos, que lhes roubam a alegria de viver. Seus rostos tristes e desnorteados estão gravados em minha mente; eles

pedem a nossa ajuda para nos libertarmos da escravidão do mundo contemporâneo. Estas crianças são os jovens de amanhã; como é que os estamos a preparar para viverem com dignidade e responsabilidade? Com qual esperança podem enfrentar o seu presente e o seu futuro?

O *carácter social* da misericórdia exige que não permaneçamos inertes e que a indiferença e a hipocrisia sejam banidas, para que os planos e os projetos não permaneçam letra morta.

O prazer de ser uma nascente

Cada vez que encontramos um ser humano com amor, colocamo-nos na posição certa para descobrirmos algo de novo sobre Deus. Cada vez que abrimos os olhos para reconhecer "o outro", a nossa fé é mais iluminada para reconhecer Deus. Como consequência, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos deixar de ser missionários. O empenho na evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito e fazem sair fora dos nossos limitados esquemas espirituais. Ao mesmo tempo, um missionário que se dedica plenamente ao seu trabalho experimenta o prazer de ser uma nascente, transbordante que refresca os outros. Podem ser missionários só aqueles que se sentem bem em buscar o bem do próximo e desejam a felicidade dos outros. Esta abertura do coração é fonte de felicidade, porque *«há mais alegria em dar do que em receber»* (Act 20, 35). Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar; quando resistimos em dar, nos fechamos no conforto, o que não é mais do que um lento suicídio.

Eu sou uma missão

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que eu possa tirar, não é um apêndice, nem um momento entre muitos na existência. É algo que não posso erradicar do meu ser se não quiser me destruir. Eu sou uma missão nesta Terra, e é por isso que estou neste mundo. É preciso reconhecer-se a si mesmos como marcados por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, edificar, curar, libertar. Aí revela-se enfermeira de coração, professora de coração, política de coração, aquela que decidiu, no fundo, estar com os outros e para os outros. No entanto, se dividirmos o nosso dever, por um lado, e a vida privada, de outro lado, tudo se torna cinzento, por isso, procuraremos continuamente o reconhecimento ou a defesa das nossas exigências. Deixaremos de ser um povo.

Cada pessoa é digna da nossa dedicação

Para partilhar a vida com as pessoas e doar generosamente, precisamos também reconhecer que cada pessoa é digna da nossa dedicação. Não por

causa da sua aparência física, por causa das suas capacidades, por causa da sua linguagem, por causa da sua mentalidade, ou por causa das satisfações que nos pode oferecer, mas porque é obra de Deus, a sua criatura. Ele a criou à sua imagem, e isso reflete algo de sua glória. Cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor, e Ele mesmo habita na sua vida. Jesus Cristo deu Seu precioso sangue na cruz por essa pessoa. Além de todas as aparências, todos são imensamente sagrados e merecem nosso carinho e dedicação. Portanto, se eu puder ajudar uma pessoa a viver melhor, isso é suficiente para justificar o dom da minha vida. É bom ser o povo fiel de Deus. Ganhamos plenitude quando derrubamos as paredes e nossos corações se enchem de rostos e nomes!

Não com palavras, mas com atos

«Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e com verdade» (1 Jo 3, 18). Estas palavras do apóstolo João exprimem um imperativo que nenhum cristão pode ignorar. A seriedade com que o 'discípulo amado' transmite o mandamento de Jesus aos nossos dias torna-se ainda mais acentuada pela oposição que ele vê entre as palavras vazias que muitas vezes estão nos nossos lábios e os factos concretos com os quais somos chamados a medir-nos. O amor não admite álibis: aqueles que pretendem amar como Jesus amou devem assumir o Seu exemplo; especialmente quando são chamados a amar os pobres. Além disso, o modo de amar do Filho de Deus é bem conhecido, e João recorda-o claramente. Baseia-se em dois pilares: Deus nos amou primeiro (cf. 1 Jo 4, 10.19); e nos amou dando tudo de si mesmo, até a própria vida (cf. 1 Jo 3, 16).

Esse amor total não pode ficar sem resposta. É um amor dado unilateralmente, isto é, sem pedir nada em troca, mas inflama tanto o coração que todos se sentem levados a retribuí-la, apesar das suas limitações e pecados. E isto é possível se a graça de Deus, a sua caridade misericordiosa, for recebida nos nossos corações, de modo a levar a nossa vontade e também os nossos afetos ao amor ao próprio Deus e ao próximo. Deste modo, a misericórdia que brota, por assim dizer, do coração da Trindade, pode chegar a pôr em movimento a nossa vida e gerar compaixão e obras de misericórdia para com os nossos irmãos e irmãs necessitados.

Testemunha com a tua vida

Cada cristão, batizado na água e no Espírito Santo, é chamado a viver como se estivesse imerso numa Páscoa perene e, portanto, a viver como ressuscitado. Não vive como um morto, mas como um ressuscitado! Este dom não é apenas para nós, mas destina-se a ser partilhado com todos. A missão não pode deixar de ser motivada pelo entusiasmo de finalmente poder partilhar esta felicidade com os outros. Uma bela e enriquecedora

experiência de fé, que saiba também enfrentar as inevitáveis resistências da vida, torna-se quase naturalmente convincente. Quando alguém conta o Evangelho com a sua própria vida, ele rompe até os corações mais duros. Por isso, confio-vos o último verbo do missionário cristão: testemunhai com a vossa vida. E aquele que não testemunha com a sua vida, que finge... É como alguém que tem alguns cheques na mão, mas não os assina. Testemunhar é marcar as próprias riquezas, as suas qualidades, a sua vocação. Coloque a sua assinatura, sempre!

Uma verdadeira revolução cultural

Somos chamados a promover uma cultura da misericórdia, baseada na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura em que ninguém olha para o outro com indiferença ou se afasta quando vê o sofrimento dos irmãos. As obras de misericórdia são «artesanais»: nenhuma delas é igual à outra; as nossas mãos podem moldá-las de mil maneiras, e mesmo que Deus as inspire e a «matéria» de que são feitas seja única, isto é, a própria misericórdia, cada uma adquire uma forma diferente.

As obras de misericórdia, de facto, tocam toda a vida de uma pessoa. É por isso que podemos iniciar uma verdadeira revolução cultural a partir da simplicidade dos gestos que podem chegar ao corpo e ao espírito, ou seja, à vida das pessoas. É um compromisso que a comunidade cristã pode assumir como sua, na consciência de que a Palavra do Senhor a chama sempre a sair da indiferença e do individualismo em que é tentada a fechar-se para levar uma vida confortável e sem problemas. *«Os pobres estarão sempre convosco»* (Jo 12, 8), diz Jesus aos seus discípulos. Não há álibis que possam justificar um desengajamento quando sabemos que Ele se identificou com cada um deles.

Viver para Servir

Ao acolher o marginalizado ferido no corpo e ao acolher o pecador ferido na alma, está em jogo a nossa credibilidade como cristãos. Não se trata de ideias!

Hoje a humanidade precisa de homens e mulheres que não queiram viver a sua vida 'a meio', jovens prontos a passar a vida ao serviço gratuito dos irmãos e irmãs mais pobres e mais fracos, imitando Cristo, que se entregou tudo pela nossa salvação. Diante do mal, do sofrimento e do pecado, a única resposta possível para o discípulo de Jesus é o dom de si mesmo, mesmo da vida, imitando Cristo; é a atitude de serviço. Se alguém que se diz cristão e não vive para servir, não serve para viver. Com a sua vida, nega a Jesus Cristo.

Cuida dos irmãos

Cuidar. Ou seja, viver a caridade de forma dinâmica e inteligente. Hoje precisamos de pessoas, especialmente de jovens, que tenham olhos para ver as necessidades dos mais fracos e um grande coração que lhes permita despender totalmente.

Também vós sois chamados a valorizar as vossas capacidades e a pôr a vossa «inteligência» ao serviço da organização da caridade com projetos de grande alcance. Hoje é a tua vez, mas tu não és o primeiro! Quantos missionários "bons samaritanos" viveram a missão cuidando de seus irmãos e irmãs feridos ao longo do caminho! Seguindo os seus passos, com o estilo e as modalidades adequadas ao nosso tempo, cabe-vos agora, jovens, realizar uma caridade discreta e eficaz, uma caridade imaginativa e inteligente, não episódica, mas contínua no tempo, capaz de acompanhar as pessoas no seu caminho de cura e crescimento. Este é o verbo que vos confio: cuidai dos vossos irmãos. Sem egoísmo, ao serviço, para ajudar.

> As pessoas estavam agitadas e ocupadas, movidas pelo mecanismo de suas próprias preocupações. Mas esses mecanismos não teriam funcionado, se não tivesse sido um sentido de suprema e fundamental serenidade o seu principal regulador. Uma serenidade dada pela consciência da relação que une as existências humanas, pela certeza da «sua comunicação recíproca, pelo sentimento de felicidade ao pensar que tudo o que acontece não se realiza apenas na terra, onde os mortos estão enterrados, mas também noutro lugar, naquilo a que alguns chamam o reino de Deus. (B. L. Pasternak, Il dottor Živago)

De graça recebeste, dai de graça

Quem não vive a gratuidade fraterna faz da sua existência um ofício laborioso, medindo sempre o que dá e o que recebe em troca. Deus, pelo contrário, dá gratuitamente, ao ponto de ajudar também os que não são fiéis, e *«faz nascer o seu sol sobre o mal e sobre o bem»* (Mt 5, 45). É por isso que Jesus recomenda: *«Enquanto dais esmola, não deixeis que a vossa mão esquerda saiba o que faz a vossa mão direita, para que a vossa esmola seja mantida em segredo»* (Mt 6, 3-4). Recebemos a vida de graça, não pagamos por ela. Portanto, todos podemos dar sem esperar por algo, fazer o bem sem exigir "muito da pessoa que ajudamos. Foi isto que Jesus disse aos seus discípulos: *«Recebestes gratuitamente, dai gratuitamente»* (Mt 10, 8).

Solidariedade, cooperação, responsabilidade

A solidariedade, a cooperação e a responsabilidade são três pilares da doutrina social da Igreja, que vê a pessoa humana, naturalmente aberta à relação, como o cume da criação e o centro da ordem social, económica e

política. Com este olhar, atento ao ser humano e sensível às formas concretas das dinâmicas históricas, a doutrina social contribui para uma visão do mundo que se opõe à qualquer visão individualista, na medida em que se baseia na interconexão entre as pessoas e tem como objetivo o bem comum. Ao mesmo tempo, opõe-se à visão coletivista, que hoje ressurge numa nova versão, escondida nos projetos de homologação tecnocrática. Solidariedade, cooperação, responsabilidade: três palavras que recordam o próprio mistério de Deus, que é a Trindade. Deus é uma «comunhão de pessoas» e orienta-nos a realizarmo-nos a nós mesmos através da generosa abertura aos outros (solidariedade), através da colaboração com os outros (cooperação), através do compromisso com os outros (responsabilidade). Um compromisso que abrange todas as expressões da vida social, através das relações, do trabalho, do compromisso civil, da relação com a criação, da política: em todos os domínios, hoje mais do que nunca, somos obrigados a dar testemunho da nossa solicitude pelos outros, a sair de nós mesmos, a empenhar-nos livremente no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa, onde o egoísmo e os interesses partidários não prevalecem. Ao mesmo tempo, somos chamados a velar pelo respeito da pessoa humana, pela sua liberdade e pela proteção da sua dignidade inviolável. Esta é a missão de pôr em prática a doutrina social da Igreja.

Bem-aventuradas as mãos que se abrem

Estamos conscientes da grande dificuldade que emerge no mundo contemporâneo de conseguir identificar claramente a pobreza. No entanto, desafia-nos todos os dias «com as suas mil faces marcadas pela dor, marginalização, abuso, violência, tortura e prisão, guerra, privação de liberdade e dignidade, ignorância e analfabetismo, emergências sanitárias e falta de trabalho, tráfico de seres humanos e escravatura, exílio e miséria, migrações forçadas. A pobreza tem a cara de mulheres, homens e crianças explorados por interesses vis, espezinhados pela lógica perversa do poder e do dinheiro. Que lista impiedosa e nunca completa se é obrigado a compor diante da pobreza que é fruto da injustiça social, da miséria moral, da ganância de poucos e da indiferença generalizada!

Nos nossos dias, infelizmente, à medida que emerge cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de uns poucos privilegiados, e que muitas vezes é acompanhada de ilegalidade e de exploração ofensiva da dignidade humana, a propagação da pobreza a vastos sectores da sociedade em todo o mundo é escandalosa. Diante desse cenário, não podemos ficar inertes e muito menos resignados. À pobreza que inibe o espírito de iniciativa de tantos jovens, impedindo-os de encontrar emprego; à pobreza, que anestesia o sentido de responsabilidade, levando a uma

preferência pela delegação e à procura do favoritismo; à pobreza que envenena os poços de participação e restringe os espaços de profissionalismo, humilhando assim o mérito de quem trabalha e produz; Temos de responder a tudo isto com uma nova visão da vida e da sociedade.

Bem-aventuradas, portanto, as mãos que se abrem para acolher os pobres e ajudá-los: são mãos que trazem esperança. Bem-aventuradas as mãos que superam todas as barreiras da cultura, da religião e da nacionalidade, derramando óleo de consolação nas feridas da humanidade. Bem-aventuradas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem «ses», nem «mas» e sem «talvez»: são mãos que enviam a bênção de Deus sobre os nossos irmãos e irmãs.

Suja as mãos e será feliz

A mão da competição fecha-se e prende: prende sempre, acumula sempre, muitas vezes a caro preço, à custa de aniquilar os outros, à custa do desprezo dos outros. O gesto anti competição é este: abrir-se. Abrir-se em caminho. A concorrência é geralmente parada: faz os seus cálculos, muitas vezes inconscientemente, mas está parada, não se põe em risco. Pelo contrário, o amadurecimento da personalidade acontece sempre no caminho, na pessoa que se compromete. Dito com uma expressão comum: na pessoa que põe a mão na massa. Porquê? Porque tem a mão estendida para cumprimentar, abraçar, receber: "Há mais alegria em dar do que em receber". Contra essa cultura que aniquila os sentimentos, há serviço.

Os jovens mais maduros – autoconfiantes, sorridentes, com sentido de humor – são aqueles de mãos abertas, em movimento. São aqueles que correm riscos. Se tu nunca correr riscos na vida, nunca serás maduro, nunca dirás uma profecia, terás somente a ilusão de acumular para te sentires seguro. Lembro-me daquela parábola de Jesus: o homem rico que teve uma colheita tão grande que não sabia onde colocar o grão. Ele disse a si mesmo: *"Vou fazer armazéns maiores, e então estarei seguro."* Pensava ter seguro por toda a vida. Mas Jesus diz que esta história termina assim: "Tolo, morrerás esta noite".

A cultura da concorrência nunca olha para o fim; só olha para o objetivo que ele estabeleceu para si mesmo em seu coração: chegar, escalar, em todos os sentidos, mas sempre pisoteando cabeças. Pelo contrário, a cultura da convivência, da fraternidade, é uma cultura de serviço, uma cultura que se abre e põe a mão na massa.

Este é o gesto. Queres salvar-te dessa cultura que te faz sentir um fracassado, da cultura da competição, do descartável, e viver uma vida feliz? Abre-te: mantem sempre a mão estendida com um sorriso, nunca sentado, sempre a caminho. Coloca a mão na massa, e serás feliz.

A tentação de caminhar em segurança

Precisamos da inspiração do Espírito para que não sejamos paralisados pelo medo e pelo cálculo, para que não nos acostumemos a caminhar apenas dentro de limites seguros. Lembremo-nos que o que permanece fechado acaba por cheirar a humidade e adoecer. Quando os apóstolos foram tentados a deixar-se paralisar pelos medos e perigos, começaram a rezar juntos, pedindo *parrésia*: «*E agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem corajosamente a tua palavra*» (Act 4, 29). E a resposta foi que *«terminada a oração, o lugar onde estavam reunidos tremeu, e todos ficaram cheios do Espírito Santo, e proclamavam corajosamente a Palavra de Deus»* (Act 4, 31).

Como o profeta Jonas, carregamos sempre dentro de nós a tentação latente de fugir para um lugar seguro que pode ter muitos nomes: individualismo, espiritualismo, fechamento em pequenos mundos, dependência, acomodação, repetição de esquemas prefixados, dogmatismo, nostalgia, pessimismo, refúgio em normas. Por vezes, temos dificuldade em sair de um território que nos era conhecido fora do nosso alcance. No entanto, as dificuldades podem ser como a tempestade, a baleia, o verme que secou o rícino de Jonas, ou o vento e o sol que queimaram a sua cabeça; e, como aconteceu com Jonas, tudo isso pode ter a função de nos fazer voltar àquele Deus que é ternura e que nos quer conduzir a uma itinerância constante e renovadora.

A coragem para seguir em frente

Temos de ser corajosos. Paulo não entendia os cristãos desanimados; eram cristãos tristes e ansiosos. Pergunta-se se estes cristãos acreditam em Cristo ou na "deusa da lamentação": nunca se sabe. Todos os dias reclamam, reclamam; e do jeito que o mundo vai, só veem calamidade e calamidades. Mas, pensais que o mundo de hoje não é pior do que era há cinco séculos! O mundo é o mundo; sempre foi o mundo.

O cristão deve ser corajoso e, diante do problema, deve ter a coragem de avançar, de avançar com coragem. E quando nada pode ser feito, resista pacientemente. Coragem e paciência. Coragem: ir em frente, fazer, dar testemunho forte! Suportar: carregar sobre os ombros as coisas que não podem ser mudadas; seguir em frente com essa paciência que a graça nos dá. Mas o que devemos fazer com coragem e paciência? Sair de nós mesmos. Sair das nossas comunidades, ir para onde os homens vivem, trabalham e sofrem, e anunciar-lhes a misericórdia do Pai que se deu a conhecer aos homens em Jesus Cristo de Nazaré. Anunciar esta graça que nos foi dada por Jesus.

Somos chamados a muito

Não deixe que te roubem a esperança e a alegria, que te droguem para depois te usar como escravo dos seus interesses. Ousa ser mais, porque o teu ser é mais importante do que qualquer outra coisa. Tu não precisas de possuir ou aparecer; pode tornar-te o que Deus, o Criador, que sabe quem tu és, e reconhecer que és chamado a muito. Invoca o «Espírito Santo» e caminha confiante para o grande objetivo: a santidade. Dessa forma, tu não serás uma fotocópia, serás em plenitude o que és.

> Ao ler a vida de nosso Senhor e dos santos, ele parou para pensar e refletir para si mesmo: "E se eu fizesse o que São Francisco ou São Domingos fizeram?" [...]. Todo o seu raciocínio era uma repetição para si mesmo: São Domingos fez isso, eu devo fazê-lo também; São Francisco fez isso, eu devo fazer também [...]. Mas quando outras coisas o distraíam, os pensamentos do mundo ressurgiam [...]. Havia, no entanto, uma diferença: quando pensava nas coisas do mundo, sentia muito prazer, mas quando, por exaustão, as abandonava, sentia-se vazio e desapontado. Por outro lado, ir a Jerusalém descalço, comer apenas ervas, praticar todas as austeridades que conhecera aos santos, eram pensamentos que não só o consolavam enquanto ali habitava, mas mesmo depois de as ter abandonado, o deixavam satisfeito e cheio de alegria. Na época, ele não prestou atenção e não parou para avaliar essa diferença. Até que uma vez seus olhos se abriram um pouco; Espantado com esta diferença, começou a refletir sobre ela: por experiência própria deduzira que alguns pensamentos o deixavam triste, outros "alegres; e, pouco a pouco, aprendeu a conhecer a diversidade dos espíritos que nele se agitavam: um do diabo, outro de Deus. Esta foi a sua primeira reflexão sobre as coisas de Deus. (Santo Inácio de Loyola, O conto do peregrino. Autobiografia)

Arriscai-vos, mesmo errando!

Não renunciais ao melhor da vossa juventude, não assistais à vida da varanda. Não confundais felicidade com sofá e não passais a vida inteira em frente a uma tela. Também não vos reduzais ao triste espetáculo de um veículo abandonado. Não sejais como carros estacionados, deixeis florescer os sonhos e tomais decisões. Assumis os riscos, mesmo que cometais erros. Não sobrevivais com uma alma anestesiada e não olhais para o mundo como os turistas. Levantai a voz! Dissipai os medos que vos paralisam, para não vos tornardes jovens mumificados. Sejais vivos! Dai-vos ao melhor da vida! Abrais as portas da gaiola e voais para longe! Por favor, não se aposentem antes do tempo.

Se sabeis chorar com quem chora, sereis verdadeiramente felizes

As Sagradas Escrituras relatam frequentemente o estado de espírito daqueles que se deixam tocar «até às entranhas» pela dor dos outros. A comoção de Jesus torna-o participante da realidade do outro. Ele toma sobre si a miséria do outro. A dor dessa mãe torna-se a sua dor. A morte desse filho torna-se a sua morte.

Em muitas ocasiões, vós, jovens, mostrais que sabeis *con-patire*. Basta ver quantos de vós doam generosamente quando as circunstâncias assim o exigem. Não existe desastre, terramoto, inundação que não veja legiões de jovens voluntários disponíveis para ajudar. A grande mobilização dos jovens que querem defender a criação testemunha também a vossa capacidade de ouvir o grito da Terra.

Queridos jovens, não vos deixeis roubar esta sensibilidade! Escutai sempre os gemidos dos que sofrem; deixai-vos comover por aqueles que choram e morrem no mundo de hoje. *«Certas realidades da vida só podem ser vistas com os olhos limpos das lágrimas»* (Christus Vivit, 76). Se sabeis chorar com quem chora, vós sereis verdadeiramente felizes. Muitos dos vossos coetâneos não têm esta oportunidades, sofrem violência e perseguição. Que as suas feridas se tornem vossas, e sereis portadores de esperança neste mundo. Podereis dizer ao vosso irmão: «Levanta-te, não estás só», e fazei-os experimentar que Deus Pai, que nos ama e que Jesus é a sua mão estendida para nos levantar.

A ternura pungente de Deus

Também vós, jovens, podeis aproximar-vos das realidades da dor e da morte que encontrais, tocá-las e gerar vida como Jesus. Isto é possível, graças ao Espírito Santo, se vós, primeiro fostes tocados pelo seu amor, se o vosso coração foi suavizado pela experiência da Sua bondade. Então, se sentirdes dentro de vós a ternura pungente de Deus por cada criatura vivente, especialmente pelo irmão faminto, sedento, doente, nu, preso, então vós sereis capazes de se aproximar como Ele, tocar como Ele e transmitir Sua vida aos vossos amigos que estão mortos por dentro, que sofrem ou perderam a fé e a esperança.

Não tenhas medo de participar na revolução da ternura

É ruim viver de reclamações, é feio. É ruim viver lambendo suas próprias feridas! Quantas são vítimas de depressão, álcool e drogas! Sabem-no muito bem. Quantos idosos estão sozinhos, sem ter com quem partilhar o presente e com o medo de que o passado volte. Vós, jovens, podeis responder a estes desafios com a vossa presença e com o encontro entre vós e os outros. Jesus convida-nos a sair de nós mesmos, a correr riscos «face a face» com os outros. É verdade que crer em Jesus muitas vezes

envolve dar um salto de fé no vazio, e isso é assustador. Outras vezes, leva-nos a questionarmo-nos, a sair fora dos nossos esquemas, e isso pode fazer-nos sofrer e tentar-nos a desanimar. Mas sejais corajosos! Seguir Jesus é uma aventura emocionante que enche a nossa vida de significado, que nos faz sentir parte de uma comunidade que nos encoraja, de uma comunidade que nos acompanha, que nos compromete a servir. Queridos jovens, vale a pena seguir Cristo, vale a pena! Não tenhamos medo de participar na revolução para a qual Ele nos convida: a revolução da ternura.

Com quem te identificas?

Jesus conta que havia um homem ferido caído no chão à beira da estrada que tinha sido atacado. Várias pessoas passaram por ele, mas foram embora, não pararam. Eram pessoas com funções importantes na sociedade, que não tinham amor pelo bem comum no coração. Eles não conseguiram perder nem um minuto para ajudar o homem ferido ou, pelo menos, para procurar ajuda.

Apenas um parou, deu-lhe proximidade, cuidou dele com as próprias mãos, pagou do próprio bolso e cuidou dele. Acima de tudo, deu-lhe algo que, neste mundo apressado, tanto poupamos: deu-lhe o seu próprio tempo. Certamente ele tinha seus próprios planos para usar aquele dia de acordo com suas necessidades, compromissos ou desejos. Mas ele foi capaz de deixar tudo de lado, diante daquele homem ferido e, sem conhecê-lo, considerou-o digno de receber o dom de seu tempo.

Com quem te identificas? Esta pergunta é difícil, direta e decisiva. Com qual deles te pareces? Devemos reconhecer a tentação que nos rodeia de desconsiderar os outros, especialmente os mais fracos. Sejamos francos, crescemos em muitos aspetos, mas somos analfabetos em acompanhar, cuidar e apoiar os mais frágeis e "fracos" de nossas sociedades desenvolvidas. Habituámo-nos a desviar o olhar, a passar, a ignorar as situações até que elas nos toquem diretamente.

Ser como o Bom Samaritano

Diante de tanta dor, de tantas feridas, a única saída é ser como o Bom Samaritano. Qualquer outra escolha leva ou para o lado dos ladrões ou para o daqueles que passam sem ter compaixão pela dor do homem ferido ao longo do caminho. A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode reconstruir uma comunidade a partir de homens e mulheres que fazem sua

a fragilidade dos outros, que não permitem construir uma sociedade de exclusão, mas que se fazem vizinhos e erguem e reabilitam o homem caído, para que o bem seja comum. Ao mesmo tempo, a parábola adverte-nos contra certas atitudes de pessoas que olham apenas para si mesmas e não assumem as exigências inevitáveis da realidade humana.

Quem escolhemos ser?

Quando entramos no caminho, inevitavelmente colidemos com o homem ferido. Hoje, e cada vez mais, há feridos. A inclusão ou exclusão daqueles que sofrem ao longo do caminho define todos os projetos econômicos, políticos, sociais e religiosos. Todos os dias somos confrontados com a escolha de sermos bons samaritanos ou viajantes indiferentes que passam à distância. E se estendermos o nosso olhar à totalidade da nossa história e ao mundo como um todo, somos todos ou fomos como estas personagens: todos temos algo do homem ferido, algo dos bandidos, algo dos que passam à distância e algo do Bom Samaritano.

Estamos à procura de outros

Todos os dias nos é oferecida uma nova oportunidade, uma nova etapa. Não podemos esperar tudo de quem nos governa, isso seria infantil. Usufruímos de um espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Devemos ser uma parte ativa na reabilitação e no apoio às sociedades feridas. Hoje estamos diante de uma grande oportunidade de expressar o nosso ser irmãos e irmãs, de sermos outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor do fracasso, em vez de fomentar o ódio e o ressentimento. Basta o desejo gratuito, puro e simples de ser povo, de ser constante e incansável no compromisso de incluir, integrar, elevar os que caíram, embora, muitas vezes nos encontremos imersos e condenados a repetir a lógica dos violentos, daqueles que alimentam ambições apenas para si mesmos e espalham confusão e mentiras. Que os outros continuem a pensar na política ou na economia pelos seus jogos de poder. Nós alimentemos o bem e ponhamo-nos ao serviço do bem.

É possível começar de baixo e caso a caso, lutar pelo que há de mais concreto e local, até ao último canto da pátria e do mundo, com o mesmo cuidado que o viajante de Samaria tinha por cada ferida do ferido. Busquemos os outros e tomemos conta da realidade que nos pertence, sem temer a dor ou a impotência, porque há todo o bem que Deus semeou no coração do ser humano. Dificuldades que parecem enormes são uma oportunidade para crescer, e não uma desculpa para a tristeza inerte que fomenta a submissão. Mas não o façamos sozinhos, individualmente. O samaritano procurou um senhorio que pudesse cuidar daquele homem,

pois somos chamados a convidar e a encontrar-nos num "nós" mais forte do que a soma dos pequenos indivíduos. Lembremo-nos que «o todo é mais do que as partes, e é também mais do que a soma delas». Renunciemos à mesquinhez e ao ressentimento dos particularismos estéreis, das oposições sem fim. Deixemos de esconder a dor das nossas perdas e assumamos a responsabilidade pelos nossos crimes, pela nossa preguiça e pelas nossas mentiras. A reconciliação restauradora nos ressuscitará e fará com que nós mesmos e os outros percamos o medo.

O importante é não viver para si mesmo

Deus, em Jesus, aproximou-se de cada homem e mulher: partilhou a alegria dos esposos de Caná da Galileia e a angústia da viúva de Naim; entrou na casa de Jairo, tocado pela morte, e na casa de Betânia, perfumada com nardo; assumiu a doença e o sofrimento, a ponto de dar a vida em resgate por todos. Seguir Cristo é ir aonde Ele foi; tomar sobre si, como um bom samaritano, o homem ferido que encontramos pelo caminho; como o pastor que vai em busca das ovelhas perdidas. Estar, como Jesus, próximo do povo; partilhar as suas alegrias e tristezas; mostrar, com o nosso amor, o rosto paterno de Deus e a carícia materna da Igreja. Que ninguém nunca se sinta distante, desprendido, fechado e, portanto, estéril. Cada um de vós é chamado a servir os irmãos, seguindo o vosso carisma: uns com a oração, outros com a catequese, outros com o ensino, outros com o cuidado dos doentes ou dos pobres, outros com o anúncio do Evangelho, outros com a realização das várias «obras de misericórdia». É importante não viver para si mesmo, pois Jesus não viveu para Si mesmo, mas para o Pai e para nós.

Somos nós os próximos

Quem é o meu próximo? A palavra "próximo" na sociedade do tempo de Jesus geralmente indicava aquele que é mais próximo, o vizinho de fato. Entendeu-se que a ajuda deveria ser dirigida, em primeiro lugar e acima de tudo, àqueles que pertencem ao próprio grupo. Um samaritano, para alguns judeus da época, era considerado uma pessoa desprezível e impura, e, portanto, não estava incluído entre os vizinhos a quem se deveria prestar ajuda. O judeu Jesus inverte completamente a noção de próximo: Ele não responde à pergunta “quem é o próximo”, mas chama a tornarmo-nos próximos de quem precisa.

A proposta é tornar-se presente para a pessoa que precisa de ajuda, sem olhar se ela faz parte do mesmo círculo. Neste caso, o samaritano foi quem se aproximou do judeu ferido. Para se tornar próximo e presente, atravessou todas as barreiras culturais e históricas. A conclusão de Jesus é um pedido: «Ide e fazei o mesmo» (Lc 10, 37). Ou seja, desafia-nos a pôr de lado todas as diferenças e, perante o sofrimento, a aproximarmo-nos de

todos. Por isso, já não digo que tenho "vizinhos" para ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me vizinho dos outros.

Não tenhas medo de mostrar amor!

Neste tempo, em que a gratuidade parece enfraquecer nas relações interpessoais, porque tudo se vende e tudo se compra, a gratuidade é uma virtude difícil de encontrar. Nós, cristãos, proclamamos que Deus aproximou-se para ser nosso amigo, só pede ser acolhido. A única coisa que Jesus pede é ser acolhido.

Pensemos a quantos vivem em desespero porque nunca conheceram alguém que lhes tenha mostrado atenção, os tenha consolado, tenha feito que se sentissem preciosos e importantes. Nós, discípulos do Crucificado, podemos recusar-nos a ir aos lugares onde ninguém quer ir «por medo de nos comprometermos a nós próprios e ao julgamento dos outros, negando assim a estes nossos irmãos e irmãs o anúncio da Palavra de Deus? A gratuidade! Recebemos esta gratuidade, esta graça, gratuitamente; temos que a dar de gratuitamente.

Não tenhas medo, não tenhas medo. Não tenhais medo do amor, do amor de Deus, nosso Pai. Não tenhas medo. Não tenhas medo de receber a graça de Jesus Cristo, não tenhas medo da liberdade que vem da graça de Jesus Cristo. Não tenhas medo da graça, não tenhas medo de sair de ti mesmo, não tenhas medo de sair das nossas comunidades para ires mostrar o nosso amor que é o amor de Deus.

Não devemos ter medo! Avancemos para dizer aos nossos irmãos e irmãs que estamos sob a graça que Jesus nos dá e que não custa nada: é só recebê-la. Avancemos!

> Não nos cabe a nós dominar todas as marés do mundo; a nossa tarefa é fazer o que é «possível para a salvação dos anos em que vivemos, arrancando o mal dos campos que conhecemos, deixando aos que vêm depois terra sã e limpa a cultivar. (J.R.R. Tolkien, O Senhor dos Anéis)

A coragem de ir contra a maré

É preciso ter a coragem de andar contra a maré. Não contra alguém – que é a tentação de todos os dias – como fazem os vitimístas e os teóricos da conspiração, que sempre transferem a culpa sobre os outros; não, temos que remar contra a corrente doentia do nosso eu egoísta, fechado e rígido, que tantas vezes tenta remar para sobreviver. Precisamos ir contra a maré para seguir os passos de Jesus. Ele nos ensina a ir contra o mal apenas com o poder manso e humilde do bem. Sem atalhos, sem falsidades, sem duplicidade. O nosso mundo, ferido por tantos males, não precisa de outros

compromissos ambíguos, de pessoas que vão aqui e ali como as ondas do mar – para onde o vento as levar, para onde os seus próprios interesses os levam – de pessoas que estão um pouco à direita e um pouco à esquerda, depois de terem cheirado o que é conveniente. Um cristão que segue por esse caminho parece ser mais um equilibrista do que um cristão. Um daqueles equilibristas que procuram sempre uma forma para não sujarem as mãos, para não comprometerem as suas vidas, para não se envolverem seriamente.

Por favor, tenha medo de ser jovens equilibristas. Sejais livres, sejais autênticos, sejais a consciência crítica da sociedade. Não tenhais medo de criticar! Precisamos da vossa crítica. Muitos de vós estão a mover-se, por exemplo, contra a poluição ambiental. Precisamos disso! Sejais livre nas vossas críticas. Tende a paixão pela verdade, para que com os vossos sonhos possais dizer: a minha vida não é escrava da lógica deste mundo, porque reino com Jesus pela justiça, pelo amor e pela paz! Desejo os vós jovens possais sentir a alegria de dizer: «Com Jesus, também eu sou rei». Sou rei: sou um sinal vivo do amor, da compaixão e da ternura de Deus. Sou um sonhador deslumbrado pela luz do Evangelho e olho com esperança nas visões da noite. E quando caio, encontro em Jesus a coragem de lutar e esperar, a coragem de voltar a sonhar. Em todas as idades da vida.

A Coragem para ser feliz

Deus chama-nos a escolhas definitivas, tem um projeto para cada um: descobri-lo, responder à própria vocação é caminhar para a feliz realização de si mesmo. Deus chama-nos a todos à santidade, a viver a sua vida, mas cada um tem o seu caminho.

Na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é "aproveitar" o momento presente, que não vale a pena comprometer-se pela vida, fazer escolhas definitivas, "para sempre", porque não se sabe o que o amanhã reserva. Eu, pelo contrário, peço-vos que sejais revolucionários, peço-vos que caminhar contra a maré; peço-vos que vos rebeleis contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que não sois capazes de assumir responsabilidades, crê que não sois capazes de amar verdadeiramente. Tenhais a coragem de "ir contra a maré". E também tenhais a coragem de serdes felizes.

III - A FELICIDADE É UM CAMINHO

Caminhar é uma arte. Se andamos sempre com pressa, cansamo-nos e não conseguimos chegar ao fim do caminho. E não chegamos ao fim, se pararmos e deixarmos de caminhar.

Caminhar é a arte de olhar para o horizonte, tendo em mente para *onde* quero chegar, mas também suportando o cansaço de caminhar. Muitas vezes o caminho é difícil: "Quero manter-me fiel a este caminho, mas não é fácil... Há dias sombrios, dias de fracasso, dias em que se cai..." Mas pensais sempre nisto: não tenhais medo de falhar, não tenhais "medo das quedas". Na arte de caminhar, o que importa não é cair, mas não "permanecer caído". Levantar-se e continuar a caminhar: isto é caminhar humanamente. Mas é ruim caminhar sozinho. É feio e chato. Caminhar em comunidade, com os amigos, com aqueles que nos amam: isso ajuda-nos a alcançar a meta.

Nunca se chega lá sozinho

Não permitais que o mundo vos faça acreditar que é melhor andar sozinhos. Sozinhos nunca se chega. Sim, poderás ter sucesso na vida, mas sem amor, sem companheiros, sem pertencer a um povo, sem aquela experiência tão bela que é ariscar juntos. Não podemos caminhar sozinhos.

Como crianças pequenas

Somos crianças que caem continuamente, o tempo todo, somos como crianças pequenas que tentam caminhar, mas caem para o chão, e precisam ser levantadas, de vez em vez, pelo pai. É este o perdão do Pai que nos repõe sempre de pé: o perdão de Deus.

Se caíres, levanta-te!

O perdão divino é sumamente eficaz, porque cria o que diz. Não esconde o pecado, «mas destrói-o e apaga-o; mas apaga-a desde a raiz, não como acontece nas tinturarias, quando vestimos uma peça de vestuário e elas apagam a nódoa. Não! Deus apaga o nosso pecado logo na raiz, tudo! Portanto, o penitente torna-se limpo novamente, todas as manchas são removidas, e ele agora é mais branco do que a neve não contaminada.

Nós, pecadores, com o perdão, tornamo-nos novas criaturas, cheios do espírito e cheios de alegria. Agora começa uma nova realidade para nós: um novo coração, um novo espírito, uma nova vida. Nós, pecadores perdoados, que aceitamos a graça divina, podemos até ensinar os outros a

não pecar mais. "Mas Pai, eu sou fraco, eu caio, eu caio." "Mas se cair, levante-se! Levante-se!" Quando uma criança cai, o que ela faz? Levante a mão para a mãe ou o pai para que ele se levante. Vamos fazer o mesmo! Se você cair em pecado por fraqueza, levante sua mão, e o Senhor a tomará e o ajudará a levantar-se. A dignidade que o perdão de Deus nos dá é a de nos levantarmos, sempre de pé, porque Ele criou o homem e a mulher «para ficarem de pé».

Nunca se dar por vencidos

Jesus Cristo é aquele que sabe dar verdadeira paixão à vida, aquele que nos leva a não nos contentarmos com o pouco e a darmos o melhor de nós mesmos; Ele é Aquele que nos desafia, nos convida e nos ajuda a nos levantarmos cada vez que desistimos. É Jesus Cristo que nos impele a olhar para cima e a sonhar alto. “Mas padre, alguém pode dizer-me, é tão difícil sonhar alto, é tão difícil subir, estar sempre a subir. Padre, sou fraco, caio, esforço-me, mas muitas vezes desanimo." Os alpinistas, quando sobem as montanhas, cantam uma canção muito bonita, que diz assim: "Na arte de subir, o que importa não é não cair, mas não ficar caído". Se fores fraco, se caíres, olhe um pouco para cima e há a mão estendida de Jesus que te diz: «Levanta-te, vem comigo». E se eu fizer de novo?" Também. "E se eu fizer de novo?" Também. Pedro perguntou uma vez ao Senhor: «Senhor, quantas vezes?», «Setenta vezes sete». A mão de Jesus está sempre estendida para nos levantar quando caímos.

Só quem não caminha não cai

Jesus fala a ti, a mim, a cada um de nós, e diz: 'Levanta-te!' Sabemos bem que nós, cristãos, também caímos e devemos sempre levantar-nos novamente. Só quem não caminha não cai, mas também não avança. Por isso, é necessário acolher a intervenção de Cristo e fazer um ato de fé em Deus. O primeiro passo é concordar em se levantar. A vida nova que Ele nos dará será boa e digna de ser vivida, porque será sustentada por Alguém que nos acompanhará no futuro sem nunca nos deixar, ajudando-nos a passar a vida de forma digna e fecunda.

Deus caminha connosco

«Eu estava com fome e me destes de comer, eu estava com sede e me destes de beber, eu era um estranho e me acolhestes, eu estava nu e me vestistes, eu estava doente e me visitastes, eu estava na prisão e viestes ter comigo» (Mt 25, 35-36).

Estas palavras de Jesus vão ao encontro da pergunta que muitas vezes ressoa na nossa mente e no nosso coração: *«Onde está Deus?»* Onde está Deus, se há mal no mundo, se há famintos, sedentos, sem-abrigo, prófugos, refugiados? Onde está Deus quando pessoas inocentes morrem por causa

da violência, do terrorismo e das guerras? Onde está Deus quando as doenças impiedosas rompem «os laços de vida e de afeto? Ou quando as crianças são exploradas, humilhadas e sofrem de doenças graves? Onde está Deus, diante da inquietação dos duvidosos e aflitos na alma? Existem perguntas para as quais não há respostas humanas. Só podemos olhar para Jesus e perguntar a Ele. E a sua resposta é esta: «Deus está neles», Jesus está neles, sofre neles, identifica-se profundamente com cada um deles; está tão unido a eles, por assim dizer, quase a formar "um só corpo".

O próprio Jesus escolheu identificar-se com estes nossos irmãos e irmãs provados pela dor e pela angústia, aceitando percorrer o doloroso caminho do Calvário. Ele, morrendo na cruz, entregou-se nas mãos do Pai e carregou sobre si mesmo e em si mesmo, com amor que dá, as feridas físicas, morais e espirituais de toda a humanidade. Abraçando o madeiro da cruz, Jesus abraça a nudez e a fome, a sede e a solidão, a dor e a morte dos homens e mulheres de todos os tempos.

Contra a maré rumo à felicidade

A Palavra do Senhor Ressuscitado e Vivo mostra-nos também hoje, o caminho para alcançarmos a verdadeira bem-aventurança, o caminho que conduz ao Céu. É um caminho difícil de compreender porque vai contra a maré, mas o Senhor diz-nos que quem vai por este caminho é feliz, mais cedo ou mais tarde torna-se feliz.

Apostar sempre nos grandes ideais

Temos de ser magnânimos, de coração grande, destemidos. Aposte sempre em grandes ideais. Mas também bondosos e generosos nas coisas pequenas, com as coisas do dia-a-dia. É importante encontrar esta bondade e generosidade em Jesus, na contemplação de Jesus. Jesus é aquele que nos abre as janelas do novo horizonte. Bondade e generosidade significa caminhar com Jesus, de coração atento ao que Ele nos diz.

A alegria é um dom peregrino

A alegria não se pode parar: deve continuar, deve seguir em frente, é uma virtude peregrina. É um dom que caminha, que caminha no caminho da vida, que caminha com Jesus: pregar, anunciar Jesus, alegria prolonga o caminho e alarga a estrada. É uma virtude, daqueles grandes que estão acima das pequenezes humanas, dos olham sempre para o horizonte. A alegria é uma virtude do caminho. Santo Agostinho dizia: «Canta e caminha!»

Esta é a alegria do cristão: o cristão canta com alegria e caminha, e leva esta alegria para onde ele vai. Mesmo que essa alegria às vezes seja um pouco escondida pela cruz, ele canta e caminha. Ele sabe louvar a Deus, como os

apóstolos que voltaram do monte, depois da Ascensão de Jesus. A alegria é o dom que nos dá à virtude da magnanimidade. Um cristão não pode ser pusilânime: ele é magnânimo.

Não sejais homens e mulheres tristes

Jesus é Deus, mas baixou-se para caminhar connosco. Ele é nosso amigo, nosso amigo, nosso irmão. É Ele que ilumina o nosso caminho. E esta é a primeira palavra que gostaria de vos dizer: *alegria*! Não sejais homens e mulheres tristes: um cristão nunca pode estar triste! Nunca poderá estar triste! Não vos deixeis apanhar pelo desânimo! A nossa alegria não vem das muitas coisas que possuímos, mas por termos encontrado uma Pessoa: Jesus, que está no meio de nós; nasce por sabermos que com Ele nunca estaremos sozinhos, mesmo nos momentos difíceis, mesmo quando o caminho da vida se choca com problemas e obstáculos que parecem intransponíveis. É neste momento que chega o inimigo, o diabo disfarçado de anjo, e insidiosamente nos diz a sua palavra. Não lhe dês ouvidos!

Sigamos Jesus! Acompanhemos, segamos Jesus, mas acima de tudo saibamos que Ele nos acompanha e nos carrega nos ombros: aqui reside a nossa alegria, a esperança que devemos trazer a este nosso mundo. Não vos deixeis roubar a esperança!

Juntos para dar uma nova força às nossas mãos

Se caminharmos juntos, jovens e velhos, seremos capazes de estar bem enraizados no presente e, a partir desta posição, frequentar o passado e o futuro: frequentar o passado, para aprendermos com a história e para curarmos as feridas que por vezes nos condicionam; frequentar o futuro para alimentarmos o entusiasmo, fazermos germinar os sonhos, suscitarmos as profecias, fazermos florescer as esperanças. Deste modo, unidos, seremos capazes de aprender uns com os outros, aquecer os nossos corações, inspirar as nossas mentes com a luz do Evangelho e dar nova força às nossas mãos.

Não circulais no vazio ao longo da vida

Se a vida fosse uma peça de teatro ou um videogame, ficaria restrita a um tempo preciso, um começo e um fim, quando a cortina se fecha ou alguém ganha o jogo. Mas a vida mede-se com outros tempos, desenrola-se em tempos relacionados com o coração de Deus; às vezes se avança, outras vezes se recua, se tentam vários caminhos, entra-se por um novo caminho. A indecisão parece surgir do medo de que a cortina se feche ou que o cronómetro nos deixe fora do jogo, de subir um nível no jogo; mas a vida flui, é caminho, não pode parar. A vida é sempre um caminhar à procura da direção certa, sem medo de voltar atrás, quando nos enganamos. É coisa perigosa é confundir o caminho com o labirinto, isto é, vaguear no vazio,

sobre si mesmo, sem tomar o caminho que leva adiante. Por favor, não sejais jovens no labirinto, de onde é difícil sair, mas jovens a caminho. Nada de labirinto: a caminho!

A Palavra que liberta a alegria

Esta é a «boa nova» que Jesus anuncia diante do olhar atônito de todos: Deus está próximo e quer cuidar de mim, de vós, de todos. Este é o trato de Deus: a proximidade. É assim que ele se define; Ele diz ao povo do Deuteronómio: "*Qual povo tem seus deuses tão perto de si como Eu estou perto de vós?*" (Dt 4, 7). Deus está próximo, com aquela proximidade compassiva e terna, quer aliviar os vossos fardos pesados, quer aquecer o frio dos vossos invernos, quer iluminar os teus dias sombrios, quer sustentar os teus passos incertos. E fá-lo com a sua Palavra, com a qual te fala para reavivar a esperança das cinzas dos teus medos, para te fazer encontrar alegria nos labirintos da tua tristeza, para encher de esperança a amargura da tua solidão. Faz-te caminhar, mas não num labirinto, mas pelo caminho em que poderás encontrá-lo mais facilmente, todos os dias.

Mantenhais nos olhos a chama do amor

O Senhor quer que homens e mulheres o sigam livremente, de boa vontade e não de contragosto, sem terem o vento da alegria em seus corações. Jesus quer pessoas que experimentaram que estar com Ele é fonte de imensa felicidade, que pode ser renovada em cada dia da vida. Um discípulo do Reino de Deus que não tenha alegria não evangeliza este mundo. Não se torna pregador de Jesus aprendendo as armas da retórica: podes falar, falar, falar, mas falta algo mais ...

Como é que alguém se torna pregador de Jesus? Mantendo o brilho da verdadeira felicidade em seus olhos. Vemos tantos cristãos, mesmo entre nós, que transmitem com os olhos a alegria da fé: com os olhos! Por isso, o cristão – como a Virgem Maria – guarda a chama do amor.

Certo, há provações na vida, há momentos na vida em que se deve avançar apesar do frio e dos ventos contrários, apesar de tanta amargura. Mas os cristãos sabem o caminho para aquele fogo sagrado que os acendeu de uma vez por todas.

Chama do amor vivo

Oh chama de amor vivo,
Que você amorosamente magoou
da minha alma o centro mais profundo!
Porque você não é mais doloroso,
se quiser, esgota-se agora;
Fura o véu deste doce encontro.

Tão doce e amoroso
Você desperta no meu seio,
onde secretamente só você habita!
No seu hálito saboroso,
cheio de bem e glória,
Quão delicadamente você me faz apaixonar!
(São João da Cruz, Poemas)

Levar a luz à noite do mundo

Vós sois o hoje de Deus, o hoje da Igreja! Não apenas o futuro, não: o hoje. Ou jogas a tua vida hoje ou vai perder a pátria. Hoje. A Igreja precisa de vós para ser plenamente Igreja. Vós sois a Igreja, o Corpo do Senhor ressuscitado presente no mundo. Peço-vos que vos lembreis sempre de que sois membros de um só corpo, desta comunidade. Vós estais ligados uns aos outros, e não podeis sobreviver sozinhos; precisais uns dos outros para marcar a diferença neste mundo cada vez mais lacerado por divisões. Pensem nisto: num mundo onde há cada vez mais divisões e as divisões trazem consigo o conflito e a inimizade, vós deveis ser a mensagem da unidade, a mensagem de que vale a pena seguir este caminho. Só caminhando juntos seremos verdadeiramente fortes. Com Cristo, o Pão da Vida que nos dá força para o caminho, levemos a luz do seu fogo às noites deste mundo!

Semeadores de Esperança

O Senhor renova a vós o convite a tornar-vos protagonistas no serviço; quer dar-vos uma resposta concreta às necessidades e aos sofrimentos da humanidade; Ele quer que sejais sinal do seu amor misericordioso no nosso tempo! Para cumprir esta missão, Ele indica-vos o caminho do empenho e do sacrifício pessoal: é o caminho da Cruz; é o caminho da felicidade de seguir a Cristo até ao fim, nas circunstâncias muitas vezes dramáticas da vida quotidiana; é o caminho que não teme o fracasso, a marginalização ou a solidão, porque enche o coração do homem com a plenitude de Jesus. O caminho da Cruz é o caminho da vida, segundo o estilo de Deus, que Jesus nos faz percorrer pelos caminhos de uma sociedade por vezes dividida, injusta e corrupta.

O caminho da Cruz não é um hábito sadomasoquista; mas é o único caminho que derrota o pecado, o mal e a morte, porque conduz para a luz radiante da ressurreição de Cristo, abrindo os horizontes da vida nova e plena. É o Caminho da esperança e do futuro. Quem a percorrer com generosidade e fé, alimenta a esperança ao futuro e à humanidade. Quem

a percorrer com generosidade e fé semeia esperança. E gostaria que sejais semeadores de esperança.

Lançai-vos ao largo, saís de vós mesmos!

A "deusa da queixa" é um engano: faz-te entrar no caminho errado. Quando tudo parece estar parado, estagnante, quando os problemas pessoais nos preocupam, quando as dificuldades sociais não encontram as respostas necessárias, não é bom dar-se por vencidos e desistir. O caminho é Jesus: é fazê-Lo entrar no nosso barco e lançar-se ao largo com Ele! Ele é o Senhor! Ele muda a perspetiva de vida. A fé em Jesus conduz a uma esperança que vai mais além, a uma certeza baseada não só nas nossas qualidades e capacidades, mas na Palavra de Deus, no convite que Ele nos faz. Sem fazer demasiados cálculos humanos e sem nos preocuparmos em verificar se a realidade que nos rodeia coincide com as nossas capacidades. Precisamos de nos lançar ao largo, de sair fora de nós mesmos; sair fora do nosso pequeno mundo e abrirmo-nos a Deus, abrirmo-nos cada vez mais aos irmãos. Se nos abrirmos a Deus, Deus abre-nos aos outros!

Dê alguns passos além de vós mesmos, passos de bebê, mas façai-los. Pequenos passos, saindo de vós mesmos para Deus e para os outros, abrindo o coração à fraternidade, à amizade e à solidariedade.

"Vem! Siga-me!"

O «jovem rico» de que falam os Evangelhos sinópticos (cfr Mt 19, 16-22; Mc 10,17-22; Lc 18, 18-23) caminhou, ou melhor, correu ao encontro do Senhor, cheio de entusiasmo, com o desejo de encontrar o Mestre e ter como herança a vida eterna, isto é, a felicidade.

O Evangelho não refere o nome daquele jovem, o que sugere que ele pode representar cada um de nós. Ele possuir muitos bens, mas parece bem-educado e instruído, e também animado por uma inquietação saudável que o impele a buscar a verdadeira felicidade, a vida em plenitude. Por isso, ele quer encontrar um guia autoritário, credível e confiável. Ele encontra esta autoridade na pessoa de Jesus, e é por isso que lhe pergunta: *«Bom mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?»* (Mc 10,17). Mas aquele jovem pensa num bem que pode ser conquistado pelas próprias forças. O Senhor responde-lhe com outra pergunta: *"Por que me chamais bom? Ninguém é bom senão só Deus."* Assim, Jesus dirige-o a Deus, que é o único e supremo Bem do qual provém todo o outro bem.

Para o ajudar a aceder à fonte do bem e da verdadeira felicidade, Jesus indica-lhe a primeira etapa a seguir, isto é, aprender a fazer o bem ao próximo: *«Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos»* (Mt 19, 17). Jesus traz-o de volta à vida terrena e indica-lhe o caminho para herdar a vida eterna, isto é, o amor concreto ao próximo. Mas o jovem responde que

sempre fez isso e percebeu que não basta seguir os preceitos para ser feliz. Então Jesus fixa nele um olhar cheio de amor. De facto, reconhece o desejo de plenitude que o jovem tem no coração e a sua saudável inquietação que o põe à procura; É por isso que Jesus sente ternura e carinho por ele.

Jesus, porém, compreende também qual é o ponto fraco: aquele jovem está demasiado apegado aos muitos bens materiais que possui. Por isso, o Senhor lhe propõe uma segunda etapa a percorrer, a de passar da lógica do «mérito» para a lógica do dom: *«Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá aos pobres, e terás tesouro no céu»* (Mt 19, 21). Jesus muda de perspetiva: convida-o a não pensar em assegurar-se o além, mas a dar tudo, agora, na vida terrena, imitando assim o Senhor. É o apelo para um maior amadurecimento, a passar da observância dos preceitos para obter a recompensa para o amor gratuito e total. Jesus pede-lhe que deixe para trás o que pesa no coração e impede o amor. O que Jesus lhe propõe não é tanto um homem despojado de tudo, mas um homem livre e rico de relações. Se o coração está cheio de bens, o Senhor e o próximo tornam-se apenas coisas entre os outras coisas. O nosso ter demais e querer demais sufoca o coração e nos torna infelizes e incapazes de amar.

Finalmente, Jesus propõe uma terceira etapa, a da imitação: «Vem! Segue-me!" Seguir Cristo não é uma perda, mas um ganho incalculável, enquanto a renúncia é sobre o obstáculo que está no caminho. Esse jovem rico, no entanto, tem o coração dividido entre dois senhores: Deus e o dinheiro. O medo de arriscar e perder os seus bens fê-lo regressar triste a casa: *«O seu rosto escureceu e voltou triste»* (Mc 10, 22). Não hesitara em fazer a pergunta decisiva, mas não tivera a coragem de aceitar a resposta, que era a proposta de *desligar-se* de si mesmo e das riquezas para se *'ligar'* a Cristo, caminhar com Ele e descobrir a verdadeira felicidade.

Amigos, Jesus também diz a cada um de vós: «Vem! Segue-me!" Tende a coragem de viver confiando-vos ao Senhor e partindo com Ele. Deixai-vos conquistar pelo seu olhar de amor que vos liberta da sedução dos ídolos, das falsas riquezas que prometem a vida, mas trazem a morte. Não tenhais medo de aceitar a Palavra de Cristo e de aceitar o Seu chamamento.

Não nos fechemos no nosso pequeno mundo

Certifiquem-se de escolher o caminho certo. O que quer dizer? Quer dizer saber *viajar* pela vida, não vaguear sem rumo. O que estais a fazer? Estais a viajar ou a vaguear? A nossa vida não é sem rumo, ela tem um fim dado por Deus. Ele guia-nos, orientando-nos com a sua graça. É como se Ele tivesse colocado dentro de nós um software que nos ajuda a discernir o seu programa divino e a responder-lhe em liberdade. Mas, como qualquer software, ele também precisa ser constantemente atualizado. Manter

atualizado o nosso programa, significa ouvir o Senhor e aceitar o desafio de fazer a Sua vontade. É triste quando o software não está atualizado e, é ainda mais triste quando está obsoleto ou avariado, então não serve.

A única coisa que nos guia e nos mantém no caminho certo *é a sabedoria que vem da fé.* Não é a falsa sabedoria deste mundo. Para receber esta sabedoria devemos olhar para o mundo, para as nossas situações, para os nossos problemas, tudo com os olhos de Deus. Recebemos esta sabedoria quando começamos a ver as coisas com os olhos de Deus, a ouvir os outros com os ouvidos de Deus, a amar com o coração de Deus e a avaliar as coisas com os valores de Deus.

Esta sabedoria ajuda-nos a reconhecer e rejeitar falsas promessas de felicidade. São tantos! Uma cultura que faz falsas promessas não pode libertar, apenas conduz a um egoísmo que enche o coração de trevas e amargura. A sabedoria de Deus, por outro, ajuda-nos a compreender como acolher e aceitar aqueles que agem e pensam de forma diferente de nós. É triste quando começamos a nos fechar dentro do nosso pequeno mundo e nos viramos sobre nós mesmos. Então, acabamos por assumir o princípio de que "é como eu digo ou adeus". E esse é um mau princípio. Quando usamos este princípio, ficamos presos, fechados em nós mesmos. Quando um povo, uma religião ou uma sociedade se torna um "pequeno mundo", perde o melhor que tem e cai numa mentalidade presunçosa, a do "eu sou bom, tu és mau". A sabedoria de Deus abre-nos aos outros. Ajuda-nos a olhar para além dos nossos confortos pessoais e das falsas seguranças que nos cegam para os grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna de ser vivida.

Sempre ir além

A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade de discípulos, é uma alegria missionária. É vivida pelos setenta e dois discípulos, que regressam da sua missão cheios de alegria (cfr Lc 10, 17). É vivida por Jesus, que se alegra no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos mais pequeninos (cfr Lc 10, 21). É sentidas pelos primeiros que se converterem pela pregação dos Apóstolos, que ouviam «cada um na sua língua» (Act 2, 6) no dia de Pentecostes. Esta alegria é sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a dar frutos. Mas esta alegria mantém sempre a dinâmica do êxodo e da doação, do sair de si mesmos, de caminhar e semear sempre de novo, sempre além. O Senhor diz: *"Vamos para outro lugar, para as aldeias vizinhas, para que eu possa pregar lá também; pois é por isso que vim."* (Mc 1,38). Quando a semente foi semeada num lugar, ele não fica mais lá para explicar melhor ou para fazer mais sinais, o Espírito leva-o a ir para outras aldeias.

Pôr-se a caminho

Antes de poderem adorar o Menino nascido em Belém, os Reis Magos tiveram de fazer uma longa viagem. Mateus escreve: *"Eis que alguns sábios vieram do Oriente para Jerusalém e disseram: Onde está aquele que nasceu, o rei dos judeus? Vimos a sua estrela erguer-se e viemos adorá-lo»* (Mt 2, 1-2).

A viagem implica sempre uma transformação, uma mudança. Depois de uma viagem, tu não és o mesmo de antes. Há sempre algo de novo em quem fez uma viagem: os seus conhecimentos expandiram-se, viram novas pessoas e coisas, experimentaram o fortalecimento da sua vontade em enfrentar as dificuldades e os riscos da viagem. Não se chega a adorar ao Senhor sem antes passar pelo amadurecimento interior, sem pôr-se a caminho.

Escolher o caminho do bem

O que significa "viajar para o Senhor"? Significa percorrer o caminho do bem, não o do mal; o caminho do perdão, não o da vingança; o caminho da paz, não o da guerra; o caminho da solidariedade, não o do egoísmo.

Para onde está direcionado o meu coração?

A Quaresma é *uma viagem de regresso a Deus*. Quantas vezes, ocupados ou indiferentes, lhe dissemos: *"Senhor, virei a ti mais tarde, espera... Hoje não posso, mas amanhã vou começar a rezar e a fazer algo pelos outros."* E assim acontece dia após dia. Ora bem, Deus apela aos nossos corações. Na vida, sempre teremos coisas para fazer e desculpas para apresentar, mas irmãos e irmãs, hoje é a hora de voltar para Deus.

Voltai a mim, diz ele, *de todo o coração*. A Quaresma é um caminho que envolve toda a nossa vida, todos nós mesmos. É tempo de verificar os caminhos que estamos a percorrer, de encontrar o caminho de regresso a casa, de redescobrir o vínculo fundamental com Deus, do qual tudo depende. A Quaresma não é uma coleção de "fioretti", é discernir para onde está orientado o coração. Este é o centro da Quaresma: para onde está orientado o meu coração? Vamos tentar perguntar-nos: para onde me leva o navegador da minha vida, para Deus ou para o meu ego? Eu vivo para agradar ao Senhor, ou para ser notado, louvado, preferido, ter o primeiro lugar, e assim por diante? Tenho um coração "dançante", que " dá um passo para a frente e um passo para trás, ama um pouco o Senhor e um pouco o mundo, ou é um coração firme em Deus? Estou bem com as minhas hipocrisias ou luto para libertar o meu coração da duplicidade e falsidade que o encantam?

O caminho da Quaresma é *um êxodo, é um êxodo da escravidão para a liberdade*. São quarenta dias que comemoram os quarenta anos em que o povo de Deus caminhou pelo deserto para voltar à sua terra. Mas como foi difícil deixar o Egito! Sempre, pelo caminho, houve a tentação de voltar, de se amarrar às memórias do passado, a algum ídolo. Assim é também para nós: o caminho de regresso a Deus é obstaculizado pelos nossos apegos doentios, é travado pelas armadilhas sedutoras dos vícios, pela falsa segurança do dinheiro e das aparências, pelo lamento paralisante que vitimiza. Para caminhar, devemos desmascarar essas ilusões.

Para não perder o rumo

Neste caminho, para não perdermos o rumo, coloquemo-nos diante da cruz de Jesus: ela é a cátedra silenciosa de Deus. Olhemos todos os dias para as suas chagas, as chagas que levou para o céu e que mostra ao Pai, todos os dias, na sua oração intercessora. Olhamos para as suas feridas todos os dias. Nesses furos reconhecemos o nosso vazio, as nossas deficiências, as feridas do pecado, os golpes que nos feriram. No entanto, é precisamente aí que vemos que Deus não nos aponta o dedo, mas nos abre os braços. As suas chagas estão abertas para nós, pelas suas chagas fomos curados (cf. 1 Pd 2, 25; Is 53:5). Beijemos essas chagas e compreenderemos que ali mesmo, nessas feridas mais dolorosas, onde nós mais nos envergonhamos, porque lá, estamos mais vulneráveis, Ele veio ao nosso encontro. E agora que vem ao nosso encontro, convida-nos a voltar a Ele, a redescobrir a alegria de sermos amados.

> Abençoai e santificai a minha alma com as bênçãos celestes, para que ela se torne a vossa santa morada e trono da vossa glória, e neste templo da vossa divindade nada se encontre que possa desagradar aos olhos da vossa majestade. Voltai para mim o vosso olhar na medida da vossa grande bondade e da vossa imensa misericórdia; escutai a oração do vosso miserável servo que vive longe numa peregrinação, nas regiões sombrias da morte. Protegei e conservai a alma desse vosso pequeno servo que passa por os muitos perigos desta vida terrena; acompanhai-o com a vossa graça, guiai-o pelo caminho da paz até à Pátria da Luz eterna. Assim seja. (Imitação de Cristo, III, 59)

O derradeiro horizonte da nossa viagem

As páginas finais da Bíblia mostram-nos o horizonte último do caminho do crente: a Jerusalém do Céu, a Jerusalém celeste. É apresentada, antes de mais, como uma imensa tenda, onde Deus acolherá todos os homens para habitarem definitivamente com Ele (Ap 21, 3). E essa é a nossa esperança. E o que Deus fará Deus quando finalmente estivermos com Ele? Ele usará

para connosco uma infinita ternura, como um pai que acolhe seus filhos que há muito tempo labutam e sofrem.

Vamos chorar, sim, mas de alegria

Jesus Cristo conduz-nos à grande «tenda» de Deus com os homens, com tantos outros irmãos e irmãs, e levaremos a Deus a memória dos dias vividos aqui em baixo. E será bom descobrir nesse instante que nada se perdeu, nem um sorriso, nem uma lágrima. Não importa quanto anos tivermos vivido na terra, por quanto longa pode ter sido, sentiremos que foi como um sopro. A criação não parou no sexto dia do Gênesis, mas continuou incansavelmente, porque Deus sempre se preocupou connosco. Até ao dia em que todas as coisas se cumprirão, na manhã em que as lágrimas se apagarão, no exato momento em que Deus pronunciará a sua última palavra de bênção: «Eis — diz o Senhor — *Eu faço novas todas as coisas!»* Sim, o nosso Pai é o Deus das novidades e das surpresas. E nesse dia iremos ficar muito felizes e choraremos de alegria. Sim, choraremos de alegria.

Se nesta noite estás a passar horas escura em teu coração...

Irmã, irmão, se nesta noite o teu coração passa por uma hora escura, um dia que ainda não amanheceu, uma luz enterrada, um sonho despedaçado, vai, abre o teu coração com espanto perante o anúncio da Páscoa: *"Não tenhas medo, ele ressuscitou! Ele está esperando por você na Galileia."* As vossas expectativas não ficarão por se cumprir, as vossas lágrimas serão enxugadas, os vossos medos serão vencidos pela esperança. Porque, sabeis, o Senhor está sempre antes de vós, caminha sempre diante de vós. E, com Ele, a vida recomeça sempre.

Morte, não te orgulhar se te chamaram
poderosa e horrenda. Tu não és.
Aqueles que tu pensas derrubar não morrem,
pobre morte, não me podes matar.
Do descanso e do sono, meras imagens tuas,
Vivo o grande prazer, que é maior do que possa ter gerado.
E quanto depressa os melhores entre nós forem contigo,
paz até aos seus ossos, libertação da alma.
Tu, escrava do destino, do acaso, dos reis, dos desesperados,
tem uma casa com veneno, doença, guerra,
e a papoila e o filtro fazem-nos dormir também
melhor do que a tua barra. Então, por que te enche?
Um breve sono e acordamos eternos.
Não haverá mais morte. E a morte, morrerá.

(John Donne, *Sonetos Sagrados*)

Do susto ao espanto

As mulheres pensaram que encontrariam o corpo morto para ungir, mas encontraram uma sepultura vazia. Tinham ido chorar um morto, mas ouviram um anúncio de vida. Por isso, o Evangelho diz que aquelas mulheres ficaram *cheias de medo e de espanto* (Mc 16, 8), cheias de medo de espanto. Espanto: neste caso, é um medo misturado com alegria, que surpreende os seus corações ao ver a grande pedra do túmulo rolar *"e dentro de um jovem com um manto branco*. É a maravilha de escutar estas palavras: *"Não tenhais medo! Procurais Jesus de Nazaré, o crucificado. Ele ressuscitou."* E depois aquele convite: *"Ele vai antes de vós para a Galileia, lá o vereis"*. Acolhamos também este convite, *o convite da Páscoa*: vamos à Galileia, onde o Senhor ressuscitado nos precede.

Deixa-te surpreender pela fé

Ir à Galileia é trilhar novos caminhos. É caminhar na direção oposta ao túmulo. As mulheres procuravam Jesus no sepulcro, ou seja, vão lembrar o que viveram com Ele e que agora está perdido para sempre. Vão remexer na tristeza. É a imagem de uma fé que se torna comemoração de um acontecimento bonito, mas finito, apenas para ser lembrado. Uma fé feita de hábitos, de coisas do passado, de boas memórias de infância, que já não me toca, já não me interpela. Ir para a Galileia, muito pelo contrário, significa aprender que a fé, para estar viva, deve retomar a estrada. Deve reavivar em cada dia o início do caminho, o espanto do primeiro encontro. E depois confiar-se, sem a presunção de já saber tudo, mas com a humildade de quem se deixa surpreender pelos caminhos de Deus. Temos medo das surpresas de Deus; geralmente temos medo de que Deus nos surpreenda. E hoje o Senhor convida-nos a deixarmo-nos surpreender. Vamos à Galileia para descobrir que Deus não pode ser colocado entre as memórias da infância, mas está vivo, sempre surpreendente. Ressuscitado, ele nunca deixa de nos surpreender.

A fé não é um repertório do passado, Jesus não é um personagem ultrapassado. Ele está vivo, *aqui e agora*. Caminha contigo todos os dias, na situação que tu estás a viver, na provação que estás a passar, nos sonhos que tens dentro de ti. Abre novos caminhos onde te parece não haver, te impele a caminhar contra a maré em relação ao "já visto". Mesmo que tudo pareça perdido, abra-te ao espanto da sua novidade: irás ficar surpreendido.

Redescobre a graça do dia-a-dia

Ir à Galileia significa também ir às fronteiras. Porque a Galileia é o lugar mais distante: uma região compósita e variegada onde vivem aqueles que estão mais distantes da pureza ritual de Jerusalém. No entanto, Jesus começou é

a partir daí que começou a sua missão, dirigindo o seu anúncio àqueles que continuam a ter dificuldade na vida quotidiana, aos excluídos, aos frágeis, aos pobres, para ser o rosto e a presença de Deus, que incansavelmente procura os desanimados ou os perdidos, que se dirige para os fins da existência porque, aos seus olhos, ninguém é o último, ninguém está excluído. O Ressuscitado pede aos seus discípulos de irem lá, ainda hoje nos pede para irmos à Galileia, a esta «Galileia» real. É o lugar da vida quotidiana, as ruas que percorremos todos os dias, os recantos das nossas cidades onde o Senhor nos precede e se faz presente, precisamente na vida daqueles que passam e partilham connosco o seu tempo, casa, trabalho, lutas e esperanças. Na Galileia, aprendemos que podemos encontrar o Ressuscitado no rosto dos irmãos, no entusiasmo dos que sonham e na resignação dos desanimados, nos sorrisos dos que se regozijam e nas lágrimas dos que sofrem, especialmente nos pobres e marginalizados. Ficaremos espantados com a grandeza de Deus que se revela na pequenez, como a sua beleza resplandece nos simples e nos pobres.

Jesus, o Ressuscitado, ama-nos sem confins e visita cada situação da nossa vida. Ele plantou a sua presença no coração do mundo e convida-nos também a superar as barreiras, a vencer os preconceitos, a aproximar aqueles que estão ao nosso lado todos os dias, para redescobrir a graça da quotidianidade. Reconheçamo-lo presente nas nossas Galileias, na vida quotidiana. Com Ele, a vida mudará. Porque para além de todas as derrotas, do mal e da violência, para além de todo o sofrimento e para além da morte, o Ressuscitado vive e o Ressuscitado conduz a história.

Há sempre uma nova vida que pode recomeçar em nós

Ir para a Galileia significa, antes de tudo, *recomeçar*. Para os discípulos, é voltar ao lugar onde o Senhor os procurou pela primeira vez e os chamou a segui-Lo. É o lugar do primeiro encontro e o lugar do primeiro amor. A partir desse momento, tendo deixado as suas redes, seguiram Jesus, ouvindo a sua pregação e testemunhando as maravilhas que ele realizava. No entanto, embora estivessem sempre com Ele, não O compreendiam plenamente, muitas vezes interpretavam mal as suas palavras e fugiam da Cruz, deixando-o sozinho. Apesar deste fracasso, o Senhor ressuscitado apresenta-se como Aquele que, mais uma vez, os precede na Galileia; precede-os, isto é, está diante deles. Chama-os mais uma vez a segui-Lo, chama-os sem nunca se cansar. O Ressuscitado diz-lhes: *«Recomecemos de onde começámos. Recomeçamos. Eu quero-vos de volta comigo, apesar e além de todos os fracassos."* Nesta Galileia aprendemos a maravilha do amor infinito do Senhor, que traça novos atalhos dentro dos caminhos das nossas derrotas. Assim é o Senhor: Ele abre novos caminhos dentro dos

caminhos das nossas derrotas. Ele é assim e convida-nos à Galileia para o fazer.

É sempre possível recomeçar, porque há sempre uma nova vida que Deus é capaz de fazer recomeçar em nós para além de todos os nossos fracassos. Mesmo dos escombros do nosso coração – cada um de nós conhece os escombros do seu próprio coração – Deus pode construir uma obra prima; mesmo a partir dos fragmentos ruinosos da nossa humanidade Deus prepara uma nova história. Ele precede-nos sempre: na cruz do sofrimento, da desolação e da morte, bem como na glória de uma vida que ressurge, de uma história que muda, de uma esperança que renasce.

IV - A FELICIDADE NÃO É IR VIVENDO

O que é efêmero e o que dura. Só Deus pode dar à nossa existência aquela plenitude de vida tão desejada, mas difícil de alcançar. De facto, há muitos, ainda hoje, que se propõem como dispensadores de felicidade: prometem sucesso em pouco tempo, grandes lucros à mão, soluções mágicas para todos os problemas, e assim por diante.

E aqui é fácil escorregar sem se aperceber do pecado contra o primeiro mandamento: a idolatria, substituindo Deus por um ídolo. Idolatria e ídolos parecem coisas de outros tempos, mas na realidade são *de todos* os tempos! Ainda hoje. Eles descrevem algumas atitudes contemporâneas melhor do que muitas análises sociológicas.

Por isso, Jesus abre os nossos olhos para a realidade. Somos chamados à felicidade, à bem-aventurança, e nos tornamos bem-aventurados, desde agora, na medida em que nos colocamos ao lado de Deus, do seu Reino, do lado daquilo que não é efémero, mas dura para a vida eterna. Somos felizes se reconhecermos que somos necessitados diante de Deus – e isto é muito importante: *"Senhor, preciso de Ti"* – e se, como Ele e com Ele, estivermos próximos dos pobres, dos aflitos e dos famintos. Nós também o somos: somos pobres, aflitos, famintos diante de Deus. Tornamo-nos capazes de dar alegria sempre que, possuindo os bens deste mundo, não fabricamos ídolos para vender nossas almas, mas somos capazes de compartilhá-los com nossos irmãos.

Prazeres superficiais

O grande perigo do mundo de hoje, com a sua múltipla e opressora oferta de consumo, que dá uma tristeza individualista que brota do coração confortável e miserável, da busca doentia de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, já não há mais espaço para os outros, os pobres já não entram, a voz de Deus já não se ouve, já não se desfruta da doce alegria do seu amor, não palpita o entusiasmo de fazer o bem. Os crentes também correm este risco, certo e permanente. Muitos caem nele e se transformam em pessoas ressentidas, descontentes e sem vida. Esta não é a escolha de uma vida digna e plena, não é o desejo de Deus por nós, não é a vida no Espírito que brota do coração de Cristo ressuscitado.

Pureza, mansidão e misericórdia

Escolher a pureza, a mansidão e a misericórdia; escolher entregar-se ao Senhor na pobreza de espírito e na aflição; empenhar-se com a justiça e a paz, tudo isto significa ir contra a maré perante a mentalidade deste

mundo, no que diz respeito à cultura da posse, da diversão sem sentido, da arrogância para com os mais fracos.

A coragem da sobriedade

Em primeiro lugar, procurai ser livre perante as coisas. O Senhor nos chama a um estilo de vida evangélico marcado pela sobriedade, a não ceder à cultura do consumo. Trata-se de procurar o essencial, de aprender a despir-nos de tantas coisas supérfluas e inúteis que nos sufocam. Desapeguemo-nos da ânsia de ter, do dinheiro idolatrado e depois desperdiçado. Vamos colocar Jesus em primeiro lugar. Ele pode libertar-nos das idolatrias que nos escravizam. Confiai em Deus, queridos jovens! Ele conhece-nos, ama-nos e nunca se esquece de nós. Ele que cuida os lírios do campo (cfr Mt 6, 28), nada nos deixará faltar! Para ultrapassar a crise económica, temos de estar preparados para mudar o nosso estilo de vida, para evitar tantos desperdícios. Assim como é necessária a coragem da felicidade, também é necessária a coragem da sobriedade.

A Coragem da Liberdade

Sejais pessoas livres! Talvez se pensa que liberdade é fazer o que quisermos; ou aventurar-se em experiências-limites para experimentar a embriaguez e superar o tédio. Não é essa a liberdade. Liberdade significa saber refletir sobre o que fazemos, saber avaliar o que é bom e o que é mau, quais são os comportamentos que nos fazem crescer, significa escolher sempre para o bem. Nós somos livres para o bem. E nisso, não tenhais medo de remar contra a maré, mesmo que não seja fácil! Ser livre para escolher sempre o bem é desafiador, mas vai fazer de vós pessoas que tenham a espinha dorsal, que sabem enfrentar a vida, pessoas que têm coragem e paciência.

Cuidado com os vendedores de fumo

As bem-aventuranças de Jesus são uma mensagem decisiva, que nos impele a não confiar nas coisas materiais e transitórias, a não procurar a felicidade seguindo os vendedores de fumo – que muitas vezes são vendedores da morte – os profissionais da ilusão. Não devemos segui-los, porque são incapazes de nos dar esperança. O Senhor ajuda-nos a abrir os olhos, a ter um olhar mais penetrante sobre a realidade, a curar da miopia crónica com que o espírito mundano nos contagia. Com a sua Palavra paradoxal, Ele sacode-nos e faz-nos reconhecer o que verdadeiramente nos enriquece, nos satisfaz, nos dá alegria e dignidade. Enfim, que verdadeiramente dá sentido e plenitude às nossas vidas.

Estamos no mundo para ter a audácia de fazer escolhas fortes

Quando sonhais com o amor, não acreditais em efeitos especiais, mas que cada um de vós é especial, cada um de vós. Cada um é um «dom» e pode fazer da sus própria vida, um dom. Os outros, a sociedade, os pobres estão a vossa espera. Sonhais com uma beleza que vai além da aparência, além da maquiagem, além das tendências da moda. Sonhais sem medo de constituir família, de gerar e educar filhos, de passar uma vida a partilhar tudo com outra pessoa, sem ter vergonha das vossas próprias fragilidades, porque lá está ele, ou ela, que vos acolhe e vos ama, que vos ama assim como sois. Isto é amor: amar o outro assim como ele é. Os sonhos que temos dizem-nos a vida que queremos ter. Os grandes sonhos não são o carro potente, a roupa da moda ou as férias transgressivas. Não dais ouvidos a quem vos fala de sonhos e, em vez disso, vende-lhe ilusões. Uma coisa é sonhar, outra coisa é ter ilusões. Aqueles que vendem ilusões falando de sonhos são *manipuladores da felicidade*. Fomos criados para uma ainda alegria maior: cada um de nós é único e está neste mundo para se sentir amado na sua singularidade e para amar os outros como ninguém poderá fazer em seu lugar. Não podemos viver sentado num banco e fazer a reserva de outra pessoa. Não, cada um é único aos olhos de Deus. Não se deixem "homologar"; não fomos fetos em série, somos únicos, somos livres e estamos no mundo para viver uma história de amor, de amor com Deus, para abraçar a audácia de escolhas fortes, para nos aventurarmos no risco maravilhoso de amar.

O coração rico e o coração pobre

O evangelho convida-nos a reconhecer a verdade do nosso coração, isto é, a ver onde colocamos a segurança da nossa vida. Normalmente, os ricos sentem-se seguros com as suas riquezas, mas, quando chegar o perigo, o sentido da sua vida na Terra desmorona-se. O próprio Jesus falo-nos disso com parábola do rico tolo; falando daquele homem que confiava na sua grande riqueza, mas, como um tolo, não pensava que poderia morrer naquele mesmo dia.

As riquezas não te garantem nada. Pelo contrário, quando o coração se sente rico e tão satisfeito de si mesmo, não deixa para a Palavra de Deus, para amar os irmãos ou para desfrutar das coisas mais importantes da vida. Priva-se dos maiores bens. Por isso, Jesus chama bem-aventurados os pobres de espírito porque têm um coração pobre, no qual pode entrar o Senhor com a sua constante novidade.

A mortalha não tem bolsos!

Tu não podes servir a dois senhores: Deus e a riqueza. Enquanto alguém procura acumular para si, nunca haverá justiça. Se, pelo contrário, confias

em Deus e na Sua providência de Deus, estás a procurar juntos com os outros o seu Reino, então, a ninguém faltará o necessário para viver com dignidade.

Um coração ocupado pelo anseio de possuir é um coração cheio desse desejo, mas vazio de Deus. Por isso, Jesus advertiu repetidamente os ricos, porque eles correm o grande risco de colocarem a sua segurança nos bens deste mundo, em vez de procurar a verdadeira segurança, a segurança definitiva, que está em Deus. Num coração possuído pelas riquezas não há muito espaço para a fé: tudo está ocupado pelas riquezas. Se, pelo contrário, dá a Deus o lugar que lhe pertence, isto é, o primeiro lugar, terá o coração cheio de amor, e, por amor, partilhará as riquezas, pondo-a ao serviço da solidariedade e do desenvolvimento, como demonstram tantos exemplos, inclusive recentes, na história da Igreja. A Providência de Deus passa pelo nosso serviço aos outros, pela nossa partilha com os outros. Quando alguém deixa de acumular as riquezas apenas para si, mas a põe ao serviço dos outros, a Providência de Deus torna-se visível neste gesto de solidariedade. O que acontecerá com aqueles que acumulam apenas para si mesmos quando forem chamados por Deus? Não poderão levar consigo as suas riquezas porque a mortalha não tem bolsos! É melhor partilhar, porque só levaremos connosco trazemos para o Céu o que partilhámos com os outros.

> O homem, portanto, prove-se a si mesmo a partir dos seus sentimentos interiores. [...] Se ele tomará consciência de sua própria ira, raiva, inveja e orgulho, imediatamente o sentirá, e "sentirá, que se tornou amargo e insípido: insípido pelo seu próprio orgulho, sentir-se-á amargo e insosso: insosso pela sua própria soberba, movimentos de raiva ou inveja. Se, finalmente, ele se tornar sensível à sua própria preguiça e avareza espiritual, seu tato espiritual se sentirá como um frio exagerado, de modo que ele não saberá se apegar ao bem, e perceberá que todo o seu calor é dirigido sobre os cuidados temporais, sobre os quais reversa o seu amor, e dos quais não sabe como se comportar. Sentirá então também as outras possibilidades do seu trato, a saber, a demasiada ternura com que repousa e a demasiada dureza pela qual não se deixa penetrar pelas coisas divinas. (São Pedro Favre, *Memorial*)

A busca obsessiva da riqueza leva à infelicidade

Deus não é um ser distante e anónimo: Ele é o nosso refúgio, a fonte da nossa serenidade e da nossa paz. Ele é a rocha da nossa salvação, à qual podemos agarrar-nos na certeza de não cair; aquele que se apega a Deus nunca cairá! Ele é a nossa defesa contra o mal que está sempre à espreita. Deus é nosso grande amigo, nosso aliado, nosso pai, mas nem sempre nos

damos conta disso. Não percebemos que temos um amigo, um aliado, um pai que "nos ama, e preferimos apoiar-nos em bens imediatos que podemos tocar, em bens contingentes, esquecendo e, por vezes, rejeitando o bem supremo, isto é, o amor paterno de Deus e senti-lo como Pai, neste tempo de orfandade. isto é muito importante!

Afastamo-nos do amor de Deus quando manifestamos um amor exagerado pelos bens e riquezas terrenas, buscando-os obsessivamente. Jesus diz-nos que esta busca frenética é ilusória e causa de infelicidade. Por isso, Ele dá aos seus discípulos uma regra fundamental de vida: *«Buscai, antes de mais, o Reino de Deus».* Trata-se de realizar o projeto que Jesus anunciou no Sermão da Montanha, confiando em Deus que não desilude. Tantos amigos, ou tantos que julgávamos amigos, nos dececionaram, mas Deus nunca desilude! Ele quer que trabalhemos como administradores fiéis dos bens que Ele nos deu, também os bens terrenos, mas sem "exagerar", como se tudo, até mesmo a nossa salvação, dependesse apenas de nós. Esta atitude evangélica - de procurar em primeiro lugar o Reino de Deus - exige uma escolha clara, que o Evangelho de Lucas (16, 9-15) indica com precisão: *«Não podeis servir a Deus e às riquezas»*. Ou servimos o Senhor ou servimos os ídolos fascinantes, mas ilusórios. Esta é escolha que somos chamados a fazer e que se repercute em muitos dos nossos atos, programas e compromissos. É uma escolha que deve ser feita de forma clara e constantemente renovar, porque as tentações de reduzir tudo a dinheiro, prazer e poder são prementes.

Embora honrar esses ídolos levem a resultados tangíveis, ainda que fugazes, a escolha de Deus e do seu Reino nem sempre mostra imediatamente os seus frutos. É uma decisão que é tomada na esperança e que deixa a plena realização a Deus. A esperança cristã visa ao cumprimento futuro da promessa de Deus e não para diante de nenhuma dificuldade, porque se funda na fidelidade de Deus, que nunca falha. Ele é fiel, é um pai fiel, é um amigo fiel, é um aliado fiel.

A beleza para além das aparências

Há uma beleza no trabalhador que volta à casa sujo e desarrumado, mas alegre por ter ganho pão para os filhos. Há uma beleza extraordinária na comunhão da família reunida à volta da mesa e no pão generosamente partilhado, embora a mesa seja muito pobre. Há uma beleza na esposa despenteada, e um tanto idosa, que continua a cuidar do seu marido doente, além das suas próprias forças e da sua própria saúde. Embora a primavera do namoro esteja longe, há uma beleza na fidelidade dos casais que se amam no outono da vida e naqueles velhos que andam de mãos dadas. Há uma beleza que ultrapassa a aparência ou a estética da moda em cada homem e mulher que vive a sua vocação pessoal com amor, no serviço

abnegado à comunidade, à pátria, ao trabalho generoso para a felicidade da família, empenhados no serviço desinteressado, anónimo e gratuito para restabelecer a amizade social. Descobrir, mostrar e realçar esta beleza, que recorda a de Cristo na Cruz, significa lançar as bases da verdadeira solidariedade social e da cultura do encontro.

A vida em frente ao espelho é ruim

Não cedais à tentação de vos concentrardes sobre vós mesmos, olhando para a vossa barriga, à tentação de se vos tornardes egoístas ou superficiais diante da dor, das dificuldades ou do sucesso passageiro. Afirmamos aqui, mais uma vez, que o que acontece ao outro, acontece a mim"; vamos contra a maré perante esse individualismo que isola, que nos tornar egocêntricos, que nos torna vaidosos, e preocupados apenas com a imagem do nosso próprio bem-estar. A vida diante do espelho é má.

Rir de si mesmo

Os jovens narcisistas penteiam o cabelo, penteiam-se e se olham no espelho o tempo todo. Quero dar-vos um conselho: olhai-vos no espelho de vez em quando, mas mar rir de si mesmo. Rir de si mesmo faz bem. Sim, fazer bem.

Jovens na vertigem do nada

Sinto pena, custa-me encontrar jovens que parecem "reformados" antes do tempo. Jovens que parecem reformados aos vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco anos de idade. Preocupa-me ver jovens jogadores que "jogaram a toalha" ainda antes de começar o jogo. Que "desistiram" ante de terem começado a jogar. Dói-me ver jovens a caminhar com rostos tristes, como se as suas vidas não tivessem valor. São jovens essencialmente aborrecidos... e chatos, chatos, e isso me dói. É difícil, e ao mesmo tempo desafiante, ver jovens que deixam de viver, em busca de "vertigens", ou para terem aquela estranha sensação de se sentirem vivos por vias obscuras, que depois acabam por "pagar"... e pagar a caro preço. Pensem em tantos jovens que escolheram este caminho. Faz pensar ver jovens que perdem a suas próprias energias e os melhores anos das suas vidas a correr atrás de vendedores de falsas ilusões – há sim alguns! – que lhes roubam a sua melhor parte deles. Jovens que, seguindo "estas falsas ilusões, entram em vertigens e acabam no nada. Tudo isso, dói-me.

O contrário de uma vida banal

Hoje em dia, sabemos, a vida de algumas pessoas pode resultar medíocre e monótona, apagada, porque provavelmente não procuraram o verdadeiro tesouro: contentaram-se com coisas atraentes, mas efémeras, com flashes brilhantes, mas ilusórios, porque depois ficam no escuro. Pelo contrário., a

luz do Reino não é um fogo de artifício, é luz: o fogo de artifício dura apenas um instante, a luz do Reino permanece, acompanha-nos durante toda a nossa vida.

O Reino dos Céus é o oposto das coisas supérfluas que o mundo oferece, é o oposto de uma vida banal: é um tesouro que renova a vida todos os dias e a expande para horizontes mais amplos. De facto, aqueles que encontraram este tesouro têm um coração criativo, sempre à procura, que não se repete, mas inventa, traçando e seguindo novos caminhos, que nos levam a amar a Deus, a amar os outros, a amar-se verdadeiramente a si mesmos. O sinal distintivo de quem segue neste caminho do Reino é a criatividade. E criatividade é aquilo que toma a vida e dá vida, e dá, e "dá... E encontra sempre tantas maneiras diferentes de dá-la.

Jesus, que é o tesouro escondido e a pérola de grande valor, não pode deixar de suscitar toda a alegria do mundo: a alegria de descobrir o sentido da própria vida, a alegria de a sentir comprometida na aventura da santidade.

A beleza da austeridade

O consumismo hedonista pode enganar-nos, porque na obsessão de nos divertirmos acabamos por estar excessivamente focados em nós próprios, nos nossos direitos e na exasperação de termos tempo livre para aproveitar a vida. Será difícil que nos comprometamos e que dediquemos tempo e energia para ajudar quem está mal se não cultivarmos uma certa austeridade, se não lutarmos contra aquela febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender novos produtos, e que no final nos transforma em pessoas pobres e insatisfeitos que querem ter tudo e experimentar tudo. Mesmo o consumo de informações superficiais e as formas de comunicação rápida e virtual pode tornar-se um fator que nos tira todo o tempo e nos distancia da carne sofredora dos nossos irmãos. No meio deste abismo atual, ressoa de novo o Evangelho para nos oferecer uma vida diferente, mais saudável e mais feliz.

Estejais vigilantes

Estejais atentos, vigiai, não se deixem distrair, ficai acordados! Vigilância significa isto: não permitir que o coração se torne preguiçoso e que a vida espiritual se abrande na mediocridade. Cuidado porque é possível ser "cristãos adormecidos" – e sabemos que há muitos "cristãos adormecidos, anestesiados pelo mundanismo, cristãos sem ímpeto espiritual, sem ardor na oração – rezam como papagaios – sem entusiasmo pela missão, sem paixão pelo Evangelho. Cristãos incapazes de olhar para o horizonte. E isto leva a «cochilar»: a seguir em frente por inércia, a cair na apatia,

indiferentes a tudo menos ao que nos convém. Esta é uma vida triste, é triste continuar assim... Não há felicidade lá.

O que é que queres? A vertigem ou a plenitude?

Não queremos que nos roubem o melhor de nós mesmos, não queremos permitir que nos roubem as energias, não queremos que nos roubem a alegria, não queremos que nos roubem os sonhos com falsas ilusões. Caros amigos, peço-vos: quereis para a vossa vida esta "vertigem" alienante ou aquela força que vos faz sentir vivos e plenos? O que quereis: vertigem alienante ou força de plenitude? Para ter vida em plenitude, uma vida renovada, há uma resposta, uma resposta que não se vende, uma resposta que não se compra, uma resposta que não é uma coisa, que não é um objeto, mas é uma pessoa: chama-se Jesus Cristo. Pergunto-vos: Jesus Cristo pode ser comprado? Jesus Cristo vende-se nas lojas? Jesus Cristo é um dom, um dom do Pai, o dom do nosso Pai.

Liberdade é escolher o bem

Muitos dirão que ser livre significa fazer o que quiser. Mas aqui é necessário saber dizer não. Se não babes dizer não, não estás livre. Livre é aquele que sabe dizer sim e sabe dizer não. Liberdade não poder fazer o que me apetece: isso fecha-te, afasta-te, impede-te de ser amigo aberto e sincero; não é verdade que, quando estou bem, tudo está a correr bem. Não, isso não é verdade. A liberdade é o dom de poder escolher o bem: isto é, a liberdade. Quem escolhe o bem é livre, quem procura o que agrada a Deus, mesmo que seja cansativo, mesmo que não seja fácil.

Só com escolhas corajosas e fortes é que se realizam os maiores sonhos, aqueles pelos quais vale a pena dar a vida. Escolhas corajosas e fortes. Não te contentar com a mediocridade, com "sobreviver" ficando confortável no sofá. Não confies naqueles que te distraem da verdadeira riqueza, que és tu, dizendo-te que a vida só é bela se tiveres muitas coisas. Desconfia daqueles que querem que tu acredites que és valioso quando põe a máscara de forte, como os heróis do cinema, ou quando vestes à última moda. A verdadeira felicidade não tem preço e não se compra; Não é um aplicativo que podes baixar no teu celular: nem mesmo a versão mais atualizada poderá ajudar-te a tornar-te pessoa livre, grande no amor. A liberdade é outra coisa.

Porque o amor é o *dom livre e gratuito* de quem tem o coração aberto; o amor é uma *responsabilidade*, uma responsabilidade bela, que dura toda a vida; é o compromisso diário de quem sabe realizar grandes sonhos! *Aí dos jovens que não sabem sonhar*, que não ousam sonhar! Se um jovem não é capaz de sonhar, já se reformou, é inútil. O amor é alimentado pela confiança, pelo respeito e pelo perdão. Não se realiza porque falamos dele,

mas quando o vivemos: não é uma doce poesia que apreendemos de cor, mas uma escolha de vida a pôr em prática!

Fome e sede de justiça

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados." Sim, aqueles que têm um forte sentido de justiça, e não só para com os outros, mas, antes, para consigo mesmos, estes serão saciados, porque estão prontos a aceitar a maior justiça, aquela que só Deus pode dar.

A terrível armadilha

Peço-vos em nome do Filho de Deus que, lutando contra o pecado, nunca rejeitou um pecador. Não caiam na terrível armadilha de pensar que a vida depende do dinheiro e que, diante dele, tudo o resto se torna inútil e indigno. É apenas uma ilusão. Não levaremos dinheiro connosco para a vida após a morte. O dinheiro não nos dá a verdadeira felicidade. A violência usada para acumular dinheiro que escorre sangue não torna alguém poderoso ou imortal. Para todos, mais cedo ou mais tarde, vem o juízo de Deus, do qual ninguém poderá escapar.

Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o momento para se deixar tocar o coração. Diante do mal cometido, mesmo dos crimes graves, é sempre tempo de escutar os gritos das pessoas inocentes, depredadas dos seus bens, da sua dignidade, dos seus afetos, da sua própria vida. Permanecer no caminho do mal é apenas fonte de ilusão e tristeza. A verdadeira vida é outra coisa. Deus não se cansa de estender a mão. Ele está sempre disposto a escutar.

A três misérias

A miséria é a pobreza sem confiança, sem solidariedade, sem esperança. Podemos distinguir três tipos de miséria: a miséria material, a miséria moral e a miséria espiritual.

A miséria material é aquela que vulgarmente é chamada de pobreza e afeta aqueles que vivem numa condição indigna da pessoa humana: privados de direitos fundamentais e dos bens de primeira necessidade como a alimentação, a água, a higiene, o trabalho, a possibilidade de desenvolvimento e de crescimento cultural. Diante desta miséria, a Igreja

oferece o seu serviço, a sua diaconia, para ir ao encontro das necessidades e curar estas feridas que desfiguram o rosto da humanidade. Nos pobres e nos mais pequeninos vemos o rosto de Cristo; amando e ajudando os pobres, amamos e servimos a Cristo. O nosso compromisso está também orientado para assegurar que cessem no mundo as violações da dignidade humana, as discriminações e os abusos, que em tantos casos estão na origem da miséria. Quando o poder, o luxo e o dinheiro se tornam ídolos, estes se antepõem a necessidade de uma distribuição justa da riqueza. Portanto, é necessário que as consciências se convertam à justiça, à igualdade, à sobriedade e à partilha.

Não menos preocupante é a *miséria moral*, que consiste em tornar-se escravo do vício e do pecado. Quantas famílias vivem angustiadas porque alguns dos membros são subjugados pelo álcool, drogas, jogo, pornografia! Quantas pessoas perderam o sentido da vida, privadas de perspetivas de futuro e perderam a esperança! E quantas pessoas são constrangidas para esta miséria por condições sociais injustas, pela falta de trabalho que as priva da dignidade de levar pão para casa, pela falta de igualdade no que diz respeito aos direitos à educação e à saúde. Nestes casos, a miséria moral pode muito bem ser chamada de suicídio incipiente.

Esta forma de miséria, que é também a causa da ruína económica, está sempre ligada à *miséria espiritual*, que nos atinge quando nos afastamos de Deus e rejeitamos o seu amor. Se pensamos que não precisamos de Deus, que em Cristo nos estende a mão, porque pensamos que somos suficientes para nós mesmos, entramos para um caminho de fracasso. Deus é o único que verdadeiramente salva e liberta.

A riqueza da pobreza

Precisamos de aderir com plena convicção ao convite do Senhor: «Convertei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). Esta *conversão* consiste, em primeiro lugar, em abrir o coração para reconhecer as múltiplas expressões de pobreza e em manifestar o Reino de Deus através de um estilo de vida coerente com a fé que professamos. Muitas vezes, os pobres são vistos como pessoas separadas, como uma categoria que requer um serviço caritativo particular. A este respeito, seguir Jesus implica uma mudança de mentalidade, isto é, aceitar o desafio da partilha e da participação. Tornar-se Seus discípulos implica a escolha de não acumular tesouros na terra, que dão a ilusão de uma segurança que é, na realidade, frágil e efémera. Pelo contrário, exige uma vontade de se libertar de todas as ligações que impedem de alcançar a verdadeira felicidade e bem-aventurança, de reconhecer o que é duradouro e não pode ser destruído por nada e por ninguém.

Também neste caso, o ensinamento de Jesus vai contra a maré, porque promete aquilo que só os olhos da fé podem ver e experimentar com absoluta certeza: «*Quem deixar casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou campos por amor do meu nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna»* (Mt 19, 29). Se não se escolher de tornar-se pobre em riquezas efêmeras, de poder mundano e vanglória, nunca se será capaz de dar a vida por amor; se viverá uma existência fragmentada, cheia de boas intenções, mas ineficaz para a transformação do mundo. Trata-se, portanto, de abrir-se decididamente à graça de Cristo, que pode fazer de nós testemunhas da sua caridade sem limites e restituir credibilidade à nossa presença no mundo.

A recusa de compromisso

Os compromissos com o mundo são o perigo: o cristão é sempre tentado a transigir com o espírito do mundo. Esta — rejeitar compromissos e seguir o caminho de Jesus Cristo — é a vida do Reino dos Céus, a maior alegria, a verdadeira alegria.

> Tenhas pureza de consciência e terás sempre alegria. Uma consciência limpa pode suportar muito; mesmo no meio das adversidades, estás sempre cheio de alegria, enquanto uma má consciência é sempre apanhada pelos medos e problemas. Teu coração desfrutará de um descanso suave se não tiver nada com que se recriminar. Por isso, alegra-te apenas com o bem que foi feito. Os ímpios nunca têm verdadeira alegria, não experimentam a paz interior, porque "não há paz para os ímpios", diz o Senhor. (Imitação de Cristo, II, VI, 1)

Vamos dizer a verdade em nós mesmos

Se eu estivesse aqui, agora, no lugar de Pilatos diante de Jesus, a olhar em seus olhos, do que eu me envergonharia? Diante da verdade de Jesus, a verdade que é Jesus, quais são as minhas falsidades que não se sustentam, a minha duplicidade que não O agrada? Cada um de nós as tem. É preciso procurá-las. Todos nós temos destas duplicidades, destes compromissos, desta "adaptar as coisas" para que a cruz se afaste. Precisamos de nos colocar diante de Jesus para fazer a verdade dentro de nós. Temos de adorar Jesus para sermos livres por dentro, para iluminarmos a nossa vida e não nos deixarmos enganar pelas modas do momento, pelos fogos de artifício do consumismo que deslumbram e paralisam. Não devemos deixar-nos encantar pelas sirenes do mundo, mas tomar a nossa vida nas nossas próprias mãos, "morder a vida", vivê-la plenamente!

Uma sociedade sem coração

Não queremos que a indiferença e o silêncio sejam a nossa palavra. O que está em jogo é o rosto que queremos dar a nós mesmos como sociedade e

o valor de cada vida. Não podemos esquecer que o progresso dos nossos povos não pode ser medido apenas pelo desenvolvimento tecnológico ou económico. Depende sobretudo da capacidade de se deixar comover e comover por aqueles que batem à porta e com o seu olhar desacreditam e despojam todos os falsos ídolos que hipotecam e escravizam a vida; Ídolos que prometem uma felicidade ilusória e efémera, construída à margem da realidade e do sofrimento alheio. Uma cidade fica deserta e inóspita quando perde a capacidade de compaixão! Uma sociedade sem coração... Uma mãe estéril.

As palavras não são suficientes

Cada um de nós pode pensar em pessoas que vivem sem esperança e estão imersas numa tristeza profunda da qual tentam sair acreditando que encontrarão felicidade no álcool, nas drogas, no jogo, no poder do dinheiro, na sexualidade sem regras... Mas ficam ainda mais dececionados e, às vezes, desabafam sua raiva contra a vida com um comportamento violento e indigno do homem. Quantas pessoas tristes, quantas pessoas tristes, sem esperança! Penso também naqueles jovens que, depois de terem vivido tantas coisas, não encontram sentido na vida e procuram solução no suicídio. Porquê? Porque não encontraram esperança. Tentaram tantas coisas, mas a sociabilidade, que é cruel, não pode dar-lhes esperança. A esperança é como a graça: não pode ser comprada, é um dom de Deus. E nós devemos oferecer a esperança cristã com o nosso testemunho, com a nossa liberdade, com a nossa alegria. O dom da graça, que Deus nos dá, traz esperança. Nós, que temos a alegria de perceber que não somos órfãos, que temos um Pai, não podemos ficar indiferentes. Mas como podemos fazê-lo? Como podemos oferecer esperança? Descendo a rua dizendo: "Eu tenho esperança"? Não! Deve fazê-lo com o teu testemunho, com o teu sorriso. A palavra sem testemunho é ar. As palavras não chegam.

Precisas de amor?

Invoca o Espírito Santo todos os dias para renovardes constantemente em ti a experiência do grande anúncio. Porque não? Tu não perdes nada, e Ele pode mudar a tua vida, Ele pode iluminá-la e dar-lhe um rumo melhor. Não te mutila, não te tira nada, pelo contrário, ajuda-te a encontrar o que precisas da melhor maneira. Precisa de amor? Não poderás encontrá-lo na maldade, usando os outros, possuindo-os ou dominando-os. Encontrá-lo-ás de uma forma que te vai fazer realmente feliz. Está à procura de intensidade? Não a poderás viver isso acumulando coisas, gastando dinheiro, correndo desesperadamente atrás das coisas deste mundo. Ela virá de uma maneira muito mais bela e satisfatória se você se te deixares conduzir pelo Espírito Santo.

A doença do pessimismo

Dir-me-ás que o mundo pensa o contrário. Fala-se muito de amor, mas na realidade reina outro princípio: *cada um pense por si*. Mas não vos deixeis condicionar por isto, pelo que está mal, pelo mal que perversa. Não vos deixeis aprisionar pela tristeza, pelo desânimo resignado daqueles que dizem que nada mudará. Quem acredita nisso, torna-se pessimista. E já viste o rosto de um jovem, de uma jovem pessimista? Já viste como ele é? Um rosto amargo, um rosto de amargura. O pessimismo faz adoecer de amargura, faz-nos envelhecer por dentro. E envelhece-se jovem. Hoje há tantas forças disruptivas. Tantos que culpam tudo e todos, amplificadores da negatividade, profissionais da reclamação. Não os ouçam! Não os ouçam porque a queixa e o pessimismo não são cristãos, o Senhor odeia a tristeza e o vitimismo. Não somos feitos para manter o rosto no chão, mas para elevar o olhar para o Céu, para os outros, para a sociedade.

Levanta-te!

"Eu digo-lhe, levante-te!" Este é um primeiro sentido de missão sobre o qual vos convido a refletir: Jesus dá-nos a força para nos levantarmos e pede-nos que escapemos à morte do nos fecharmos em nós mesmos, da paralisia do egoísmo, da preguiça e da superficialidade. Estas paralisias estão em quase todo o lado, e nos bloqueiam e nos fazem viver uma de museu, uma fé museológica, mais morta do que viva. Para resolver esta atitude feia, Jesus diz: «Levanta-te!», «Levanta-te!», para ser relançado rumo a um futuro de vida, cheio de esperança e caridade para com os irmãos. A missão recomeça quando levamos a sério a palavra do Senhor Jesus: levanta-te!

A voz de Deus e a voz do Maligno

Há a voz de Deus, que gentilmente fala à consciência, e há a voz tentadora que conduz ao mal. Como é que podemos reconhecer a voz do Bom Pastor da voz do ladrão, como é que podemos distinguir a inspiração de Deus da sugestão do maligno? Podemos aprender a discernir essas duas vozes porque falam duas línguas diferentes, ou seja, têm maneiras opostas de bater em nossos corações. Falam línguas diferentes. Assim como sabemos distinguir uma língua de outra, também podemos distinguir a voz de Deus e a voz do maligno. A voz de Deus nunca obriga: Deus propõe-se, não se impõe. Por outro lado, a voz do maligno seduz, agride, constrange: desperta ilusões, suscita emoções tentadoras, mas fugazes. Num primeiro momento lisonjeia, faz-nos acreditar que somos omnipotentes, mas depois deixa-nos com o vazio interior e acusa-nos: 'Não vales nada'. A voz de Deus, em vez, corrige-nos, com grande paciência, mas encoraja-nos sempre, consola-nos:

alimenta sempre a esperança. A voz de Deus é uma voz que tem um horizonte, mas a voz do maligno te leva a uma parede, te mete a um canto.

Outra diferença: a voz do inimigo distrai do presente e quer que nos concentremos nos medos do futuro ou na tristeza do passado. O inimigo não quer o presente: traz de volta a amargura, as memórias dos tortos sofridos, daqueles que nos magoaram. A voz de Deus, em vez, fala no tempo presente: "Agora tu podes fazer o bem, agora pode exercer a tua criatividade do amor, agora podes renunciar aos arrependimentos e remorsos que mantêm preso o teu coração. Anima-nos, faz-nos avançar, mas fala sempre ao presente: agora.

Mais, as duas vozes levantam questões diferentes em nós. A voz que vem de Deus será: "O que é bom para mim?" Em vez, a voz do tentador insistirá em outra pergunta: "O que me apetece fazer?" O que eu gosto: gira sempre em torno do eu, das suas pulsões, das suas necessidades, *tudo e imediatamente*. É como os caprichos das crianças: tudo e agora. A voz de Deus, em vez, nunca promete alegria a baixo preço: convida-nos a ir além do nosso próprio ego para encontrar o verdadeiro bem, a paz. Lembremo-nos: o mal nunca dá paz, primeiro põe frenesim e depois vem a amargura. Este é o estilo do mal.

Finalmente, a voz de Deus e a voz do tentador falam em ambientes diferentes: o inimigo prefere a obscuridade, a falsidade, a fofoca; o Senhor ama a luz do sol, a verdade, a transparência sincera. O inimigo dir-nos-á: "Fecha-te em ti mesmo, ninguém te entende nem te ouve, não confies neles!" O bem, pelo contrário, convida-nos a ser abertos, a ser claros e a confiar em Deus e nos outros. Queridos irmãos e irmãs, neste tempo, tantos pensamentos e preocupações nos levam a voltar para nós mesmos. Prestamos atenção às vozes que chegam aos nossos corações. Vamos nos perguntar de onde vêm. Peçamos a graça de reconhecer e seguir a voz do Bom Pastor, que nos tira dos recintos do egoísmo e nos conduz às pastagens da verdadeira liberdade.

O Diabo com os olhos doces

Jesus opõe-se e vence as atrações do mal. Como? Respondendo às tentações com a Palavra de Deus, que diz para não tirar proveito, não usar Deus, os outros e as coisas para si mesmo, não usar a posição para adquirir privilégios. Porque a verdadeira felicidade e liberdade não estão em possuir, mas em partilhar; não em tirar proveito dos outros, mas em amá-los; não na obsessão do poder, mas na alegria do serviço.

Estas tentações acompanham-nos a todos no caminho da vida. Não devemos ter medo – acontece a todos – mas vigiar, porque muitas vezes, apresentam-se soba a aparência de bem.

É assim que o diabo faz: chega muitas vezes «com olhos doces», «com rosto angélico»; sabe até disfarçar-se com motivos sagrados, aparentemente religiosos! "Se confiarmos na sua bajulação, acabamos por justificar a nossa falsidade, disfarçando-a com boas intenções. Por exemplo, quantas vezes já ouvimos isto: "Fiz negócios, mas ajudei os pobres"; "Aproveitei o meu papel – como político, como governante, como padre, como bispo – mas foi para o bem"; "Cedi aos meus instintos, mas não magoei ninguém", e assim por diante, uma justificação atrás da outra.

Por favor: com o mal, nada de compromissos! Não se diáloga com o diabo! Com a tentação não se deve dialogar, não devemos cair naquele sono de consciência que nos faz dizer: 'Mas, afinal, não é grave, toda a gente faz assim!' Olhemos para Jesus, que não procura acomodações, que não faz acordos com o mal. Ele opõe o diabo a Palavra de Deus, que é mais forte do que o diabo, e assim vence as tentações.

Renunciar ao mal

Renunciar ao mal significa dizer "não" às tentações, ao pecado, a Satanás. Mais concretamente, significa dizer «não» a uma cultura de morte, que se manifesta na fuga da realidade para uma falsa felicidade que se exprime na mentira, na fraude, na injustiça, no desprezo pelos outros. A tudo isto: "não". A vida nova que nos foi dada no Batismo, e que tem como fonte o Espírito, rejeita um comportamento dominado por sentimentos de divisão e discórdia. Por isso, o apóstolo Paulo exorta-nos a retirar do coração *«toda a aspereza, ira, ira, gritos e maledicências, com toda a espécie de malícia»* (v. 31). Estes seis elementos ou vícios, que perturbam a alegria do Espírito Santo, envenenam o coração e levam a imprecações contra Deus e o próximo.

Aderir ao bem

Não basta não fazer o mal para ser um bom cristão; é necessário *aderir ao bem* e fazer o bem: *"sejais bondosos uns com os outros, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como Deus vos perdoou em Cristo"* (São Paulo). Muitas vezes acontece de ouvir alguém dizer: *"Eu não mal a ninguém"*, e pensa que é um santo; mas é necessário que “faças o bem”. Quantas pessoas não fazem o mal, mas também não fazem o bem, e suas vidas fluem na indiferença, na apatia e na tibieza. *"É bom não fazer o mal, mas é mal não fazer o bem"*, dizia Santo Alberto Hurtado.

Hoje exorto-vos a serem protagonistas do bem! Protagonistas no bem, sempre. Não estejais tranquilos por não fazerem o mal; cada um é culpado "do bem que poderia ter feito e não o fez. Não basta não odiar, é preciso perdoar; não basta não guardar rancor, é preciso orar pelos nossos inimigos; não basta não ser causa de divisão, é preciso levar a paz onde não

há paz; não basta não falar mal dos outros, é preciso interromper as conversas daqueles que falam mal de alguém. Bloquear a tagarelice: é fazer o bem. Se não nos opormos ao mal, alimentamo-lo tacitamente. É necessário intervir onde o mal se propaga; porque o mal se espalha onde os cristãos não se opõem corajosamente opondo o bem, «caminhando na caridade», segundo a admoestação de São Paulo.

Purificar o coração das falsidades que o sujam

Jesus expulsou os cambistas do Templo de Jerusalém e todos aqueles que compravam e vendiam. Por que é que Jesus fez um gesto tão forte e provocador? Fê-lo porque o Pai o enviou para purificar o templo: não só o templo de pedra, mas sobretudo o templo do nosso coração. Jesus não tolerou que a casa de seu Pai se tornasse um mercado, assim, Ele deseja que o nosso coração não seja um lugar de confusão e de desordem. O coração deve ser puro, deve ser ordenado, deve ser purificado. Do quê? Das falsidades que o mancham, da duplicidade da hipocrisia. Todos precisamos porque todas as temos. São doenças que machucam o coração, que deitam na lama a nossa vida, que nos fazem ter uma vida dupla. Precisamos ser limpos de nossas seguranças enganosas que vendem a fé em Deus pelas coisas que passam, pelas conveniências do momento. Precisamos que sejam varridas do nosso coração e da Igreja. As sugestões do poder e do dinheiro são nefastas. Para limpar nossos corações, precisamos colocar a mão na massa; de nos sentirmos responsáveis e não ficarmos parados enquanto nosso irmão e irmã sofrem. Mas como purificar o coração? Sozinhos, "não somos capazes, precisamos de Jesus. Ele tem o poder de vencer os nossos males, de curar as nossas doenças, de restaurar o templo do nosso coração.

Os fracassos são um bem

Como é o meu olhar? Olho com olhos atentos ou gosto simplesmente de navegar rapidamente pelos milhares de fotos no meu telemóvel ou perfis sociais? Quantas vezes hoje somos testemunhas oculares de tantos acontecimentos, mas nunca os experimentarmos ao vivo! Por vezes, a nossa primeira reação é filmar a cena com os nossos telemóveis, talvez deixando de olhar nos olhos das pessoas envolvidas.

À nossa volta, mas por vezes também dentro de nós, encontramos realidades de morte: física, espiritual, emocional, social. Damos conta disso ou simplesmente sofremos as consequências? Há algo que possamos fazer para trazer a vida de volta?

Há quem, por exemplo, jogue tudo no presente, pondo em risco as suas vidas com experiências extremas. Outros jovens, em vez, "morreram" porque perderam a esperança. Ouvi de uma rapariga dizer: "Entre os meus

amigos, vejo que se perdeu a vontade de se comprometer, de pôr em jogo a sua vida, de ter a coragem de levantar-se," Infelizmente, a "depressão" também está a alastrar os jovens, que, em alguns casos, leva à tentação de tirar-se a própria vida. Quantas situações em que reina a apatia, em que a vida se perde no abismo da angústia e do remorso! Quantos jovens choram sem que ninguém ouça o grito das suas almas! À sua volta só há muitos olhares distraídos, indiferentes, de quem, talvez, aproveite as suas *happy hours*[1] mantendo-se a distância.

Há aqueles que vivem na superficialidade, acreditando estar vivos enquanto dentro estão mortos. É possível encontrar-se aos vinte anos arrastando uma vida para baixo, não na altura a sua própria dignidade. Tudo se resume em "deixar-se viver" contentando-se de alguma gratificação: um pouco de divertimento, algumas migalhas de atenção e de carinho dos outros... existe, também, um narcisismo digital generalizado, que afeta jovens e adultos. Tantos vivem assim! Alguns deles podem ter respirado em torno deles o materialismo de quem pensam apena em ganhar dinheiro e ter vida segura, como se fossem os únicos sentidos da vida. A longo prazo, um mal-estar maçador, uma apatia, um tédio de viver, cada vez mais angustiante, inevitavelmente aparecerão.

As atitudes negativas também podem ser provocadas por fracassos pessoais, quando algo que estava bem perto do coração, com o qual se comprometeu, não teve os resultados esperados. Pode acontecer no campo escolar, ou com ambições desportivas ou artísticas... O fim de um "sonho" pode levar a se sentir mortos. Mas os fracassos fazem parte da vida de qualquer ser humano e, às vezes, podem até se tornar uma graça! Muitas vezes, algo que pensávamos fonte de felicidade revela-se uma ilusão, um ídolo. Os ídolos exigem tudo de nós, tornam-se escravizes e não dão nada em troca. No fim, desmoronam, deixando apenas poeira e fumaça. Nesse sentido, os fracassos derrubam ídolos, são um bem, embora nos façam sofrer.

Deus quer que estejamos conectados à vida

Para que o amor frutifique, não se esqueças *das raízes*. E quais são as vossas raízes? São os vossos pais e, sobretudo, os avós. Tenham cuidado: os avós. São eles que vos prepararam o terreno. Irrigai as suas raízes, visitai os vossos avós, dá-lhes tempo para escutares os seus contos. Hoje corremos o perigo de ficarmos desenraizados, porque estamos inclinados a correr, a fazer tudo depressa: o que vemos na internet chega imediatamente em casa; basta um clique e as pessoas e coisas aparecem na tela. E então

---

[1] ***Happy hour*** é uma expressão em inglês cuja tradução literal é "**hora feliz**" e consiste em uma **estratégia de marketing** onde durante um determinado período de tempo as **bebidas são vendidas com um preço mais baixo**.

acontece que se tornam mais familiares do que os rostos que nos geraram. Cheios de mensagens virtuais, corremos o risco de perder as nossas verdadeiras raízes. Desligarmo-nos da vida, fantasiar no vazio, não faz bem, é uma tentação do maligno. Deus quer que estejamos firmemente plantados na terra, *conectados com a vida*; nunca fechados, mas sempre aberto a todos! Enraizados e abertos.

À minha venerada avó (no seu septuagésimo segundo aniversário)

Querida avó, tu viveste muitas coisas, e agora tu estás calma e feliz, carinhosamente chamada pelo seu nome pelos vizinhos e pelos afastados, cordialmente honrada na argêntea coroa da velhice, entre as crianças que crescem, amadurecem e florescem. A tua longa vida suavizou a tua alma com a doce esperança, que amiga, te guiou através das tuas dores.

> És feliz e piedosa, como a Mãe que outrora gerou o melhor dos homens, o amigo da nossa terra.
>
> Ah! Eles não sabem como o Excelso caminhou entre o povo, e quase se esqueceu de que Ele era o Vivente.
>
> Poucos o conhecem e, muitas vezes, quando calmamente aparece a imagem celeste no meio de uma época tempestuosa.
>
> Tudo conciliando, calmo, entre os miseráveis mortais, Aquele homem, divino no espírito, transpassou.
>
> Nenhum dos vivos ficou excluído da sua alma, e suportou as tristezas do mundo em seu peito dolorido.
>
> Com a morte tornou-se amigo, em nome dos outros voltou, da dor e do sofrimento, triunfante para o Pai.
>
> E tu também O conheces, ó querida mãe, e continuas a viver crente, paciente e plácida, atrás d'Ele, o Santíssimo.
>
> Vês, rejuvenesceu até as minhas palavras inocentes, e as lágrimas fluem dos meus olhos como um tempo.
>
> E relembro-me dos dias passados, e da terra natal, que realegram a minha alma solitária e a casa onde um dia cresci com as tuas bênçãos, onde, alimentada pelo teu amor, como eu criança prospero eu crescia.
>
> Ah, quantas vezes eu pensei que te terias alegrado comigo, quando eu me via, no futuro, operando neste mundo vasto.
>
> Eu tentei e sonhei muito, e feri-me meu peito chagado por força de lutar, mas tu me curaste, co amor! E viver longamente, como tu, "Ó Mãe, aprenderei, a calma da velhice é a vida piedosa.

> Eu chegarei a ti; abençoa mais uma vez o teu neto, para que, sendo homem, ele mantenha o que prometeu quando criança. (Friedrich Hölderlin, *Elegie*)

Sacudir a alma do torpor do sono

Precisamos estar vigilantes para não arrastarmos nossos os nossos dias no habitudinário, para não nos deixarmos sobrecarregar – diz Jesus - pelas preocupações da vida. Perguntemo-nos, pois: o que é que torna pesado o meu coração? O que é que torna pesado o meu espírito? O que é que me faz ficar sentado no sofá da preguiça? É triste ver os cristãos sentado "em sofás"! Quais são as mediocridades que me paralisam, quais são os vícios que me esmagam até ao chão e me impedem de levantar a cabeça? E quanto aos fardos que pesam sobre os ombros dos irmãos, estou atento ou indiferente? Estas perguntas nos fazem bem, porque nos ajudam a preservar o coração da preguiça. Mas, o que é preguiça? A preguiça é um grande inimigo da vida espiritual, também da vida cristã. Preguiça é aquele vicio que te faz cair, precipitar na tristeza, que te tira o gosto pela vida e a vontade de atuar. É um espírito negativo, é um espírito maligno que crava a tua alma no torpor, roubando-te a alegria. Começa aquela tristeza, escorrega-se, escorrega-se e desaparece a alegria. O Livro dos Provérbios diz: *«Guarda o teu coração, porque dele brota a vida»* (Pv 4, 23). Guardar o coração significa vigiar, vigiar! (João, 1, 14)

Entre as histórias do Oriente, é conhecida aquela de um rei daquele tempo, que oprimido pelo tédio e pelo esplendor, saiu sozinho. E secretamente visitou os subúrbios. Ele misturava-se dentro da multidão dos homens, de nomes obscuros e mãos ásperas; hoje, como o Emir dos Crentes, Harun, Deus quer caminhar para o meio da gente.

E nasceu de uma mãe, como nasce
toda a estirpe que no pó se anula,
e a ele será dado o orbe inteiro
o ar, as manhãs, a água, o pão, a pedra e o lírio,
mas depois do sangue do martírio,
depois do escárnio, dos pregos e do madeiro da cruz.
Jorge Luis Borges

Um desejo inextinguível de felicidade

Se realmente vós fazeis emergir as aspirações mais profundas do vosso coração, podereis perceber que dentro de vós há um desejo inextinguível de felicidade, o que permitirá de desmascarar e rejeitar as muitas ofertas de felicidade "a baixo preço" que podeis encontrar ao vosso redor.

Quando buscamos o sucesso, o prazer, o egoísmo, o anseio de ter, e fazemos deles ídolos, também podemos também experimentar momentos de satisfação, uma falsa sensação de contentamento; mas, no final, tornamo-nos escravos, nunca estamos satisfeitos, somos levados a procurar cada vez mais. É muito triste ver uma juventude "saciada", mas fraca.

São João, escrevendo aos jovens, dizia: « Vós sois fortes, e a Palavra de Deus permanece em vós, e vencestes o maligno » (1 Jo 2, 14). Os jovens que escolhem Cristo são fortes, alimentam-se da sua Palavra e não se «alimentam» de outras coisas! Tenha a coragem de ir contra a maré. Tende a coragem da verdadeira felicidade! Diga não à cultura do temporário, superficial e descartado, que não o considera capaz de assumir responsabilidades e enfrentar os grandes desafios da vida!

Sejais protagonistas da vossa própria história

As nossas memórias não devem ficar todas empilhadas, como na memória de "um disco rígido". Não é possível arquivar tudo numa "nuvem" virtual. É preciso aprender a fazer com que os factos do passado se tornem uma realidade dinâmica, sobre a qual refletir e da qual retirar lições e significado para o nosso presente e para futuro. Tarefa árdua, mas necessária, temos de descobrir o fio vermelho do amor de Deus que liga toda a nossa existência.

Muitos dizem que os jovens são esquecidos e superficiais. Eu não concordo com isso! No entanto, é preciso reconhecer que, no nosso tempo, é necessário recuperar a capacidade de refletir sobre a própria vida e projetá-la para o futuro. Ter um passado não é a mesma coisa que ter uma história. Podemos ter muitas lembranças em nossas vidas, mas quantas delas realmente constroem a nossa memória? Quantas delas são significativas para o nosso coração e ajudam a dar sentido à nossa existência? Os rostos dos jovens aparecem nas redes sociais em muitas fotografias que contam acontecimentos mais ou menos reais, mas não sabemos o quanto de tudo isto é realmente "história", uma experiência que pode ser narrada, dotada de um objetivo e de um significado. A TV está cheia dos chamados *reality shows*, mas não são histórias reais, são apenas minutos que passam em frente a uma câmara, em que os personagens vivem o dia a dia, sem um projeto. Não vos deixais enganar por esta falsa imagem da realidade! Sejais protagonistas da vossa história, sejais vós a decidir o vosso futuro!"

V - FELICIDADE É TER SONHOS REAIS

Deus vem durante a noite. Deus vem de noite, entre as nuvens, muitas vezes escuras, que se acumulam sobre as nossas vidas. Cada um de nós conhece estes momentos. Precisamos reconhecê-lo, temo de olhar além da noite, levantar o olhar para vê-lo além das trevas.

Queridos jovens, olhai para as visões noturnas! O que isso significa? Ter olhos luminosos mesmo no meio da escuridão, não deixais de procurar a luz no meio das trevas que tantas vezes levamos em nossos corações e vemos ao nosso redor. Levantai o olhar do chão para cima, não para fugir, mas para vencer a tentação de ficar deitados no chão dos nossos medos. Este este o perigo: que os nossos medos a nos governar.

Não ficais presos, fechados em vossos pensamentos, a chorar sobre vós mesmos. Levantai o olhar para cima, levantai-vos! Este é o convite: olhai para cima, levantai-vos!

É uma tarefa árdua, a mais árdua e fascinante que vos é confiada: ficar de pé enquanto tudo parece estar a desmoronar-se; serem como sentinelas que sabem ver a luz nas visões noturnas; serdes construtores no meio dos escombros – há tantos no mundo de hoje, tantos! –; sejais capazes de sonhar. Esta é a chave para mim: um jovem que não é capaz de sonhar, pobre dele, envelheceu antes do tempo!

Sejais capazes de sonhar, porque quem sonha, não se deixa absorver pela noite, mas acende uma chama, acende uma luz de esperança que anuncia o amanhã. Sonhais, sejais rápidos e olhais para o futuro com coragem.

Qual é o sonho da vida?

Todos na vida sonham para se realizarem. E é justo ter grandes expectativas, expectativas elevadas e não objetivos efémeros – como sucesso, dinheiro e diversão – não conseguem satisfazer a vida. De facto, se pedíssemos às pessoas que expressassem numa só palavra o sonho da vida, não seria difícil imaginar a resposta: "amor".

É o amor que dá sentido à vida, porque revela o seu mistério.

A vida, de facto, só pode ser dada por amor,

só é verdadeiramente possuída.

Eu amo-te
As tuas mãos são a minha carícia,
Os meus acordares diários

Eu te amo porque tuas mãos
trabalham pela justiça
os teus olhos são o meu exorcismo
contra o dia ruim
Amo-te pelo teu olhar
que observa e semeia o futuro

Eu quero-te no meu paraíso
ou seja, naquele país
onde as pessoas vivem felizes
mesmo sem permissão

Se eu te amo, é porque tu és
o meu amor, meu cúmplice e tudo
e pela estrada lado a lado
somos muito mais do que dois.
Mário Benedetti

O oposto do 'eu' é o 'nós'

A Bíblia diz-nos que *os grandes sonhos* são aqueles que são capazes de ser fecundos, que são capazes de semear a paz, de semear a fraternidade, de semear a alegria. Bem, estes são grandes sonhos porque eles pensam em todos com o nós. Uma vez, um sacerdote fez-me uma pergunta: "Diga-me, o que é o oposto de 'eu'?" E eu, ingênuo, entrei na armadilha e disse: 'O oposto de 'eu' é 'tu'." "Não, esta é a semente da guerra. O oposto de 'eu' é 'nós'." Se eu digo: o contrário é “tu”, estou a fazer a guerra; se eu disser que o oposto do egoísmo é "nós", estou a construir a comunidade, estou a contruir os sonhos de amizade e paz. Os sonhos verdadeiros são os sonhos do "nós". Os grandes sonhos incluem, envolvem, são extrovertidos, partilham, geram nova vida. Os grandes sonhos, para permanecerem tais, precisam de uma fonte inesgotável de esperança, de um infinito que sopra a partir de dentro e se expande. Os grandes sonhos precisam de Deus para não se tornarem miragens ou delírios de onipotência. Tu podes sonhar com grandes coisas, mas sozinho é perigoso, porque podes cair no delírio da onipotência. Mas, com Deus, não terás medo: segue em frente. Sonha em grande.

Não estreitamos os nossos horizontes

Por isso, não desistamos dos grandes sonhos. Não nos contentemos com o que temos de fazer. O Senhor não quer que reduzamos os nossos horizontes, não quer que estejamos estacionados nos lados da vida, mas que corramos em direção a objetivos elevados, com alegria e ousadia. Não

somos feitos para sonhar apenas com ferias ou fins de semana, mas para realizar os sonhos de Deus neste mundo. Ele fez-nos capazes de sonhar para abraçar a beleza da vida. E as obras de misericórdia vão mesmo ao centro dos nossos maiores sonhos. Se tens sonhos de verdadeira glória, não da glória do mundo que vai e vem, mas da glória de Deus, este é o caminho. Lés o Evangelho de Mateus (25,34-40), pensa nisso. Porque as obras de misericórdia dão glória a Deus mais do que qualquer outra coisa. Escuta com atenção: as obras de misericórdia dão glória a Deus mais do que qualquer outra coisa; e sobre as obras de misericórdia que no fim seremos julgados.

Mesmo que seja noite
Sei bem que a nascente brota e flui
mesmo que seja noite.
Essa fonte eterna está escondida,
ma eu sei bem onde tem demora,
mesmo que seja noite.
Não sei a sua origem, pois não a tem,
mas sei que cada origem vem dela,
mesmo que seja noite.
Eu sei que não pode haver coisa tão bela,
E que dela bebam os céus e a terra,
mesmo que seja noite.
A sua clareza nunca obscurece,
E sei que toda luz vem daí,
mesmo que seja noite.
São João da Cruz"

Se escolhermos amar, somos felizes

Mas por onde começar a realizar grandes sonhos? Das *grandes escolhas*. O Evangelho fala-nos também disso. De fato, no momento do juízo final, o Senhor baseia-se sobre as nossas escolhas. O Evangelho diz que Ele separará as multidões que estarão reunidas diante dele, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos (Mt 32-33). Parece quase que Ele não julgue, porque ser bom ou mau depende de nós. Ele apenas tira as consequências das nossas escolhas, traz-as à luz e respeita-as. A vida, portanto, é o tempo das escolhas fortes, decisivas e eternas. Escolhas banais levam a uma vida banal, as grandes escolhas tornam grande a vida. Nós, de facto, tornamo-nos aquilo que escolhemos, para o bem e para o mal. Se escolhemos roubar tornamo-nos ladrões, se escolhemos de pensarmos em nós mesmos tornamo-nos egoístas, se escolhemos odiar tornamo-nos zangados, se escolhemos passar horas com os nossos telemóveis tornamo-nos

dependentes. Mas se escolhemos Deus, tornamo-nos cada dia mais amados e se escolhemos amar, tornamo-nos felizes. É assim, porque *a beleza das escolhas depende do amor*: não te esqueças disto. Jesus sabe que se vivermos fechados e indiferentes ficamos paralisados, mas se gastarmos a vida pelos outros tornamo-nos livres. A vida só se possui dando-a. O Senhor deu-nos o segredo da vida – que é também uma regra – só a possuímos, agora e eternamente, dando-a.

Não fiquemos pendurados aos porquês da vida

É verdade que há obstáculos que dificultam as escolhas: medo, insegurança, porquês sem resposta. Tantas razões. O amor, porém, pede-nos de irmos mais além, que não fiquemos presos aos porquês da vida à espera de uma resposta do Céu. A resposta já chegou: é o olhar do Pai que nos ama e que nos enviou o Filho. O amor leva-nos a passar dos porquês ao para quem eu vivo, do "porquê vivo?" ao "para quem vivo?", do "por que é que isto me acontece?" para o "por quem posso fazer o bem?" Para quem?

Não só para mim: a vida já está cheia de escolhas que fazemos para nós mesmos, para termos um diploma, amigos, uma casa, para satisfazer os nossos interesses, os nossos hobbies. Mas corremos o risco de passar anos pensando em nós mesmos sem começar a "amar". Manzoni deu um bom conselho: *"Dever-se-ia pensar mais em fazer bem do que em estar bem: e assim acabaríamos por estar melhor"* (Os Noivos prometidos, cap. XXXVIII).

Mas não há apenas as dúvidas e os porquês que dificultam as grandes escolhas generosas, há muitos outros obstáculos, todos os dias. Há a febre do consumo, que narcotiza o coração com coisas supérfluas. Há a obsessão pelo divertimento, que parece ser a única maneira de evadir dos problemas, mas é apenas uma maneira de adiá-los. Há um fixar-se nos próprios direitos, reivindica-los, esquecendo o dever de ajudar os outros. E depois há a grande ilusão sobre o amor, que parece algo a ser vivido com momentos de emoções, quando amar é acima de tudo um dom, uma escolha e um sacrifício. Escolher, sobretudo hoje, não é não se deixar domar pela homologação, é não se deixar anestesiar pelos mecanismos de consumo que desativam a originalidade, é saber renunciar às aparências e ao aparecer. Escolher a vida é lutar contra a mentalidade do descartável, do usa e deita, do tudo-e-agora, para conduzir a existência para a meta do Céu, para os sonhos de Deus. Escolher a vida é viver, e nascemos para viver, não para sobreviver.

Todos os dias, tantas escolhas desafiam o coração. Gostaria de te dar um último conselho para te treinar a escolher bem. Se olharmos para dentro, reparamos que surgem duas perguntas diferentes. Uma é: o que me apetece fazer? É uma pergunta que pode ser enganadora, porque insinua

que o importante é pensar em si mesmo e satisfazer todos os desejos e impulsos que aparecem no momento. Mas a pergunta que o Espírito Santo faz ao coração é outra: não é o que te apetece? Mas o que é te faz bem? Aqui está a escolha diária, o que me apetece ou o que é bom para mim? Desta busca interior podem surgir escolhas banais ou verdadeiras escolhas de vida, depende de nós. Olhemos para Jesus, peçamos-lhe a coragem de escolher o que é bom para nós, de caminhar atrás d'Ele, no caminho do amor, e encontrar a alegria.

> O homem, enquanto estiver neste mundo, é como um doente deitado numa cama mais ou menos desconfortável, e vê à sua volta outras camas, bem feitas, planas, niveladas: e imagina que se deve estar bem nelas. Mas se conseguir mudar, assim que se instala na nova cama, começa pressionando, a sentir aqui um osso que o pica, ali um solavanco que o pressiona: somos, em suma, num ápice, a mesma história que tinham antes. E por isso [...] se deveria pensar mais em fazer o bem do que em estarmos bem: e assim acabaríamos por estarmos melhor. Alessandro Manzoni, *Os Noivos prometidos*)

Não tenhais medo de arriscar, mas de viver paralisados

Devemos perseverar no caminho dos sonhos. Por isso, devemos ter cuidado com uma tentação que muitas vezes nos engana: a ansiedade. Pode tornar-se um grande inimigo quando nos leva a desistir porque descobrimos que os resultados não são imediatos. Os mais belos sonhos são conquistados com esperança, paciência e empenho, renunciando à "pressa". Ao mesmo tempo, não se deve ficar preso por causa da insegurança, não se deve ter medo de correr riscos e cometer erros. Pelo contrário, devemos ter medo de viver paralisados, como os mortos-viventes, reduzidos a sujeitos que não vivem porque não querem correr riscos, que não cumprem os seus compromissos ou têm medo de errar. Mesmo que se cometam erros, é sempre possível levantar a cabeça e recomeçar, porque ninguém tem o direito de roubar a tua esperança.

Fazes que os seus sonhos sejam o teu futuro

Os sonhos são importantes. Mantêm amplo o nosso olhar, ajudam-nos a abraçar o horizonte, a cultivar a esperança em cada ação quotidiana. Os sonhos dos jovens são os mais importantes de todos. Um jovem que não sabe sonhar é um jovem anestesiado; não será capaz de compreender a vida, a força que a vida tem. Os sonhos despertam, dão força de avançar; são as estrelas mais brilhantes, as que apontam um caminho diferente para a humanidade. E vós, jovens, tendes no coração estas estrelas brilhantes que são os vossos sonhos: a vossa responsabilidade e o vosso tesouro. Que elas sejam também o vosso futuro! É este o trabalho que tendes de fazer:

transformar os sonhos de hoje na realidade do futuro; e para isso é preciso coragem. Realizai-os com coragem diante das resistências, das dificuldades e de tudo o que os possa extinguir.

Cuidado com os sonhos que fazem adormecer

Os sonhos devem ser ajudados a crescer, devem ser purificados, postos à prova e também partilhados. Mas, vós vos perguntastes de onde vêm os vossos sonhos? De onde eles vêm? Nasceram a ver a televisão? Escutando um amigo? Sonhando de olhos abertos? São sonhos grandes ou sonhos pequenos e miseráveis que se contentam do mínimo esforço possível? São os sonhos de conforto, os sonhos do bem-estar? Não, estes sonhos não te levam mais longe; com eles a tua vida não será grande coisa! Afazer-te-ão morrer vivo! São os sonhos de tranquilidade, os sonhos que põem os jovens a dormir e que fazem de um jovem corajoso um jovem do sofá.

Um louco chamado Francisco

Os sonhos dos jovens assustam um pouco os adultos. Talvez, porque eles deixaram de sonhar e de correr riscos – e tantas vezes a vida faz que isso aconteça. Talvez metem medo porque os sonhos dos jovens põem em crise as suas escolhas. Ou, talvez, porque quando um jovem sonha vai longe. Mas não vos deixeis roubar os vossos sonhos.

Há um jovem, aqui na Itália, que aos vinte, vinte e dois anos, começou a sonhar e a sonhar em grande. Seu pai, um grande empresário, tentou dissuadi-lo, mas ele respondeu: *"Não, eu quero sonhar com o que sinto por dentro".* E no final partiu, para sonhar. O pai seguiu-o, mas ele refugiou-se no bispado, despiu-lhe das vestes e entregou-as ao pai: *"Deixe-me seguir o meu caminho"*. Este jovem, um italiano do século XIII, chamava-se Francesco e mudou a história da Itália. Francisco arriscou sonhar alto. Pensemos bem: era um jovem como todos nós somos ou fomos. Mas ele sonhou! Diziam que ele era louco porque sonhava assim. E fez muito bem e ainda hoje continua a fazê-lo.

Oferece os teus sonhos

Não deixar de sonhar e sejas um mestre em sonhar. O sonho é uma grande força. "*Padre, onde posso comprar os comprimidos que me vão fazer sonhar?"* Não, aquelas não! Porque não te fazem sonhar, só adormecem o teu coração! Queimam os teus neurônios. Arruínam a tua vida. "Mas, onde é que se compram os sonhos?" Os sonhos não se compram. Os sonhos são um dom, um dom de Deus, um dom que Deus semeia no teu coração; são dados gratuitamente, para que também nós os demos gratuitamente aos outros. Oferece os teus sonhos: aqueles que os tomam, não te empobrecem, tomando-os. Oferece-os aos outros gratuitamente.

Artesãos da Esperança

Que maior adrenalina pode haver do que comprometer-se todos os dias, com dedicação, a ser artesão dos sonhos, artesão da esperança? Os sonhos ajudam-nos a manter viva a certeza de saber que um mundo melhor é possível e que somos chamados a envolver-nos para o construirmos com o nosso próprio trabalho, o nosso empenho e a nossa ação.

Onde não há sonhos, há lamentação e resignação

Um dos principais problemas de muitos jovens de hoje é que eles perderam a capacidade de sonhar. Nem muito nem pouco, não sonham. E quando uma pessoa não sonha, quando um jovem não sonha, esse espaço é ocupado pela lamentação e pela resignação ou pela tristeza. Por isso, nunca, nunca se sonha demais.

Defende os teus sonhos

Começa a sonhar. Sonha tudo. Lembro-me daquela bela canção: No azul pintado de azul, feliz por estar lá em cima. Sonhar assim, descaradamente, sem vergonha. Sonha. Sonhar é a palavra. E defender os sonhos como se defendes os filhos. Isso é que é difícil de entender, mas é fácil de sentir: quando tu tens um sonho, algo que não sabe dizer, mas que guardes e defendes para que a vida habitudinária o não to tire.

Precisamos do ardor dos jovens

Queria dizer-vos o seguinte: todos nós, estamos gratos quando sonhais. "A sério? Os jovens às vezes fazem barulho quando sonham..." Fazeis barulho, porque o vosso barulho é fruto dos vossos sonhos; isto significa que não queres viver de noite, quando fazeis de Jesus o sonho da vossa vida e O abraçais com alegria, com um entusiasmo contagiante que nos faz bem! Obrigado, obrigado, pelas vezes que vós sois capazes de realizar os vossos sonhos com coragem, pelas vezes que não deixeis de acreditar na luz durante as noites da vida, pelas vezes que trabalhais apaixonadamente para tornar o nosso mundo mais bonito e mais humano. Obrigado por cultivar o sonho da fraternidade, por cuidar das feridas da criação, por lutar pela dignidade dos mais fracos e difundir o espírito de solidariedade e partilha. Acima de tudo, obrigado porque num mundo que, dominado pela ganhança do presente, tende a sufocar os grandes ideais, vós não percais a capacidade de sonhar! Não viver dormindo ou anestesiados. Não: sonhar estando vivos. Isto ajuda-nos a nós adultos e à Igreja. Sim, também como Igreja precisamos de sonhar, precisamos de entusiasmo, precisamos do ardor dos jovens para sermos testemunhas de um Deus que é sempre jovem!

Ficando sozinhos, arrisca-se a ter miragens

É muito importante sonhar juntos! Por favor, sonhais juntos, não sozinhos; sonhais *com os outros, nunca contra os outros*! Sozinho, arrisca-se a ter miragens, que fazem ver o que não existe; os sonhos constroem-se em conjunto.

Cultivando utopias saudáveis

Não damos ouvidos às pessoas desiludidas e infelizes; nem aqueles que cinicamente recomendam de não cultivar esperanças na vida; não confiemos naqueles que cortam todo o entusiasmo pela raiz, dizendo que nenhum empreendimento vale o sacrifício de uma vida inteira; não demos ouvidos aos "velhos" que abafam a euforia juvenil. Vamos ter com os velhos que têm os olhos que brilhando de esperança! Cultivais utopias saudáveis: Deus quer que sejamos capazes de sonhar como Ele e com Ele, enquanto caminhamos estando bem atentos à realidade. Sonhar com um mundo diferente. E se um sonho esvanece, voltais a sonhar novamente.

A fraternidade humana, um sonho possível

Não estamos sozinhos. Deus aproximou-se de nós. Não com palavras, mas com a sua presença: em Jesus Deus encarnou-se. E com Jesus, Ele tornou-se nosso irmão, e podemos reconhecer em cada homem um irmão, em cada mulher uma irmã. Animados por esta comunhão universal, como comunidade crente podemos colaborar sem medos e corajosamente com cada um deles para o bem de todos: sem fechamentos, sem visões excludentes, sem preconceitos. Como cristãos, somos chamados a um amor sem fronteiras e sem limites, sinal e testemunho de que é possível ultrapassar os muros do egoísmo e dos interesses pessoais e nacionais; para além do poder do dinheiro, que muitas vezes decide as causas dos povos; para além das cercas das ideologias, que dividem e amplificam os ódios; para além de qualquer barreira histórica e cultural e, sobretudo, para além da indiferença, aquela cultura da indiferença que, infelizmente, é uma ocorrência diária. Podemos ser irmãos de todos e, portanto, podemos e devemos pensar e agir como irmãos e irmãs de todos. Pode parecer uma utopia inatingível; mas nós preferimos acreditar que é um sonho possível, porque é o mesmo sonho do Deus uno e trino. Com a sua ajuda, é um sonho que pode começar a tornar-se realidade também neste mundo.

VI - A FELICIDADE É REVOLUCIONÁRIA

O Mapa da vida cristã. No Evangelho, Jesus dirige-se aos seus discípulos, a todos nós, chamando-nos «bem-aventurados» (Mt 5, 3). É a palavra com que inicia a sua pregação, que é «evangelho», que significa «boas novas», porque é o caminho para a felicidade. Aqueles que estão com Jesus são bem-aventurados, são felizes.

A felicidade não está em ter algo ou tornar-se alguém, não, a verdadeira felicidade é estar com o Senhor e viver por amor.

Os ingredientes para uma vida feliz chamam-se *bem-aventuranças*: são bem-aventurados os simples, os humildes que abrem espaço a Deus, que sabem chorar pelos outros e pelos seus próprios erros, que permanecem mansos, que lutam pela justiça, são misericordiosos com todos, aqueles que guardam a pureza de coração, que trabalham sempre pela paz e permanecem na alegria. Não odeiam e, mesmo quando sofrem, respondem ao mal com o bem.

Aqui estão as bem-aventuranças. Não exigem gestos clamorosos, não há super-homens, mas pessoas que vivem as provações e os cansaços de cada dia. Assim são os santos: homens como todos os outros, que respiram o ar poluído pelo mal que há no mundo, mas nunca perdem de vista o caminho traçado por Jesus, o caminho das *Bem-aventuranças*, que são como o mapa da vida cristã.

As bem-aventuranças trazem a alegria

O que significa a palavra "bem-aventurado"? Porquê cada uma das oito bem-aventuranças começa com a palavra "bem-aventurados"? O termo original não significa alguém que tem a barriga cheia ou está bem, mas uma pessoa que está em estado de graça, que progride no caminho de Deus, na Sua graça. Paciência, pobreza, serviço ao próximo, consolação: quem progride nestas coisas é feliz e será abençoado.

Deus, para se entregar a nós, escolhe muitas vezes caminhos impensáveis, talvez os das nossas limitações, das nossas lágrimas, das nossas derrotas. É a alegria pascal, que tem os estigmas, mas está viva, atravessou as barreiras da morte e experimentou o poder de Deus. As bem-aventuranças conduzem-vos sempre à alegria. São o caminho da verdadeira alegria.

O Caminho do Amor

Faz-nos sempre muito bem lermos e meditarmos as bem-aventuranças! Jesus proclamou-as no seu primeiro grande sermão, à beira do Mar da Galileia. Havia uma grande multidão e Ele subiu a colina para ensinar os Seus discípulos, por isso é chamado o Sermão da Montanha. Na Bíblia, o

monte é visto como o lugar onde Deus se revela, e Jesus que prega no monte apresenta-se como o mestre divino, como o novo Moisés. E o que comunica? Jesus comunica o caminho da vida, o caminho que Ele mesmo percorre, aliás, que Ele mesmo é, e propõe este caminho como o caminho da verdadeira felicidade. Ao longo da sua vida, desde o seu nascimento na gruta de Belém até à sua morte na Cruz e na Ressurreição, Jesus encarnou as bem-aventuranças. Todas as promessas do Reino de Deus foram cumpridas Nele.

Ao anunciar as bem-aventuranças, Jesus convida-nos a segui-Lo, a caminhar com Ele no caminho do amor, único caminho que conduz à vida eterna. Não é um caminho fácil, mas o Senhor assegura-nos a sua graça e nunca nos deixa sozinhos. A pobreza, a aflição, a humilhação, a luta pela justiça, as lutas de conversão diária, as lutas para viver o apelo à santidade, a perseguição e tantos outros desafios estão presentes em nossas vidas. Mas se abrirmos a porta a Jesus, se o deixarmos fazer parte da nossa história, se partilharmos com Ele as alegrias e as tristezas, experimentaremos uma paz e uma alegria que só Deus, amor infinito, pode dar.

A resposta de Deus ao nosso desejo de felicidade

As bem-aventuranças são o caminho que Deus indica como resposta ao desejo de felicidade ínsito do homem, e aperfeiçoam os mandamentos da Antiga Aliança. Estamos acostumados a aprender os dez Mandamentos, mas não a repetir as bem-aventuranças. Vamos tentar lembrá-las e imprimi-las em nossos corações:

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.
Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
Bem-aventurados os misericordiosos, porque receberão misericórdia.
Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.
Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.
Bem-aventurados sois vós quando vos injuriam, vos perseguem e dizem falsamente todo o tipo de mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e alegrai-vos, pois grande é a vossa recompensa nos céus.
Nestas palavras está resumida toda a novidade trazida por Cristo, e toda a novidade de Cristo está nestas palavras. De facto, as bem-aventuranças são o retrato de Jesus, o seu estilo de vida; e são o caminho para a verdadeira felicidade, que também nós podemos percorrer com a graça que Jesus nos dá.

Bem-aventurado significa feliz

O que significa "*bem-aventurado*" (em grego makarioi)? *Bem-aventurado* significa feliz. Serás que vós realmente aspirais à felicidade? Neste tempo em que somos atraídos por tantas aparências de felicidade, corremos o risco de contentar-nos com pouco, por termos uma ideia "pequena" de vida. Mas, digo-vos, aspirai a grandes coisas! Ampliai os vossos corações!

Uma novidade revolucionária

As bem-aventuranças de Jesus são portadoras de uma novidade revolucionária, de um modelo de felicidade oposto àquele que normalmente é comunicado pelos meios de comunicação social, pelo pensamento dominante. Para a mentalidade mundana, é um escândalo que Deus tenha vindo fazer-se um de nós, que tenha morrido de cruz! Segundo a lógica deste mundo, aqueles que Jesus proclama bem-aventurados são considerados "perdedores", fracos. De facto, o mundo exalta o sucesso a qualquer custo, o bem-estar, a arrogância do poder, a autoafirmação à custa dos outros.

Jesus desafia-nos a responder à sua proposta de vida, a decidir qual o caminho que queremos percorrer para chegar à verdadeira alegria. Este é um grande desafio de fé. Jesus não teve medo de perguntar aos seus discípulos se queriam realmente segui-Lo, ou ir-se embora, seguindo por outros caminhos (cfr Jo 6, 67). Simão, chamado Pedro, teve a coragem de responder: *"Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna"* (Jo 6, 68). Se também vós souberdes dizer «sim» a Jesus, a vossa vida jovem será cheia de sentido e, portanto, será fecunda.

Deixemo-nos 'desarticular' (scardinare) pelo paradoxo das bem-aventuranças

Jesus diz duas coisas sobre os seus discípulos: que são bem-aventurados e que são pobres; na verdade, que eles são abençoados porque são pobres.

Em que sentido? No sentido de que o discípulo de Jesus não encontra a sua alegria no dinheiro, no poder ou noutros bens materiais, mas nos dons que recebe todos os dias de Deus: a vida, a criação, os irmãos e assim por diante. São dons da vida. Mesmo os bens que ele possui, está feliz em compartilhar, porque vive na lógica de Deus. E qual é a lógica de Deus? A *gratuidade*. O discípulo aprendeu a viver na gratuidade. Esta pobreza é também uma atitude em relação ao sentido da vida, porque o discípulo de Jesus não pensa que a possui, que já sabe tudo, mas sabe que deve aprender todos os dias. O discípulo de Jesus, por ter essa atitude, é uma pessoa humilde, aberta, alheia ao preconceito e à rigidez.

O discípulo, por outras palavras, aceita o paradoxo das bem-aventuranças que declaram feliz o pobre, aquele a quem faltam muitas coisas, este é abençoado, isto é, feliz e reconhece-o. Humanamente, somos levados a pensar de uma maneira diferente: aqueles que são ricos, aqueles que são saciados com bens, aqueles que recebem aplausos e são invejados por muitos, aqueles que têm toda a segurança são felizes. Mas este é um pensamento mundano, não é o pensamento das bem-aventuranças! Jesus, pelo contrário, declara o sucesso mundano como um fracasso, na medida em que se baseia num egoísmo que enche e depois deixa vazio no coração. Diante do paradoxo das bem-aventuranças, o discípulo deixa-se colocar em crise, consciente de que não é Deus que deve entrar na nossa lógica, mas nós na sua.

Isto exige um caminho, por vezes cansativo, mas sempre acompanhado de alegria. Porque o discípulo de Jesus é alegre com a alegria que lhe vem de Jesus. Porque, lembremo-nos, a primeira palavra que Jesus diz é: bem-aventurado; daí o nome das bem-aventuranças. Bem-aventurados é sinónimo de ser discípulos de Jesus. O Senhor, libertando-nos da escravidão do egocentrismo, desdobra os nossos fechamentos, dissolve a nossa dureza e abre-nos a verdadeira felicidade, que muitas vezes se encontra onde não pensamos. É Ele que guia a nossa vida, não nós, com os nossos preconceitos ou as nossas necessidades. Por fim, o discípulo é aquele que se deixa guiar por Jesus, que abre o seu coração a Jesus, o escuta e segue o caminho de Jesus.

Podemos então perguntar-nos: será que eu – cada um de nós – tenho a disponibilidade do discípulo? Ou será que me comporto com a rigidez dos que se sentem seguros, dos que estão certos, dos que sentem que já chegaram? Deixo-me «desarticular» pelo paradoxo das bem-aventuranças ou permaneço dentro do perímetro das minhas ideias? E depois, com a lógica das bem-aventuranças, para além das lutas e dificuldades, sinto a alegria de seguir Jesus? Este é o trato saliente do discípulo: a alegria do coração. Não esqueçamos: é a alegria do coração. Esta é a pedra de toque para saber se uma pessoa é "discípula" – se tem alegria em seu coração. E eu tenho alegria no coração?

Um incómodo para o mundo

A pobreza de espírito, o choro, a mansidão, a sede de santidade, a misericórdia, a purificação do coração e as obras de paz podem levar à perseguição por amor de Cristo, mas essa perseguição acaba por levar à alegria e à grande recompensa no Céu. O caminho das bem-aventuranças é um caminho pascal que conduz de uma vida segundo o mundo a uma vida segundo Deus, de uma existência guiada pela carne – isto é, pelo egoísmo – a uma vida guiada pelo Espírito.

O mundo, com seus ídolos, compromissos e prioridades, não pode aceitar esse tipo de existência. As «estruturas do pecado», muitas vezes produzidas pela mentalidade humana, alheias ao Espírito da verdade que o mundo não pode receber, não podem deixar de rejeitar a pobreza, a mansidão ou a pureza e declarar a vida segundo o Evangelho como um erro e um problema, portanto, como algo a marginalizar. É assim que pensa o mundo: "São idealistas ou fanáticos..." É o que eles pensam.

Se o mundo vive em função do dinheiro, quem monstra que a vida pode ser vivida como um dom e na renúncia torna-se um incômodo para o sistema da avidez e da ganância. A vida cristã aborrece o mundo. De facto, o testemunho cristão, que tanto bem faz às muitas pessoas, irrita aqueles que têm uma mentalidade mundana. Estes a experimentam como uma reprovação. Quando a santidade aparece e a vida dos filhos de Deus emerge, há algo de incómodo nessa beleza que nos chama a tomar posição: ou nos deixamos interpelar e abrir ao bem, ou rejeitamos essa luz e endurecemos o nosso coração.

Mansos e humildes de coração

"Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra." A mansidão é característica de Jesus, que diz de si mesmo: *«Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração»* (Mt 11, 29). Mansos são aqueles que sabem dominar-se, que deixam espaço para o outro, escuta-o e respeitá-o no seu modo de viver, nas suas necessidades e nos seus pedidos. Não pretendem dominá-lo ou diminuí-lo, não querem passar a frente e dominar tudo, nem querem impor as suas próprias ideias e interesses em detrimento dos outros. Estas pessoas, que a mentalidade mundana não aprecia, são preciosas aos olhos de Deus, que lhes dá como herança a Terra Prometida, isto é, a vida eterna. Esta bem-aventurança começa aqui na terra e cumprir-se-á no céu, em Cristo.

Neste momento em que há tanta agressão tanto no mundo como na nossa vida quotidiana, em que a primeira coisa que sai de nós é a agressão, a defesa, precisamos de mansidão para avançar no caminho da santidade. Escutemos sempre, respeitamos a não ataquemos: isso é mansidão.

Felizes os pobres

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus." Podemos nos perguntar como pode ser feliz uma pessoa pobre de coração, cujo único tesouro é o Reino dos Céus. Mas a razão é precisamente esta: tendo ela um coração despojado e livre de tantas coisas mundanas, é «esperada» no Reino dos Céus.

A Lógica do Amor

Jesus declara bem-aventurados os pobres, os famintos, os aflitos, os perseguidos; e admoesta aqueles que são ricos, saciados, rindo e aclamados pelo povo. A razão desta bem-aventurança paradoxal reside no facto de Deus estar próximo dos que sofrem e intervém para os libertar da sua escravidão; Jesus vê isso, vê a bem-aventurança para além da realidade negativa. Do mesmo modo, o «aí de vós», dirigido aos que hoje estão bem, gozando a vida, serve para os «despertar» do perigoso engano do egoísmo e abri-los à lógica do amor.

Um coração compassivo

«Bem-aventurados os misericordiosos, porque receberão misericórdia» (Mt 5, 7). Bem-aventurados os que sabem perdoar, que sabem ter um coração compassivo, que sabem dar o melhor aos outros; O melhor, não o que resta: o melhor!

Felizes os que sabem perdoar

Felizes são aqueles que sabem perdoar, que têm misericórdia para com os outros, que não julgam tudo e todos, mas tentam colocar-se no lugar dos outros. O perdão é o que todos precisamos, sem exceção. Por isso, no início da Missa, reconhecemo-nos pelo que somos, isto é, pecadores. E isto não é uma maneira de dizer, não é uma formalidade: é um ato de verdade: *"Senhor, aqui estou, tende piedade de mim."* E se soubermos dar aos outros o perdão que pedimos por nós mesmos, seremos bem-aventurados. Como dizemos no Pai Nosso: *"Perdoai-nos as nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos têm ofendido".*

Nascemos para nunca mais morrer

Não se trata de fazer coisas extraordinárias, mas de seguir todos os dias este caminho que nos leva ao céu, leva à nossa família, para a nossa casa. Hoje, portanto, vislumbramos o nosso futuro e celebramos o que nascemos para fazer: nascemos para nunca mais morrer, nascemos para desfrutar da felicidade de Deus! O Senhor encoraja-nos e diz àqueles que seguem o caminho das bem-aventuranças: *«Alegrai-vos e alegrai-vos, porque grande é a vossa recompensa no céu»* (Mt 5, 12).

VII - A FELICIDADE É AMOR CONCRETO

O amor de Deus que nos abraça. A palavra «misericórdia» é composta por duas palavras: miséria e coração. O coração indica a capacidade de amar; a misericórdia é o amor que abraça a miséria da pessoa. É um amor que «sente» a nossa pobreza como se fosse sua, com o objetivo de nos libertarmos dela.

«Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas Ele que nos amou e enviou o seu Filho para expiar os nossos pecados» (1 Jo 4, 9-10). *«O Verbo fez-se carne»*: quis partilhar todas as nossas fragilidades; quis experimentar a nossa condição humana, a ponto de assumir toda a dor da existência humana com a Cruz. Tal é a profundidade da sua compaixão e misericórdia: uma humilhação de si mesmo para se tornar companhia e serviço à humanidade ferida. Nenhum pecado pode apagar a sua proximidade misericordiosa, nem impedi-lo de pôr em prática a sua graça de conversão, desde que a invoquemos. Pelo contrário, o próprio pecado faz resplandecer com mais força o amor de Deus Pai, que sacrificou o seu Filho para redimir o escravo.

Somos todos devedores

Somos todos devedores. Todos. Diante de Deus, que é tão generoso, e diante dos nossos irmãos e irmãs. Cada pessoa sabe que não é o pai ou a mãe que deveria ser, o noivo ou a noiva, o irmão ou a irmã sabem que não são como deveriam ser. Todos sabemos que fizemos o mal, e falta sempre algo ao bem que deveríamos ter feito.

Mas é precisamente esta nossa pobreza que se torna a força para perdoar! Somos devedores! Somos devedores e seremos medidos como a mesma medida com que medimos os outros (cfr Lc 6, 38), então é conveniente ampliarmos a medida e perdoarmos. Cada um de nós deve lembrar-se de que precisa de perdoar, de que precisamos de perdão, de que precisam de ter paciência; este é o segredo da misericórdia: perdoando é que somos perdoados. Por isso é que Deus nos precede sempre; Ele perdoa-nos primeiro (Rm 5, 8). Ao recebermos o seu perdão, tornamo-nos capazes de perdoar. Deste modo, a nossa própria miséria e a nossa falta de justiça tornam-se uma oportunidade para se abrir ao Reino dos Céus, numa medida maior, com a medida de Deus, que é a misericórdia.

A única maneira de vencer o mal

Encontro muitos jovens que dizem estar cansados deste mundo dividido, em que se confrontas os apoiantes de diferentes fações, em que há muitas guerras e, também, quem use a sua própria religião para justificar a

violência. Temos de suplicar ao Senhor que nos dê a graça de sermos misericordiosos para com aqueles que nos magoam. Como Jesus, que na cruz rezou por aqueles que o crucificaram: *«Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem»* (Lc 23, 34). A única via para vencer o mal é a misericórdia. A justiça é necessária, evidentemente, mas não é suficiente por si só. A justiça deve andar de mão dada com a misericórdia.

A reciprocidade do perdão

A quinta bem-aventurança diz: *«Bem-aventurados os misericordiosos, porque receberão misericórdia»* (Mt 5, 7). Nesta bem-aventurança há uma particularidade: é a única em que coincidem a causa e o fruto da felicidade, a misericórdia. Aqueles que exercem misericórdia encontrarão misericórdia.

Este tema da reciprocidade do perdão não está presente apenas nesta bem-aventurança, mas é recorrente no Evangelho. E como poderia ser de outra forma? A misericórdia é o próprio coração de Deus! Jesus diz: «Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados» (Lc 6, 37). Encontramos sempre a mesma reciprocidade.

Na oração do *Pai Nosso* rezamos: *«Perdoai-nos as nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos ofendem»* (Mt 6, 12); e este pedido é o único a ser repetido no final: *«Porque, se perdoardes aos outros as suas ofensas, o Pai que está nos céus também vos perdoará; mas, se não perdoardes aos outros, o vosso Pai também não perdoará as vossas ofensas»* (Mt 6, 14-15).

Há duas coisas que não podem ser separadas: *o perdão dado e o perdão recebido*. Mas tantas pessoas têm dificuldade e não conseguem perdoar. Muitas vezes o mal recebido é tão grande que poder perdoar é como subir uma montanha muito alta: um esforço enorme; pensa-se: não se pode, não se pode. Este facto da reciprocidade da misericórdia indica que precisamos de inverter a perspetiva. Sozinhos não podemos, precisamos da graça de Deus, temos que a pedir. De facto, se a quinta bem-aventurança promete encontrar misericórdia e na oração do Pai Nosso pedimos o perdão das nossas dívidas, significa que somos essencialmente devedores e precisamos de encontrar misericórdia!

O que significa ser misericordioso?

Gosto sempre de associar as bem-aventuranças evangélicas ao capítulo 25 de Mateus, quando Jesus nos apresenta as obras de misericórdia e diz que por elas seremos julgados. Convido-vos, pois, a redescobrir as obras de misericórdia corporais: alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os estrangeiros, assistir os doentes, visitar os presos, enterrar os mortos. E não esqueçamos as obras de misericórdia espirituais: aconselhar os duvidosos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores,

consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar pacientemente as pessoas problemáticas, orar a Deus pelos vivos e pelos mortos. Como podemos ver, a misericórdia não é sermos "bonzinhos", nem é mero sentimentalismo. Pelas obras de misericórdia é verificada a autenticidade do nosso ser discípulos de Jesus, a nossa credibilidade como cristãos no mundo de hoje.

Precisamos de perdão tal como precisamos do ar

De onde vem a nossa misericórdia? Jesus disse-nos: *«Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso»* (Lc 6, 36). Quanto mais acolhemos o amor do Pai, tanto mais amamos. A misericórdia não é uma dimensão entre as outras, mas é o centro da vida cristã: não há cristianismo sem misericórdia. Se todo o nosso cristianismo não nos conduz à misericórdia, tomamos o caminho errado, porque a misericórdia é o único verdadeiro objetivo de todo caminho espiritual. É um dos frutos mais belos da caridade.

A misericórdia de Deus é a nossa libertação e felicidade. Vivemos de misericórdia e não podemos dar-nos ao luxo de ficar sem ela: é como o ar para respirar. Somos pobres demais para estabelecer condições, precisamos de perdoar, porque precisamos de sermos perdoados.

Um amor concreto

A misericórdia de Deus é muito concreta e todos somos chamados a experimentá-la na nossa própria pessoa. Quando eu tinha dezessete anos, um dia que tive que sair com meus amigos, decidi ir primeiro à igreja. Lá encontrei um sacerdote que me inspirou uma particular confiança e senti o desejo de abrir o meu coração na Confissão. Esse encontro mudou a minha vida! Descobri que quando abrimos o coração com humildade e transparência, podemos contemplar a misericórdia de Deus de uma forma muito concreta. Tive a certeza de que na pessoa daquele sacerdote Deus já estava a minha espera, antes de dar o primeiro passo para ir à igreja. Nós O procuramos, mas Ele sempre se antecipa; Ele sempre nos procura e nos encontra primeiro. Talvez alguns de vós tenha um peso no coração e pense: eu fiz isso, eu fiz aquilo... Não temais! Ele está à tua espera! Ele é um pai: está sempre à nossa espera! Como é belo encontrar o abraço misericordioso do Pai no sacramento da Reconciliação, descobrir o confessionário como lugar da Misericórdia, deixar-se tocar por este amor misericordioso do Senhor que sempre nos perdoa!

O Amor de Deus é um amor visceral

A misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta com a qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem das profundezas das suas entranhas pelo seu filho. É verdadeiramente o caso para dizer que é um amor "visceral". Um amor que

provem do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão.

Cada um de nós é um filho pródigo

No capítulo 15 do Evangelho de Lucas, podemos encontrar as três parábolas da misericórdia: a da ovelha perdida, a da moeda perdida e a bem conhecida parábola do filho pródigo. Nestas três parábolas, somos surpreendidos pela alegria de Deus, pela alegria que Ele sente quando encontra um pecador e lhe perdoa. Sim, a alegria de Deus é perdoar! Aqui está a síntese de todo o Evangelho. Cada um de nós é aquela ovelha perdida, aquela moeda perdida; cada um de nós é aquele filho que esbanjou a sua própria liberdade seguindo falsos ídolos, miragens de felicidade, e perdeu tudo. Mas Deus não se esquece, o Pai nunca nos abandona. É um pai paciente, está sempre à nossa espera!

O Amor de Deus É Visceral

A misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta com a qual Ele revela o seu amor, como o de um pai e de uma mãe que são levados até às profundezas das suas entranhas pelo seu filho. É verdadeiramente apropriado dizer que é um amor "visceral". Vem de dentro como um sentimento profundo e natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão.

Cada um de nós é um filho pródigo

No capítulo 15 do Evangelho de Lucas, podemos encontrar as três parábolas da misericórdia: a da ovelha perdida, a da moeda perdida e a conhecida como a parábola do filho pródigo. Nestas três parábolas, somos surpreendidos pela alegria de Deus, a alegria que Ele sente quando encontra um pecador e o perdoa. Sim, a alegria de Deus é perdoar! Eis a síntese de todo o Evangelho. Cada um de nós é aquela ovelha perdida, aquela moeda perdida; Cada um de nós é aquela criança que esbanjou a sua liberdade seguindo falsos ídolos, miragens de felicidade, e perdeu tudo. Mas Deus não se esquece de nós, o Pai nunca nos abandona. É um pai paciente, está sempre à nossa espera! Ele respeita a nossa liberdade, mas se mantém sempre fiel. E quando voltamos a Ele, Ele acolhe-nos como filhos na sua casa, porque nunca cessa, nem sequer por um momento, de nos esperar com amor; e o seu coração regozija-se com cada filho que regressa. Faz festa porque Ele é alegria. Deus tem esta alegria quando um de nós, que somos pecadores, vai a Ele e pede o Seu perdão.

A misericórdia tem um rosto jovem

A misericórdia tem sempre um rosto jovem. Porque um coração misericordioso tem a coragem de deixar o conforto; um coração

misericordioso sabe estender a mão aos outros, é capaz de abraçar a todos. Um coração misericordioso sabe ser refúgio para quem nunca teve um lar ou o perdeu, sabe criar um lar e um ambiente familiar para quem teve de emigrar, é capaz de ternura e compaixão. Um coração misericordioso sabe partilhar o pão com os famintos, um coração misericordioso abre-se para acolher o refugiado e o migrante. Dizer misericórdia é dizer oportunidade, é dizer amanhã, é dizer compromisso, é dizer confiança, é dizer abertura, hospitalidade, compaixão, é dizer sonhos. E quando o coração está aberto e é capaz de sonhar, há espaço para a misericórdia, há espaço para acariciar aqueles que sofrem, há espaço para estar perto daqueles que não têm paz em seus corações ou não têm o necessário para viver, ou lhe falta a coisa mais bela: a fé. Misericórdia!

Lembremo-nos dos nossos pecados, não dos nossos sucessos

No meio dos nossos pecados, das nossas limitações, da nossa pequenez; no meio das nossas muitas quedas, Jesus Cristo viu-nos, aproximou-se, deu-nos a sua mão e usou de misericórdia por cada um de nós. Comigo, contigo, com todos nós. Cada um de nós poderá recordar, revivendo todas as vezes que o Senhor O viu, olhou para Ele, aproximou-se dele e tratou-O com misericórdia. Cada vez que o Senhor confiava novamente nele, apostava nele de novo (cf. Ezequiel, 16).

Faz-nos bem voltar a esta verdade, recordar como o Senhor, ao longo da nossa vida, se aproximou de nós e nos mostrou misericórdia; colocar no centro a memória do nosso pecado e não a dos nossos presumíveis sucessos, crescer tendo uma consciência humilde e não culposa da nossa história feita de afastamentos – a nossa história, não a dos outros, nem a dos que nos rodeiam, e muito menos a do nosso próprio povo – e voltar a maravilhar-nos com a misericórdia de Deus. Esta é uma palavra certa, é uma doutrina segura e não palavras vazias.

O amor não é uma palavra abstrata

A misericórdia na Sagrada Escritura é a palavra-chave que indica a ação de Deus para connosco. Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e tangível. Amor nunca poderia ser uma palavra abstrata porque, pela sua própria natureza, é a vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos e ações diárias. A misericórdia de Deus é sua responsabilidade por nós. Sente-se responsável, ou seja, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos. É no mesmo comprimento de onda que se deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Assim como o Pai ama, os filhos também o amam. Assim como Ele é misericordioso, também nós somos chamados a ser misericordiosos uns para com os outros.

A caridade é um dom

A caridade é um dom que dá sentido à nossa vida e graças ao qual consideramos aqueles que estão em situação de privação como membros da nossa própria família, amigos, irmãos e irmãs. O pouco, se partilhado com amor, nunca acaba, mas se transforma numa reserva de vida e felicidade. Assim aconteceu com a farinha e o óleo da viúva de Sarepta, que ofereceu um pão ao profeta Elias (cf. 1 Reis 17, 7-16); é como os pães que Jesus abençoo e deu aos discípulos para os distribuir à multidão (cfr Mc 6, 30-44). Assim acontece com a nossa esmola, seja ela pequena ou grande, quando é oferecida com alegria e simplicidade.

Viver a caridade

Só Deus pode perdoar os pecados, mas Ele pede-nos que estejamos prontos a perdoar aos outros, como Ele nos perdoa: *«Perdoai-nos as nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos ofendem»* (Mt 6, 12). Como é triste quando permanecemos fechados em nós mesmos, incapazes de perdoar! O ressentimento, a raiva, a vingança, prevalecem e tornam infeliz a nossa vida e frustram o alegre compromisso da misericórdia.

Não é dita a última palavra

A misericórdia não é uma ideia, um desejo, uma teoria – ou até uma ideologia – é uma forma concreta de «tocar» a fragilidade, de nos ligarmos aos outros, de nos aproximarmos uns dos outros. É uma maneira concreta de termos empatia com as pessoas quando atravessam um momento difícil. É uma ação que nos leva a darmos o melhor de nos mesmos para que os outros se sintam tratados de tal forma que possam sentir que a última palavra ainda não foi dita em suas vidas; que, mesmos que se sintam esmagados pelo peso de seus pecados, sintam o alívio de uma nova chance. A misericórdia não é uma frase bonita, mas uma ação concreta pela qual Deus quer relacionar-se com os seus filhos.

Não temais nenhum mal

Cada um de nós tem as suas próprias histórias. Cada um de nós tem os seus próprios pecados. E se não te lembrar deles, reflitas encontrá-los-ás. Quando os encontrares, agradece a Deus porque se não os encontrares significa que és um corrupto. Cada um de nós tem os seus próprios pecados. Olhemos para o Senhor que faz justiça, mas que é tão misericordioso. Não tenhamos vergonha de estar na Igreja: não tenhamos vergonha de sermos pecadores. A Igreja é a mãe de todos. Damos graças a Deus por não sermos corruptos, por sermos pecadores. E cada um de nós, olhando para a forma como Jesus age nestes casos, confie na misericórdia de Deus. Ore com plena confiança na misericórdia de Deus, ore pedindo perdão. "*Porque Deus me conduz no caminho certo por causa do seu nome. Mesmo que eu passe por*

um vale escuro – o vale do pecado – eu não temo mal nenhum porque você está comigo. O teu pessoal e o teu pessoal dão-me segurança» (Sl 23, 4).

Sentir a vida dos outros

"Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados." Como podem ser felizes aqueles que choram? No entanto, aqueles que nunca experimentaram tristeza, angústia e dor em suas vidas nunca conhecerão o poder da consolação. Felizes, por outro lado, podem ser aqueles que têm a capacidade de se emocionar, a capacidade de sentir no coração a dor que está na sua vida e na vida dos outros. Estes serão felizes! Porque a mão terna de Deus Pai os consolará e acariciará.

O caminho que vai do coração às mãos

Compreender e aceitar o que Deus faz por nós – um Deus que não pensa, ama e age por medo, mas porque confia em nós e espera a nossa transformação – deve ser a nossa maneira de agir: «Ide e fazei o mesmo» (Lc 10, 37). A nossa maneira de agir para com os outros nunca será baseada no medo, mas na esperança que Ele tem na nossa transformação.

A única coisa que uma ação baseada no medo consegue fazer é separar, dividir, querer distinguir com precisão cirúrgica um lado do outro, construir falsas garantias e, assim, construir cercas. Uma ação baseada na esperança de transformação, "na conversão, incentiva, estimula, olha para o futuro, gera espaços de oportunidade, estimula. Uma ação baseada no medo é uma ação que enfatiza a culpa, a punição, o "tu estavas errado". Uma ação baseada na esperança de transformação enfatiza a confiança, a aprendizagem, o levantar-se; em sempre tentar gerar novas oportunidades. Quantas vezes? Setenta vezes sete. Por isso, uma atitude misericordiosa desperta sempre a criatividade. Coloca a ênfase no rosto da pessoa, na sua vida, na sua história, na sua vida quotidiana. Não se encaixa num modelo ou numa receita, mas possui a saudável liberdade de espírito para procurar o melhor para o outro, da forma como a pessoa o pode entender. E isso ativa todas as nossas habilidades, toda a nossa engenhosidade, nos tira fora do nosso recinto. A ação baseada na esperança da transformação é uma inteligência inquieta que faz o coração bater e dá urgência às nossas mãos. Um pulsar em nossos corações e urgência em nossas mãos. O caminho que vai do coração às mãos.

Um exercício de misericórdia

Se vivermos de acordo com a lei do *"olho por olho, dente por dente"*, nunca sairemos da espiral do mal. O Maligno é astuto e engana-nos de que, com a nossa justiça humana, podemos salvar-nos a nós mesmos e salvar o mundo. De facto, só a justiça de Deus nos pode salvar! E a justiça de Deus foi revelada na Cruz: a Cruz é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre este

mundo. Mas como é que Deus nos julga? Dando a sua vida por nós! Este é o ato supremo de justiça que derrotou de uma vez por todas o Príncipe deste mundo; é este o ato supremo de justiça que é também o ato supremo da misericórdia. Jesus chama-nos a todos a percorrer este caminho: *«Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso»* (Lc 6, 36). Pensemos agora numa pessoa com quem não nos damos bem, com quem nos zangamos e que não amamos. Pensemos nela e rezemos silenciosamente por ela. Tornemo-nos misericordiosos com esta pessoa.

Alzheimer espiritual

Aprendemos a nos escandalizar quando aparece o Alzheimer espiritual; quando nos esquecemos de como o Senhor nos tratou, quando começamos a julgar e dividir a sociedade. Quando nos deixamos invadir por uma lógica separatista que, sem nos apercebermos, nos leva a fraturar ainda mais a nossa realidade social e comunitária. Fraturamos o presente construindo "fações", de um lado os bons e do outro os maus, os santos e os pecadores. Esta é uma perda de memória que nos faz esquecer lentamente a realidade mais rica que temos e a doutrina mais clara a defender. Apesar de sermos pecadores, o Senhor não deixou de nos tratar com misericórdia. Paulo nunca deixou de lembrar que estava do outro lado, que foi escolhido à última hora, como fruto de um aborto. A misericórdia não é uma teoria desembainhar afim de aplaudir a nossa condescendência, mas é uma história de pecado e misericórdia. Diante do meu pecado Deus uso de misericórdia.

A necessidade de consolação

A misericórdia possui também a face da *consolação*. *«Consolai, consolai o meu povo»* (Is 40, 1) são palavras cheias de amor que o profeta ainda hoje ressoa para nós, para que esta palavra de esperança chegue aos que estão no sofrimento e na dor. Não nos deixemos roubar a esperança que provém da fé no Senhor ressuscitado. É verdade que muitas vezes somos postos à dura prova, mas nunca deve desfalecer a certeza de que o Senhor nos ama. A sua misericórdia exprime-se também na proximidade, no afeto e no apoio que tantos irmãos e irmãs nos podem oferecer quando chegarem os dias de tristeza e de aflição. Enxugar as lágrimas é uma ação concreta que quebra o círculo da solidão em que muitas vezes estamos fechados.

Todos precisamos de consolação, porque ninguém está imune ao sofrimento, à dor e à incompreensão. Quanta dor pode causar por uma palavra odiosa, fruto da inveja, do ciúme e da raiva! Quanto sofrimento pode causar a experiência da traição, da violência e do abandono; quanto sofrimento diante da morte dos entes queridos! E, no entanto, Deus nunca está longe quando nesses momentos difíceis. Uma palavra encorajadora,

um abraço que te faz sentir compreendido, um carinho que te faz sentir amado, uma oração que te permite ser mais forte... são todas expressões da proximidade de Deus através da consolação oferecida pelos nossos irmãos e irmãs.

> Por consolação [espiritual] entende-se quando se produz um estímulo interior, pelo qual a alma se inflama de amor para com o seu Criador e Senhor, e por isso não pode amar nenhuma das realidades deste mundo por si mesma, mas só pelo Criador de todas; assim também quando alguém derrama lágrimas que o conduzem ao amor do Senhor, seja pela dor dos seus pecados, seja pela paixão de Cristo nosso Senhor, seja por outras razões diretamente ordenadas ao seu serviço e louvor. Por fim, entende-se a consolação como todo o aumento da esperança, da fé e da caridade, e toda a alegria interior que estimula e atrai para as realidades celestiais e para a salvação da alma, dando-lhe tranquilidade e paz no seu «Criador e Senhor». (Santo Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*)

A misericórdia aprende-se

A misericórdia aprende-se com a experiência. Aprendemos sentindo que Deus continua a confiar em nós e continua a convidar-nos a ser seus missionários, continua a enviar-nos para que possamos tratar os nossos irmãos da mesma maneira que Ele nos trata, da mesma maneira que Ele nos tratou.

A misericórdia aprende-se porque o Pai continua a perdoar-nos. Existe demasiado sofrimento na vida das pessoas para que lhe acrescentar mais. Aprender a lidar com a misericórdia é aprender com o Mestre que se aproxima, sem ter medo dos descartados ou dos que estão "manchados" e marcados pelo pecado. É aprender a apertar a mão de quem caiu, sem ter medo dos comentários. Qualquer atitude impiedosa, por mais correta que pareça, acaba sempre por se tornar maus-tratos. O engenho estará no fortalecimento dos caminhos da esperança, daqueles que privilegiam a boa atitude e fazem resplandecer a misericórdia.

Silêncio participativo

Às vezes, o silêncio também pode ser de grande ajuda, porque às vezes não há palavras para responder às perguntas de quem sofre. A falta de palavra, no entanto, pode ser compensada pela compaixão de quem está simplesmente presente, próximo, de quem precisa de ajuda. Não é verdade que o silêncio seja um ato de fraqueza, pelo contrário, é um momento de força e amor. O silêncio pertence também à nossa linguagem de consolação, porque se transforma numa obra concreta de partilha e participação no sofrimento dos irmãos.

A ternura do Senhor

Clamemos com alegria: "O Senhor é meu Deus e meu Salvador!" «O Senhor está próximo», diz-nos o apóstolo Paulo. Nada deve nos angustiar, Ele está próximo. A maior misericórdia reside no seu estar entre nós, na sua presença e companhia. Ele caminha connosco, indica-nos o caminho do amor, levanta-nos quando caímos – e com que ternura o faz! – sustenta-nos nas nossas lutas, acompanha-nos em todas as circunstâncias da nossa existência. Abre os nossos olhos porque vejamos as nossas próprias misérias e as do mundo, mas ao mesmo tempo enche-nos de esperança. *"E a paz de Deus (...) guardará os vossos corações e vossas mentes em Cristo Jesus»* (Fil 4, 7), diz-nos Paulo. Esta é a fonte da nossa vida pacífica e feliz. Nada e ninguém nos pode privar desta paz e felicidade, apesar dos sofrimentos e das provações da vida. O Senhor, com a sua ternura, abre-nos o seu coração, abre-nos o seu amor. O Senhor é alérgico à rigidez. Cultivemos esta experiência de misericórdia, de paz e de esperança imitando a Ele, que tudo deu, que se deu tudo, sem esperar nada em troca. É esta a Sua misericórdia.

Deixar o rancor

Jesus afirma que a misericórdia não é apenas a ação do Pai, mas torna-se o critério para reconhecer quem são os seus verdadeiros filhos. Em fim, somos chamados a viver a misericórdia porque recebemos a misericórdia, primeiro. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais clara do amor misericordioso, e para nós, cristãos, é um imperativo que não podemos ignorar. Muitas vezes parece difícil perdoar! No entanto, o perdão é a ferramenta colocada em nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para viver felizes. Aceitemos, pois, a exortação do Apóstolo: *«Não se ponha o sol sobre a vossa ira»* (Ef 4, 26). E, sobretudo, ouçamos as palavras de Jesus que colocou a misericórdia «como ideal de vida e como critério de credibilidade para a nossa fé: *«Bem-aventurados os misericordiosos, porque receberão misericórdia»* (Mt 5, 7).

A alegria Indescritível do perdão

Nada de quanto um pecador arrependido coloca diante da misericórdia de Deus pode permanecer sem o abraço do seu perdão. Por isso, é que nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; é sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e imerecido. Não podemos, portanto, correr o risco de nos opormos à plena liberdade de amor com que Deus entra na vida de cada homem.

A misericórdia é esta ação concreta de amor que, perdoando, transforma e muda a vidas. É assim que se manifesta o seu mistério divino. Deus é

misericordioso (cfr Ex 34, 6), a sua misericórdia dura para sempre (cfr Sl 136), de geração em geração abraça todo o homem que confia n'Ele e o transforma, dando-lhe a Sua própria vida.

A misericórdia suscita alegria, porque o coração se abre à esperança de uma vida nova. A alegria do perdão é indescritível, mas transparece em nós cada vez que a experimentamos. Na sua origem está o amor com que Deus vem ao nosso encontro, rompendo o círculo do egoísmo que nos envolve, para nos tornar, por sua vez, instrumentos de misericórdia.

A soberba e o orgulho são um muro

Ser cristão não nos torna impecáveis. Como o publicano Mateus, cada um de nós confia na graça do Senhor, apesar dos nossos pecados. Somos todos pecadores, todos temos pecados. Ao chamar Mateus, Jesus mostra aos pecadores que não olha para o seu passado, para o estatuto social ou para as convenções externas, mas abre um novo futuro. Uma vez ouvi um belo ditado: *"Não há santo sem passado, e não há pecador sem futuro".* É isso que Jesus faz. Não há santo sem passado, não há pecador sem futuro. Basta responder ao convite com um coração humilde e sincero. A Igreja não é uma comunidade de pessoas perfeitas, mas de discípulos a caminho, que seguem o Senhor porque reconhecem que são pecadores e precisam do seu perdão. A vida cristã, portanto, é uma escola de humildade que nos abre à graça.

Tal comportamento não é compreendido por aqueles que se presumem "justos" e que se pensam ser melhores do que os outros. O orgulho e o orgulho não lhes permitem reconhecer-se necessitados de salvação, impedem-lhes de ver o rosto misericordioso de Deus e de agir com misericórdia. São um muro que impede a relação com Deus. No entanto, a missão de Jesus é precisamente esta: vir à procura de cada um de nós, curar as nossas feridas e chamar-nos a segui-lo com amor.

O primeiro ato

O amor é o primeiro ato pelo qual Deus se dá a conhecer e vem ao nosso encontro. Mantenhamos, pois, o coração aberto à confiança de que somos amados por Deus. O seu amor precede-nos sempre, acompanha-nos e permanece próximo de nós, apesar do nosso pecado.

O tempo da misericórdia

Este é o tempo da misericórdia. Cada dia do nosso caminho é marcado pela presença de Deus que guia os nossos passos com a força da graça que o Espírito incute no coração para moldá-lo e torná-lo capaz de amar. É o tempo da misericórdia para cada um de nós, para que ninguém se pense estranho à proximidade de Deus e à força da sua ternura. É o tempo da

misericórdia para que aqueles que são fracos e indefesos, distantes e solitários possam compreender a presença de irmãos e irmãs que os sustentam em necessidade. É o tempo da misericórdia para que os pobres sintam o olhar respeitoso, mas atento, daqueles que, vencidos a indiferença, descobrem o essencial da vida. É o tempo da misericórdia para que cada pecador não se canse de pedir perdão e sentir a mão do Pai que sempre O acolhe e abraça.

VIII - A FELICIDADE É CENTUPLO NESTA VIDA

Deus ama-nos. Antes de mais, quero dizer a cada um de vós a primeira verdade: «Deus te ama». Se tu já ouviste isso antes, não importa, quero lembrá-lo: Deus te ama. Nunca duvidas, não importa o que acontecer contigo na vida. Não importa quais sejam as circunstâncias, tu és infinitamente amado.

Deus se alegra connosco. Deus ama-nos tanto que se alegra connosco. Ele ama-nos com um amor gratuito, sem limites, sem esperar nada em troca. O seu amor não é triste, mas é pura alegria que se renova quando nos deixamos amar por Ele: «*O Senhor, teu Deus, é um poderoso Salvador no meio de vós. Ele regozijar-se-á por vós, renovar-vos-á com o seu amor, alegrar-se-á por vós com gritos de alegria»* (Sof 3, 17).

Para Ele, tu és verdadeiramente precioso, não és insignificante, és importante para Ele porque tu és obra das Suas mãos. Por isso, ele te presta atenção, lembra-se de ti com carinho. Deves ter confiança na "memória de Deus: a sua memória não é um 'disco rígido' que regista e arquiva todos os nossos dados, a sua memória é um terno coração de compaixão, que se alegra em apagar definitivamente todos os nossos vestígios de mal. Ele não quer ter em conta os teus erros e, em qualquer caso, ajudar-te-á a aprender algo com tuas quedas também. Porque Ele te ama. Ficas em silêncio por um momento e deixa-te amar por Ele. Faz silenciar todas as vozes e gritos interiores e permaneças por um momento em seu abraço amoroso.

A sede do infinito

A busca da felicidade é comum a todas as pessoas de todos os tempos e idades. Deus colocou no coração de cada homem e mulher um desejo irreprimível de felicidade, de plenitude. Não sentes que o teu coração está inquieto e em constante busca de um bem que possa saciar a sua sede do infinito?

Aceitar o dom

Jesus quer ser vosso amigo, vosso irmão, mestre da verdade e da vida, que vos revela o caminho para alcançar a felicidade, para a realização de vós mesmos segundo o desígnio de Deus, para cada um de vós. E a amizade de Jesus, que nos traz a misericórdia, é «gratuidade», dom puro. Ele não vos pede nada em troca, apenas pede que aceiteis. Jesus quer amar-vos pelo que sois, mesmo na vossa fragilidade e fraqueza, para que, tocados pelo seu amor, sejais renovados.

Aprender a ler a vossa própria história de vida

Na vida devemos sempre tomar decisões, e para tomá-las devemos fazer um caminho, um caminho de discernimento. Cada atividade importante tem as suas próprias "instruções" a seguir, que devem ser conhecidas para que possas produzir os efeitos necessários. Um ingrediente indispensável para o discernimento é *a própria história de vida*. Conhecer a própria história de vida é um ingrediente indispensável para o discernimento.

A nossa vida é o "livro" mais precioso que nos foi dado, um livro que, infelizmente, muitos não leem, ou o fazem tarde demais, antes de morrer. E, no entanto, é precisamente nesse livro que encontramos o que se procura em vão por outros caminhos. Santo Agostinho, grande buscador da verdade, compreendeu-o precisamente relendo a sua vida, observando nela os passos silenciosos e discretos, mas incisivos, da presença do Senhor. No final desta viagem, dirá com espanto: *"Tu estavas dentro de mim, e eu estava fora. E lá fora eu te procurava. Deformado, atirei-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo"* (Confissões X, 27, 38). Daí o seu convite a cultivar a vida interior para encontrar o que se procura: «Voltai-vos a vós mesmos. A verdade habita no homem interior» (A verdadeira religião, XXXIX, 72). Este é um convite que quero fazer a todos vós, e faço-o também a mim próprio: *"Entra em ti mesmo. Lê a tua vida. Lê lá dentro, como tem sido a teu percurso. Com serenidade. Entra em ti mesmo."*

Muitas vezes também nós tivemos a experiência de Agostinho, de nos vermos aprisionados por pensamentos que nos afastaram de nós mesmos, por mensagens estereotipadas que nos magoam: por exemplo, "Eu não valho nada" – e tu cai em baixo. Tudo é ruim para mim" – e tu desces. "Eu nunca vou realizar nada de bom" – e tu desces. Todas frases pessimistas que te derrubam! Ler a tua própria história significa também reconhecer a presença desses elementos "tóxicos", mas depois tens de ampliar o enredo da tua história, aprender a perceber outras coisas, torná-la mais rica, mais respeitadora da complexidade, conseguindo também entrever as maneiras discretas como Deus age em nossas vidas.

Distinguindo a luz das trevas

Se queremos tornar-nos melhores, temos de aprender a distinguir a luz das trevas. Por onde começar? Podes começar com uma pergunta: O que me parece cintilante e sedutor, mas depois me deixa com um grande vazio? É esta a escuridão! O que, por outro lado, é bom para mim e me deixa em paz no meu coração, mesmo que antes me peça para sair de certos confortos e controlar certos instintos? Isto é a luz! E podes perguntar-te ainda – qual é a força que nos permite separar a luz das trevas dentro de nós, que nos faz

dizer 'não' às tentações do mal e 'sim' às oportunidades do bem? Esta é a liberdade. Liberdade que não é fazer tudo o que quero e gosto; não é o que posso fazer apesar dos outros, mas para os outros; não é arbitrariedade total, mas responsabilidade. A liberdade é o maior dom que nosso Pai Celestial nos deu junto com a vida.

Lutar todos os dias com a escuridão dentro de nós

Todos os dias sois chamados a trazer uma nova luz ao mundo, a dos vossos olhos, do vosso sorriso, do bem que vós e só vós podeis acrescentar-lhe. Ninguém mais pode fazê-lo. Mas, para vir à luz, tereis que lutar com a escuridão todos os dias. Sim, há um choque diário entre a luz e as trevas, que não acontece lá fora, algures, mas dentro de cada um de nós. O caminho da luz exige escolhas corajosas do coração contra as trevas das falsidades.

Defendeis a verdadeira beleza

Fazeis emergir a vossa beleza! Não aquele de acordo com as modas do mundo, mas aquela verdadeira, real. Num mundo sufocado por tanta feiura, que possais trazer aquela beleza que sempre nos pertenceu, desde o primeiro momento da criação, quando Deus fez o homem à sua imagem e viu que ele era muito belo. Esta beleza deve ser difundida e defendida. Porque se é verdade que a beleza salvará o mundo, devemos, no entanto, vigilar para que o mundo salve a beleza. Por isso, convido-vos a fazer um «pacto global da beleza» com todos os jovens do mundo, porque não há educação sem beleza.

A beleza de que estamos a falar não é aquela que se inclina sobre si mesma, como Narciso que, apaixonando-se pela sua própria imagem, acabou por se afogar no lago onde se refletia. E nem sequer da beleza que pactua com o mal, como Dorian Gray que, quando o feitiço acabou, se reencontrou com um rosto desfigurado. Falamos daquela beleza que nunca desvanece porque é um reflexo da beleza divina: o nosso Deus é, de facto, inseparavelmente bom, verdadeiro e belo. E a beleza é uma das vias privilegiadas para chegar até Ele.

Guardar os nossos corações e os nossos relacionamentos

No Evangelho, vemos como Jesus denuncia uma certa conceção de pureza ritual ligada à exterioridade, que proibia qualquer contato com coisas e pessoas (incluindo leprosos e estrangeiros), consideradas impuras. Aos fariseus que, como tantos judeus da época, não comiam sem terem realizado as abluções e observado numerosas tradições relacionadas com a lavagem de objetos, Jesus diz categoricamente: *"Não há nada fora de um homem que possa entrar nele e torná-lo impuro. Mas são as coisas que saem do homem que o tornam impuro. De facto, do interior, isto é, do*

coração dos homens, vêm as más intenções: a impureza, o roubo, o assassínio, o adultério, a ganância, a maldade, o engano, a libertinagem, a inveja, a calúnia, o orgulho, a loucura» (Mc 7, 15.21-22).

Em que consiste, então, a felicidade que brota de um coração puro? Partindo da lista dos males que tornam o homem impuro, enumerada por Jesus, vemos que a questão toca sobretudo o campo das nossas *relações*. Cada um de nós deve aprender a discernir o que pode «poluir» o seu coração, formar-se uma consciência reta e sensível, capaz de *«discernir a vontade de Deus, o que é bom, o que é aceitável e o que é perfeito»* (Rm 12, 2). Se é necessária uma sã atenção para o cuidado da criação, à pureza do ar, da água e dos alimentos, quanto mais temos de guardar a pureza para o que é mais precioso para nós: o nosso coração e as nossas relações. Esta «ecologia humana» ajudar-nos-á a respirar o ar puro que provém das coisas belas, do verdadeiro amor, da santidade.

A fonte da nossa alegria

Quanto mais se ama, tanto mais se torna capaz de doar. Esta é também a chave para compreender as nossas vidas. É bom conhecer pessoas que se amam, que se querem bem, que partilham a vida; pode-se dizer deles como de Deus: amam-se tanto uns aos outros que dão a vida. Não é apenas o que podemos produzir ou ganhar que conta, é o amor que sabemos dar que conta. *Esta é a fonte da alegria! Deus amou de tal modo o mundo que deu o seu Filho.*

Às vezes procuramos a alegria onde não existe, procuramo-la nas ilusões que desaparecem, nos sonhos da grandeza do nosso ego, na aparente segurança das coisas materiais, no culto à nossa imagem, e em muitas outras coisas... Mas a experiência da vida ensina-nos que a verdadeira alegria é *sentirmo-nos amados livremente*, sentirmo-nos acompanhados, ter alguém que partilhe os nossos sonhos e que, quando naufragamos, venha ajudar-nos e conduzir-nos a um porto seguro.

Não fiqueis com os "Belos Adormecidos na Floresta"

A beleza que Jesus nos revelou é um esplendor que se comunica, que age; uma beleza que se encarna para poder ser partilhada; uma beleza que não teme de se sujar, de se desfigurar para ser fiel ao amor de que é feita. E assim também vós não podeis permanecer «belos adormecidos no bosque»: sois chamados a agir, a fazer alguma coisa. A verdadeira beleza é sempre fecunda, impulsiona a sairmos fora de nós mesmos a pormo-nos em movimento. A contemplação de Deus, também, não pode perpetuar-se no gozo da sua visão, como pensaram os três discípulos do Monte Tabor no momento da Transfiguração de Jesus: *«Como é belo estar aqui! Vamos fazer*

três tendas..." (cfr Mt 17, 4). Não, é necessário descer da montanha e arregaçar as mangas.

Por isso, desejo-vos uma *saudável inquietação* nos desejos e nos propósitos, aquela inquietação que sempre o impele a caminhar, a nunca se sentir "chegados". Não vos isoleis trancando-vos no quarto, como os Peter Pan que não quer crescer, ou como jovens hikikomori que têm medo de enfrentar o mundo, mas sejais sempre abertos e corajosos. Se os jovens não mudarem o mundo, quem o poderá mudar?

Feliz é aquele que vê o bem nos outros

Na Bíblia, o diabo é chamado “pai da mentira”. Aquele que te promete, ou melhor, te faz acreditar, que fazendo certas coisas tu serias feliz.

Depois, então, tu percebes que não estás nada feliz, que foste atrás de algo que, longe de te trazer felicidade, fez-te sentir-te mais vazio e mais triste. Amigos: o diabo é um vendedor de "fumo". Ele promete-te, promete-te, mas não te dá nada, nunca cumpre o que promete, nunca. Ele é um mau pagador. Ele faz-te desejar coisas que não dependem dele, quer as obtenha, quer que não. Faz-te pôr a tua esperança em algo que nunca te fará feliz. Este é o seu jogo, a sua estratégia. Falar muito, prometer muito e não fazer nada. Ele é um grande "vendedor de fumo" porque tudo o que ele nos propõe é fruto da divisão, da competição, de esmagar a cabeça dos outros para conseguir as nossas coisas. Ele é um "vendedor de fumo" porque, para conseguir tudo isso, a única maneira é colocar de lado os teus amigos, não suportar a ninguém. Porque tudo se baseia na aparência. Ele faz-te acreditar que teu valor depende dos bens que possui.

Pelo contrário, temos Jesus, que nos oferece o seu jugo. Ele não vende fumaça, aparentemente não nos promete grandes coisas. Não diz que a felicidade se encontra na riqueza, no poder, no orgulho. Pelo contrário, mostra-nos que o caminho é diferente. Este Diretor Técnico diz aos seus jogadores: Felizes os pobres de espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os que trabalham pela paz, os perseguidos pela justiça. E termina dizendo-lhes: alegrai-vos com tudo isto.

Porquê? Porque Jesus não mente! Ele mostra-nos um caminho que é vida e verdade. Ele mesmo é a grande prova disso. É o seu estilo, o seu modo de viver a vida, a sua amizade, a sua relação com o Pai. E é também o que ele nos propõe. Sentir-se como filhos, filhos amados.

Ele não te vende fumaça. Porque Ele sabe que a felicidade, a verdadeira felicidade, aquela que enche o coração, não se encontra nas roupas caras que vestimos, nos sapatos que calçamos, na etiqueta de uma determinada marca. Ele sabe que a verdadeira felicidade está em sermos sensíveis, em

aprendermos a chorar com quem chora, em estarmos perto de quem está triste, em ajudá-lo, em dar-lhe um abraço. Quem não sabe chorar, não sabe rir e, portanto, não sabe viver. Jesus sabe que neste mundo de tanta competição, inveja e agressividade, a verdadeira felicidade vem do aprender a sermos pacientes, a respeitarmos os outros, a não os condenarmos ou não julgarmos ninguém. Quem se irrita perde, como diz o ditado. Não entregueis o vosso coração à raiva, ao ressentimento. Felizes são os que têm misericórdia. Felizes são os que sabem colocar-se no lugar dos outros, os que têm a capacidade de abraçar, de perdoar. Todos já passamos por isso nalgum momento. Todos nalgum momento nós nos sentimos perdoados. Como é belo! É como voltar à vida, é como ter uma nova oportunidade. Não há nada de melhor do que ter novas oportunidades. É como se a vida recomeçasse de novo. Por isso, felizes são aqueles que são portadores de uma nova vida, de novas oportunidades. Felizes são aqueles que trabalham, que lutam para que isso seja possível. Erros, todos os cometemos, aos milhares.

Por isso, felizes são aqueles que são capazes de ajudar os outros nos seus erros. Felizes são os verdadeiros amigos, os que não abandonam ninguém. Estes são os puros de coração, os que conseguem ver para além das adversidades imediatas e superaram todas as dificuldades. Felizes são aqueles que sabem ver, acima de tudo, o bem que há nos outros.

O bem que nos falta

Um «ingrediente» indispensável, por assim dizer, do discernimento é o *desejo*. De facto, o discernimento é uma forma de procura que surge a partir de algo que nos falta, mas que de alguma forma conhecemos. Que tipo de conhecimento é esse? Os mestres espirituais indicam-no com o termo «desejo» que, na sua raiz, é um anseio de plenitude que nunca se realiza plenamente e que é o sinal da presença de Deus em nós.

O desejo é anseio de plenitude, não é o desejo do momento, não. Na língua italiana a palavra “desejo” deriva de um termo latino muito bonito, isso é curioso: *de-sidus*, literalmente "a falta da estrela", desejo é falta da estrela, falta do ponto de referência que guia o caminho da vida; o desejo evoca o sofrimento, a carência e, ao mesmo tempo, uma tensão para alcançar o bem que nos falta. Por isso, o desejo, então, é como a bússola para entender onde estou e para onde vou, ou melhor, é a bússola para entender se estou parado ou estou a caminhar: uma pessoa que não *deseja* é uma pessoa que está parada, talvez doente, quase morta.

Como é possível reconhecê-lo? Pensamos, um desejo sincero sabe tocar os acordes do nosso ser, por isso, não se extingue, mesmo diante de dificuldades ou contratempos. É como quando temos sede: se não

conseguimos encontrar uma bebida, não desistimos, antes, este desejo ocupa a nossa vontade, os nossos pensamentos e as nossas ações, até nos dispormos a fazer qualquer sacrifício para a saciar. Obstáculos e fracassos não sufocam o desejo, pelo contrário, tornam-no ainda mais vivo em nós.

A graça de termos grandes desejos

Muitas pessoas sofrem porque não sabem o que querem das suas próprias vidas; provavelmente nunca entraram em contacto com o seu desejo mais profundo, nunca tiveram consciência disso: *"O que queres da tua vida?"* – "Não sei". Daí o risco de passar a vida entre tentativas e expedientes de vários tipos, sem nunca chegar em lugar algum, desperdiçando oportunidades preciosas. E assim algumas mudanças, embora desejadas em teoria, quando surge a oportunidade nunca são realizadas, falta um forte desejo de levar adiante uma coisa.

Se o Senhor nos fizesse, hoje, por exemplo, a qualquer um de nós, a pergunta que fez ao cego de Jericó: *«Que queres que eu faça por ti?»* (Mc 10,51), o que responderíamos? Talvez pudéssemos finalmente pedir-Lhe que nos ajudasse a conhecer o profundo desejo que Ele, o próprio Deus, colocou em nossos corações: *"Senhor, que eu conheça os meus desejos, que eu possa ser uma mulher, um homem de grandes desejos",* talvez o Senhor nos dará a força para torná-lo realidade. É uma graça imensa, na base de todas as outras: permitir que o Senhor, como no Evangelho, opere milagres por nós: *«Dá-nos o desejo e fá-lo crescer em nós, Senhor».*

A felicidade que se compra não dura

A felicidade não se compra. E quando tu compras uma felicidade, depois percebes que já se foi... A felicidade que se compras não dura. Só a felicidade do amor é que dura!

E o caminho do amor é simples: ama a Deus e ama o teu próximo, o teu irmão, aquele que está perto de ti, aquele que precisa de amor e de muitas coisas. Como é que posso saber se amo a Deus? É Simples, se tu amas o teu próximo, se não tens ódio em teu coração, tu amas a Deus. Essa é a prova certa.

A felicidade está no amor

A profissão de fé em Jesus Cristo não se pode deter nas palavras, mas pede para ser autenticada por escolhas e gestos concretos, por uma vida marcada pelo amor de Deus, por uma vida grande, por uma cheia de amor ao próximo. Jesus diz-nos que, para o seguirmos, para sermos Seus discípulos, temos de negarmos a nós mesmos, isto é, deixar as pretensões do nosso próprio orgulho egoísta, e tomar a nossa cruz. Depois, Ele dá a todos uma regra básica: *"Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á"*. Muitas

vezes na vida, por muitas razões, tomamos o caminho errado, procurando a felicidade apenas nas coisas, ou nas pessoas que tratamos como coisas. Mas só encontramos a felicidade quando amamos, quando vivemos o verdadeiro amor; o amor que nos encontra, nos surpreende e nos transforma. O amor muda tudo! O amor pode mudar-nos, pode mudar a cada um de nós.

Amor e aventura para tornar grande a vida

A verdadeira originalidade hoje, a verdadeira revolução, é rebelar-se contra a cultura do imediato, do provisório; é ir além do instinto, além do instante, é amar por toda a vida e com todo o nosso ser. Não estamos aqui para sobreviver, mas para fazer da vida um grande empreendimento. Todos temos grandes histórias na mente, que lemos em romances, que vimos em algum filme inesquecível, que ouvimos nalguma história comovente. Se pensarmos bem, nas grandes histórias há sempre dois ingredientes: um é o amor, o outro é a aventura, o heroísmo. Dois elementos que andam sempre juntos. Para tornar a vida grande, precisas de ambos: amor e heroísmo. Olhemos para Jesus, olhemos para o Crucificado, encontramos n'Ele ambos: amor sem limites e coragem de dar a vida até ao fim, sem meias medidas.

A trave e a palhinha

Ternura, bondade, humildade, mansidão, magnanimidade. O estilo cristão é magnânimo, é grande. Jesus disse: *"Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, pressionada, cheia e transbordante, será derramada no vosso regaço, porque, com a medida com que medires, ser-vos-á medida em troca»* (Lc 6, 36-38). Se tu tiveres uma grande medida de amor, misericórdia, generosidade, serás julgado assim; caso contrário, serás julgado de acordo com a tua medida.

Mas como se faz isso, como se começa? Qual é o primeiro passo para seguir por este caminho?

O primeiro passo é acusar-se a si mesmo. Ter a coragem de se acusar a si mesmo antes de acusar os outros: *«Tira primeiro a trave do teu próprio olho, e depois poderás ver claramente e tirar o cisco do olho do teu irmão»* (Lc 6, 39-42). Acusar-se: "O que estou a fazer? Estou a ser justo? Ou me sinto como o juiz tira o cisco dos olhos dos outros, que acusa os outros?

Quem não aprende a acusar-se torna-se hipócrita. Se um de nós não tem a capacidade de se acusar, não é cristão, não entra nesta tão bela obra de reconciliação, de paz, de ternura, de bondade, de perdão, de magnanimidade, de misericórdia que Jesus Cristo nos trouxe.

Precisamos ter a coragem de Paulo ao escrever sobre si mesmo: *"Eu era um blasfemo, um perseguidor, um violento"*. Assim, damos realmente o primeiro passo no caminho da magnanimidade. Porque aquele que só sabe olhar para as palhinhas no olho do outro acaba na mesquinhez: uma alma mesquinha, cheia de ninharias, cheia de fofocas.

O Caminho da magnanimidade

O que significa ser magnânimo? Significa ter um coração grande, uma grandeza de alma, grandes ideais; é ter o desejo de realizar coisas grandes para responder ao que Deus nos pede, e precisamente por isso fazer bem as coisas de cada dia, todas as ações diárias, os compromissos, os encontros com as pessoas; fazer as pequenas coisas de cada dia com um grande coração aberto a Deus e aos outros.

O Caminho da piedade

O dom da piedade significa ser verdadeiramente capazes de regozijar-se com estão alegres, chorar com os que choram, estar próximo dos que estão sozinhos ou angustio, corrigir os que estão em erro, consolar os aflitos, acolher e ajudar os necessitados. Existe uma relação muito estreita entre o dom da piedade e a mansidão. O dom da piedade, que o Espírito Santo nos dá, torna-nos mansos, calmos, pacientes, em paz com Deus, servindo os outros com mansidão.

O caminho da bondade

O individualismo consumista provoca muitos abusos. Os outros tornam-se meros obstáculos à própria tranquilidade. Então acaba-se por trata-los como incômodos, o que aumenta a agressividade. Isto acentua-se e atinge níveis exasperantes em tempos de crise, em situações catastróficas, em momentos difíceis, quando emerge o espírito de "salva-se quem poder". No entanto, ainda é possível optar por exercitar a bondade. Há pessoas que o fazem e se tornam estrelas no meio da escuridão.

São Paulo mencionava um fruto do Espírito Santo com a palavra grega *chrestotes* (Gál 5, 22), que exprime um estado de espírito que não é duro, áspero, mas benigno, suave, que sustenta e consola. A pessoa que possui esta qualidade ajuda os outros a tornar a sua existência mais suportável, especialmente quando carregam o fardo dos seus problemas, das urgências e das angústias. É uma maneira de tratar os outros que se manifesta de diferentes formas: como bondade no trato, como atenção para não magoar com palavras ou gestos, como tentativa de aliviar o fardo dos outros. Inclui *"dizer palavras de encorajamento, que confortam, que dão força, que consolam, que estimulam", em vez de "palavras que humilham, que entristecem, que irritam, que desprezam".*

A bondade é uma libertação da crueldade que por vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora o facto de que os outros também têm o direito de serem felizes. Hoje, raramente encontramos tempo e energia disponíveis para dar atenção e tratar bem os outros, para dizer "por favor", "desculpe", "obrigado". Mesmo assim, de vez em quando, acontece o milagre de uma pessoa bondosa, que põe de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, para dar um sorriso, para dizer uma palavra de encorajamento, para tornar possível um espaço de escuta no meio de tanta indiferença. Esse esforço, vivido todos os dias, é capaz de criar aquela convivência saudável que vence os mal-entendidos e evita conflitos. A prática da bondade não é um detalhe secundário ou uma atitude superficial ou burguesa; de facto, pressupõe estima e respeito e, quando se transforma em cultura de uma sociedade, a maneira de confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos lá onde a exasperação destrói todas as pontes.

O caminho da paciência

Não é fácil entender o que é paciência, o que significa ser paciente na vida, o que significa ser paciente diante das provações: podemos dizer que a paciência não é uma atitude dos derrotados, a paciência cristã não vai pelo caminho da derrota, é outra coisa.

A paciência é uma virtude das pessoas que estão a caminho, não das que fechadas, que ficam paradas. Na sua etimologia, a palavra paciência significa "carregar", "levar nos ombros". Uma pessoa pode estar cansada, é verdade: mas a pessoa paciente "carrega aos ombros", não deixa o seu problema, não foge do limite, não nega o sofrimento, mas "carrega-o" com alegria e júbilo.

O caminho da mansidão

"Bem-aventurados os mansos." Infelizmente, muitas vezes estamos impacientes, nervosos, sempre prontos a reclamar! Somos muitas exigentes para com os outros e, quando nos tocam, reagimos levantando a voz, como se fôssemos os donos do mundo, quando, na realidade, somos todos filhos de Deus. Pensemos, antes, naquelas mães e pais que são tão pacientes com seus filhos. Este é o caminho do Senhor: o caminho da mansidão e da paciência. Jesus percorreu este caminho: em criança, suportou a perseguição e o exílio; e depois, adulto, suportou as calúnias, as armadilhas, as falsas acusações do tribunal; e suportou tudo com mansidão, até, suportou a Cruz por nos amar.

> Tenhas paz em ti mesmo: só assim poderás dá-la aos outros. O homem sereno é mais útil do que um homem culto; o homem que não é

> equilibrado, mesmo do bem atrai o mal e é facilmente levado a crer no mal; enquanto o homem sereno e bom sabe orientar tudo para o bem. Quem está firme na paz não pensa mal de ninguém, mas aquele que está descontente e inquieto é esmagado por mil suspeitas; não goza de descanso e não deixa que os outros o desfrutem: diz o que não deve dizer, esquece-se de fazer o que lhe seria vantajoso: está de olhos postos nos deveres dos outros, e depois negligencia os seus próprios deveres. Sejas zeloso, pois, antes de tudo contigo mesmo; então serás capaz de "estar certo com o teu próximo". (Imitação de Cristo, II, III, 1)

A evasão e o descanso

O mandamento do repouso sabático parece fácil de cumprir, mas é uma impressão errada. Descansar verdadeiramente não é fácil, porque existe um repouso falso e um repouso verdadeiro. Como podemos reconhecê-los?

A sociedade de hoje está sedenta de divertimentos e férias. A indústria da distração é muito prospera, e a publicidade oferece um mundo ideal como se fosses um grande parque de jogos onde todos se divertem. O conceito dominante de vida hoje não tem seu baricentro na atividade e no compromisso, mas na *evasão*. Ganhar dinheiro para se divertir, para ficar satisfeito. A imagem-modelo é a de uma pessoa bem-sucedida que pode se permitir amplos e diferentes espaços de prazer. Mas esta mentalidade leva à insatisfação de uma existência anestesiada pela diversão, não ao descanso, mas à alienação e à fuga da realidade. O homem nunca descansou tanto como hoje, mas nunca experimentou tanto vazio como hoje! As possibilidades de se divertir, de sair, os cruzeiros, as viagens não lhe dão a plenitude do coração. Antes, não lhe dão repouso.

> O que é, então, o repouso segundo este mandamento? É tempo de contemplação, é tempo de louvor, não é evasão. É tempo de olhar a realidade e dizer: como é bela a vida! Ao repouso como fuga da realidade, o Decálogo opõe o repouso como *bênção da realidade*. Para nós, cristãos, o dia do repouso é o domingo, o Dia do Senhor, o dia da Eucaristia, que significa *ação de graças*. É dia em que dizemos a Deus: obrigado, Senhor pelo dom da vida, pela tua misericórdia, por todos os teus dons. Domingo não é dia de apagar outros dias, mas o dia de recordá-los com gratidão, de abençoá-los, de se reconciliar com a vida. Tantas pessoas que não têm muitas oportunidades de se divertir, será que não vivem em paz com a vida! O domingo é dia de reconciliar-se, fazer as pazes, com a vida, dizendo: a vida é preciosa; não é fácil, às vezes é dolorosa, mas é preciosa.

A nossa vida é uma tela em branco à espera de cor

Os Reis Magos viajaram para Belém. A sua peregrinação é parecida com a nossa vida porque somos chamados a caminhar para Jesus, porque Ele é a Estrela Polar que ilumina os céus da vida e orienta os nossos passos para a verdadeira alegria. Mas de onde é que começou a peregrinação dos Reis Magos até Jesus? O que moveu estes homens do Oriente a pôr-se a caminho, a iniciarem a sua viagem?

Com certeza, tinham muitos e bons álibis para não partir. Eram ricos e sábios astrólogos. Tinham atingido fama e riqueza. Tinham segurança cultural, social e económica, podiam acomodar-se sobre o que sabiam e o que tinham e ficarem quietos; mas não! *Deixaram-se inquietar* por uma pergunta e por um sinal: *«Onde está aquele que nasceu? Vimos a sua estrela erguer-se»* (Mt 2, 2). Os seus corações não se deixaram entorpecer no antro da apatia, mas ficaram sedentos de luz; não se arrastam cansativamente na preguiça, mas se deixam inflamar pela nostalgia de novos horizontes. Os seus olhos não estão voltados para a Terra, mas são janelas abertas para o Céu.

De onde lhe vem essa saudável inquietação, que os levou a peregrinar? Surge o desejo. Este é o seu segredo interior: saber desejar. Meditemos sobre isso. Desejar significa manter vivo o fogo que arde dentro de nós e nos impele a procurar além do imediato, além do visível. Desejar é acolher a vida como um mistério que nos ultrapassa, como uma fissura sempre aberta que nos convida a olhar para além, porque a vida não está «toda aqui», está também «noutro lugar». É como uma tela em branco que precisa receber a cor. Um grande pintor, Van Gogh, escreveu que a necessidade de Deus o levou a sair à noite para pintar as estrelas. Sim, porque Deus nos fez assim: amassados de desejo; orientados, como os Magos, para as estrelas. Podemos dizer, sem exagero, que somos o que desejamos. Porque são os desejos que alargam o nosso olhar e empurram a vida para além: para além das barreiras do hábito, para além de uma vida achatada pelo consumo, para além de uma fé repetitiva e cansada, para além do medo de nos pormos em risco, de nos comprometermos com os outros e com o bem. "A nossa vida", dizia Santo Agostinho, "é uma ginástica do desejo".

Inquietude e liberdade

A liberdade liberta-nos na medida em que transforma a vida de uma pessoa e a orienta para o bem. Para sermos verdadeiramente livres precisamos não só de nos conhecermos, a nível psicológico, mas sobretudo de fazermos a verdade em nós mesmos, a um nível mais profundo. E aí, no coração, abrir-nos à graça de Cristo. A verdade deve inquietar-nos – voltemos a esta

palavra tão cristã: a inquietação. Sabemos que há cristãos que nunca se inquietam: vivem sempre da mesma maneira, não há movimento no seu coração, não há inquietação. Por que é que a inquietação é importante? Porque é sinal de que o Espírito Santo atua em nós, e faz que a liberdade é seja uma liberdade ativa, suscitada pela sua graça. Por isso, que digo que a liberdade nos deve inquietar, nos deve questionar continuamente, para que possamos aprofundar cada vez mais o que realmente somos. Deste modo, descobrimos que o caminho da verdade e da liberdade é árduo e dura toda a vida. Não é fácil viver livre, é cansativo; mas não é impossível. Coragem, avançamos neste caminho, faz-nos bem. Nele somos guiados e sustentados pelo Amor que vem da Cruz: o Amor que nos revela a verdade e nos dá a liberdade. É o caminho para a felicidade. A liberdade nos liberta, alegra-nos, faz-nos felizes.

Um rio de alegria

O Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida-nos insistentemente a regozijar-nos. Bastam alguns exemplos: «Alegra-te» é a saudação do anjo a Maria (Lc 1, 28). Maria visita Isabel e faz com que João salte de alegria no seio materno (cfr Lc 1, 41). Maria proclama o seu cântico de louvor, o magnificat: «O meu espírito regozija-se em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 47). Quando Jesus inicia o seu ministério, João exclama: «Agora esta minha alegria está cheia» (Jo 3, 29). O próprio Jesus «regozijou-se no Espírito Santo» (Lc 10, 21). A sua mensagem é fonte de alegria: «Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena» (Jo 15, 11). A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante. Ele promete aos seus discípulos: «Ficareis triste, mas a vossa tristeza transformar-se-á em alegria» (Jo 16, 20). E insiste: «Ver-vos-ei de novo, e os vossos corações regozijar-se-ão, e ninguém poderá tirar-vos a vossa alegria» (Jo 16, 22). Mais tarde, ao vê-lo ressuscitar, «regozijaram-se» (Jo 20, 20). O Livro dos Atos dos Apóstolos diz-nos que na primeira comunidade «comiam com alegria» (2, 46). Por onde passavam os discípulos, «havia grande alegria» (8, 8) e, no meio da perseguição, «enchiam-se de alegria» (13, 52). Um eunuco recém-batizado, cheio de alegria, seguiu o seu próprio caminho» (8, 39), e o carcereiro «encheu-se de alegria com toda a sua família, porque tinham acreditado em Deus» (16, 34). Por que não entramos também neste rio de alegria?

A alegria profunda é um dom

"Então os levou a Betânia, levantou as mãos e os abençoou. Ao abençoá-los, desligou-se deles e foi levado para o céu. E eles, depois de adorá-lo, voltaram a Jerusalém com grande alegria; e estavam sempre no templo louvando a Deus» (Lc 24, 50-53).

Mas o que é essa alegria? É alegria? Não, não é a mesma coisa. A alegria é uma coisa boa, mas se quisermos vivê-la a cada momento, no final ela se transforma em banalidade, superficialidade e pode levar para aquele estado de falta de sabedoria cristã. A alegria é outra coisa, a alegria é mais, é algo de mais profundo: é um dom do Senhor que nos enche por dentro. É como uma unção do Espírito. Esta alegria está na certeza de que Jesus está connosco e com o Pai.

A verdadeira alegria

A verdadeira alegria não vem das coisas, do ter... Não! Nasce do encontro, da relação com os outros, nasce do sentir-se aceite, compreendido, amado e na capacidade de aceitar, compreender e amar; e não pelo interesse de um momento, mas porque o outro é uma pessoa. A alegria nasce da gratuidade de um encontro! É sentir-se dizer: "Tu és importante para mim", não necessariamente por palavras. É precisamente o que Deus nos faz compreender. Ao chamar-nos, Deus diz-nos: «Tu és importante para mim, amo-te, conto contigo». Jesus diz isto a cada um de nós! É daí surge a alegria! A alegria do momento em que Jesus olhou para mim. Compreender e sentir isso é o segredo da nossa alegria. Sentir-se amado por Deus, sentir que para Ele não somos números, mas pessoas; e sentir que é Ele nos chama.

Uma alegria que ninguém nos poderá tirar

Se permanecermos Nele, a Sua alegria permanecerá em nós. Não seremos discípulos tristes e apóstolos desanimados. Pelo contrário, refletiremos e traremos a verdadeira alegria, aquela alegria plena que ninguém nos poderá tirar, difundiremos a esperança da vida nova que Cristo nos deu. O chamado de Deus não é um fardo pesado que nos rouba a alegria. Às vezes é um fardo pesado, sim, mas não nos tira a alegria. Mesmo com este fardo, dá-nos alegria. Deus não quer que fiquemos submersos na tristeza – um dos maus espíritos que se apropriam da alma, como já denunciaram os monges do deserto –; Deus não quer que sejamos esmagados pelo cansaço, tristeza e cansaço que advêm de atividades mal vividas, sem uma espiritualidade que faça feliz a nossa vida e até mesmo as nossas lutas. A nossa alegria contagiante deve ser o primeiro testemunho da proximidade e do amor de Deus. Somos verdadeiros dispensadores da graça de Deus quando deixamos transparecer a alegria do encontro com Ele.

A vida verdadeira

Quantas vezes sentimos a necessidade de uma mudança que envolva toda a nossa pessoa! Quantas vezes dizemos a nós mesmos: "Tenho que mudar, não posso continuar assim... A minha vida neste caminho não dará frutos, será uma vida inútil e não serei feliz." Quantas vezes esses pensamentos

vêm! E Jesus, ao nosso lado, com a mão estendida, diz-nos: «Vinde, vem a mim. Eu vou fazer este trabalho: eu vou mudar o teu coração, eu vou mudar a tua vida, eu te farei feliz."

Jesus, que está connosco, convida-nos a mudar de vida. É Ele, com o Espírito Santo, que está a semear em nós esta inquietação para que mudemos de vida e nos tornemos melhores. Sigamos este convite do Senhor e não resistamos, porque só se nos abrirmos à sua misericórdia encontraremos a verdadeira vida e a verdadeira alegria. Nós só temos que abrir a porta, Ele fará o resto. Ele faz tudo, mas cabe-nos abrirmos bem o nosso coração, para que Ele nos possa curar e nos faça avançar. Garanto-vos que seremos mais felizes.

FONTES

Introdução FELIZ COMO DEUS NOS QUER, Angelus, 16 de janeiro de 2022; Audiência Geral de 23 de agosto de 2017

15 PASSOS PARA A FELICIDADE

1. Lê dentro de ti: Audiência Geral, 19 de outubro de 2022
2. Lembre-se de que tu és único: Encontro com os jovens, 14 de setembro de 2021
3. Faz emergir a tua beleza! Mensagem, 21 de setembro de 2022
4. Aprendes a rir-te de ti mesmo: discurso, 16 de março de 2018
5. Vivas uma sã inquietação: Mensagem, 21 de setembro de 2022
6. Aprendas a perdoar: Audiência Geral, 18 de março de 2020
7. Aprendas a ler a tristeza: Audiência Geral, 26 de outubro de 2022
8. Faz grandes sonhos: Homilia, 22 de novembro de 2020
9. Não dar ouvidos a quem vende ilusões: Encontro com os jovens, 14-09-2021
10. Seja Revolucionário, vá contramão: Discurso, 28 de julho de 2013
11. Arrisca, mesmo que cometa erros: Christus vivit, 143
12. Caminhar com os Outros, Diálogo com os Estudantes, 7 de junho de 2013
13. Viver a gratuitade: Fratelli tutti, 140
14. Olha além da obscuridade: Homilia, 21 de novembro de 2021
15. Lembre-se que estás destinado ao melhor: Angelus, 16 de janeiro de 2022

I. A FELICIDADE É UM DOM RECEBIDO

Só o amor dá felicidade à vida: Angelus, 3 de setembro de 2017
A salvação é um dom gratuito: Angelus, 8 de dezembro de 2014
Um coração dócil: Meditação Matinal, 25 de março de 2014
Ele nos amou primeiro: Christus vivit, 121
Deus dá sempre o primeiro passo em nossa direção: Angelus, 6 de janeiro de 2014
Por amor fomos salvos: Christus vivit, 118
Primeiros Passos para a Verdadeira Felicidade: Mensagem, 4 de outubro de 2018
O céu não se paga com dinheiro: Homilia, 18 de dezembro de 2015
Nem luxo, nem riqueza, nem poder: Homilia, 18 de dezembro de 2015
O que devemos fazer?: Angelus, 12 de dezembro de 2021
O Caminho da felicidade: Angelus, 1 de março de 2015
Confia-te à gratuidade do dom de Deus: meditação matinal, 19-12-2019
Saber ver a graça: Homilia, 1 de fevereiro de 2020

Tudo é gratuito, tudo é graça: Meditação Matinal, 11 de junho de 2013
A porta estreita: Angelus, 25 de agosto de 2013
Luz ou escuridão: Angelus, 14 de março de 2021
A lembrança e a memória: Meditação Matinal, 3 de outubro de 2013
Os desertos de hoje: Angelus, 6 de dezembro de 2015
A Ilusão de salvar-se sozinhos: Meditação Matinal, 10 de abril de 2013
Questionando a nossa alma tagarela: Meditação Matinal, 25 de outubro de 2019
A verdadeira queda é não se deixar ajudar: Christus vivit, 120
Deixa-te levantar pelo Seu amor infinito: Christus vivit, 119
A alegria de ser salvo: Homilia, 24 de março de 2013
Sejais santos! Gaudete et exsultate, 14
Não tenhais medo da santidade: Gaudete et Exsultate, 32
Não tenha medo de mirar alto: Gaudete et exsultate, 34
Na provação, olhemos para o futuro: Meditação Matinal, 29 de maio de 2018
Não vos torneis escravos da falsa liberdade: Audiência Jubilar, 10-09-2016
O partilhar é a verdadeira felicidade: Mensagem, 26 de dezembro de 2013
Aprendamos a abraçar a nossa fragilidade: Patris corde, 8 de dezembro de 2020
A graça de Deus muda nossos corações: Audiência Geral, 30 de junho de 2021
Amor é sempre liberdade: Angelus, 24 de janeiro de 2021
Perdão, amor e alegria: Audiência Jubilar, 10 de setembro de 2016
Redimidos e salvos por amor: Audiência Jubilar, 10 de setembro de 2016
Pérolas nascem das nossas feridas: Mensagem para a XXXII JMJ, 27-02-2017
Cada momento da vida é um tempo precioso: Angelus, 24 de janeiro de 2021
As mais belas flores entre as pedras mais secas: Audiência Geral, 19-04-2017

II. A FELICIDADE É DADA COMO UM DOM

Para cima, rumo a um grande objetivo: Encontro com jovens e idosos, 29-06-2022
Tornar-se Instrumentos de Misericórdia: Misericordia et misera, 16
Semeando a paz: Homilia, 1 de novembro de 2015
A força de mudar as coisas: Discurso, 28 de julho de 2016
Alimentai grandes ideais: Discurso, 15 de setembro de 2018

Sobre o amor seremos julgados: Misericordiae Vultus, 15
Qual é a tua identidade? Angelus, 24 de janeiro de 2021
Saiamos do nosso conforto: Mensagem Dia Mundial dos Pobres, 19-11-2017
A misericórdia não conhece limites: Misericordia et misera, 18-19
Vencer a tentação da indiferença: Mensagem para a 29.ª JMJ, 21-01-2014
Ser cristão é agir: Misericordia et misera, 19
O Prazer de ser fonte: Evangelii Gaudium, 272
Io sono una missione: Evangelii Gaudium, 273
Cada pessoa é digna da nossa dedicação: Evangelii Gaudium, 274
Não em palavras, mas em atos: Mensagem Dia Mundial dos Pobres, 19-11-2017
Testemunhai com a vossa vida: Conferência Missionária Jovens, 23-04-2022
Uma verdadeira revolução cultural: Misericordia et misera, 20
Viver para servir: Discurso, 29 de julho de 2016
Cuidai dos vossos irmãos e irmãs: Conferência Missionária dos Jovens, 23-04-2022
Recebeste, de graça, dás de graça: Fratelli tutti, 140
Solidariedade, Cooperação, Responsabilidade: Discurso à Conferência Internacional da Fundação "Centesimus Annus Pro Pontifice", 23-09-2021
Bem-aventuradas as mãos que se abrem: Dia Mundial dos Pobres, 19-11-2017
Suja as mãos e você será feliz: diálogo com jovens e idosos, 23 outubro 2018
A tentação de andar apenas em segurança: Gaudete et Exsultate, 133-134
A coragem de avançar: Convenção Eclesial da Diocese de Roma, 17-06-2013
Somos chamados a fazer muito: Christus vivit, 107
Arrisque-se, mesmo que cometa erros!: Christus Vivit, 143
Se souberdes chorar com quem chora, sereis felizes: JMJ, 11-02-2020
A pungente ternura de Deus: Mensagem para a XXXV JMJ, 11-02-2020
Não tenhais medo de participar na revolução da ternura: Discurso aos jovens por ocasião da sua Viagem Apostólica à Lituânia, Letónia e Estónia, 22-09-2018
Com quem se identifica?: Fratelli tutti, 63-64"
"Ser como o Bom Samaritano: Fratelli tutti, 67
Quem escolhemos ser?: Fratelli tutti, 69
Procuremos os outros: Fratelli tutti, 77-78

O importante é não viver para si mesmo: Jubileu Vida Consagrada, 01-02-2016
Somos vizinhos: Fratelli tutti, 80-81
Não tenhais medo de mostrar amor!: Congresso Diocese de Roma, 17-06-2013
A coragem de ir contra a maré: Homilia, 21 de novembro de 2021
A coragem de ser feliz: discurso por ocasião da 28.ª JMJ, 28-06.2013

III. A FELICIDADE É UM CAMINHO
A arte de caminhar humanamente: Diálogo com os Estudantes, 7 de junho de 2013
Nunca se chega lá sozinho: Discurso, 22 de setembro de 2018
Como crianças pequenas: Homilia, 17 de fevereiro de 2021
Se cair, levante-te!: Audiência Geral, 30 de março de 2016
Nunca desista: Discurso, 28 de julho de 2016
Só quem não anda não cai: Mensagem para a XXXV JMJ, 11-02-2020
Deus caminha connosco: Discurso aos jovens por ocasião da 31.ª JMJ, 29-06-2016
Contracorrente rumo à felicidade: Homilia, 1 de novembro de 2015
Apostar sempre em grandes Ideais: Discurso, 7 junho 2013
A alegria é um dom peregrino: Meditação Matinal, 10 de maio de 2013
Não fiquem tristes homens e mulheres: Homilia, 24 março 2013
Juntos para dar nova força às nossas mãos: Christus vivit, 199
Não gireis em vazio através da vida: Discurso, 22 de setembro de 2018
A Palavra que liberta a alegria: Homilia, 23 de janeiro de 2022
Cuida da chama de te apaixonar em teus olhos: Audiência Geral, 30-08-2017
Trazer Luz à Noite do Mundo: Discurso, 22 de junho de 2019
Semeadores de Esperança: Discurso aos jovens, 31.ª JMJ. 29-06-2016
Lançai-vos ao abismo, saí de vós mesmos! Discurso, 22 de setembro de 2013
"Vem! Siga-me!': Mensagem aos jovens, 29 de junho de 2021
Não nos fechemos no nosso pequeno mundo: discurso, 2 de dezembro de 2017
Sempre indo além: Evangelii Gaudium, 21
Rumo à viagem: Homilia, 6 de janeiro de 2021
Vamos escolher o caminho do bem: Discurso, 17 de dezembro de 2015
Para onde se dirige o meu coração? Homilia, 17 de fevereiro de 2021
Para não perder: Homilia, 17 de fevereiro de 2021
O Horizonte Final da Nossa Jornada: Audiência Geral, 23 de agosto de 2017

Vamos chorar, sim, mas com alegria: Audiência Geral, 23 de agosto de 2017
Se nesta noite carregares uma hora escura no coração...: Homilia, 03-04-2021
Do susto ao espanto: Homilia, 3 de abril de 2021
Que a fé te surpreenda: Homilia, 3 de abril de 2021
Redescubra a graça do quotidiano: Homilia, 3 de abril de 2021
Há sempre uma nova vida que pode recomeçar em nós: Homilia, 3 de abril de 2021

IV. A FELICIDADE NÃO É APENAS VIVER

O que é efêmero e o que dura: Angelus, 17 de fevereiro de 2019
Os prazeres superficiais: Evangelii Gaudium, 2
Pureza, mansidão e misericórdia: Angelus, 1 de novembro de 2020
A coragem da sobriedade: Mensagem para a 29.ª JMJ, 21-01-2014
A Coragem da Liberdade: Discurso, 7 de junho de 2013
Cuidado com os vendedores de fumo: Angelus, 17 de fevereiro de 2019
Tenhais a audácia de fazer escolhas fortes: Encontro com os jovens, 14-09-2021
O coração rico e o coração pobre: Gaudete et Exsultate, 67-68
A mortalha não tem bolsos! Angelus, 2 de março de 2014
A busca obsessiva pela riqueza leva à infelicidade: Angelus, 26 de fev. de 2017
A beleza além da aparência: Christus Vivit, 183
A vida em frente ao espelho é feia: Discurso, 22 de setembro de 2018
Rir de si mesmo: discurso, 16 de março de 2018
Jovens na vertigem do nada: discurso, 28 de julho de 2016
O oposto de uma vida banal: Angelus, 26 de julho de 2020
A beleza da austeridade: Gaudete et Exsultate, 108
Estejais vigilantes: Angelus, 28 de novembro de 2021
O que é que queres? A vertigem ou a plenitude? Discurso, 28 de julho de 2016
Liberdade é escolher o bem: Homilia, 24 de abril de 2016
Fome e sede de justiça: Homilia, 1 de novembro de 2015
A Terrível Armadilha: Misericordiae Vultus, 19
As três misérias: Mensagem, 26 de dezembro de 2013
A riqueza da pobreza: Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres, 13-06-2021
Rejeitar os compromissos: Audiência Geral, 29 de abril de 2020
Façamos a verdade em nós mesmos: Homilia, 21 de novembro de 2021

Uma sociedade sem coração: Encontro com os migrantes, 30 de março de 2019
As palavras não bastam: Discurso, 17 junho 2013
Precisas de amor: Christus vivit, 131
A doença do pessimismo: Encontro com os Jovens, 14 de setembro de 2021
Levanta-te!: Discurso, 23 de abril de 2022
A voz de Deus e a voz do maligno: Regina Caeli, 3 de maio de 2020
O Diabo de Olhos Doces: Angelus, 6 de março de 2022
Renunciar ao mal: Angelus, 12 de agosto de 2018
Aderir ao bem: Angelus, 12 de agosto de 2018
Purificar o coração das falsidades que o sujam: Homilia, 7 de março de 2021
Os fracassos são bons: Mensagem para a XXXV JMJ, 11-02-2020
Deus quer que estejamos conectados à vida: Encontro com os jovens, 14-09-2021
Sacudir a alma do sono: Angelus, 28 de novembro de 202
Um desejo inextinguível de felicidade: Mensagem para a 29ª JMJ, 21-01-2014
Sede protagonistas da vossa própria história: Mensagem da 32.ª JMJ, 27-02-2017

V. FELICIDADE É TER SONHOS REAIS
Deus Vem na Noite: Homilia, 21 de novembro de 2021
Qual é o sonho da vida?: Mensagem, 19 de março de 2021
O oposto de «eu» é «nós»: Diálogo com os jovens, 11 de agosto de 2018
Não diminuamos os nossos horizontes: Homilia, 22 de novembro de 2020
Se escolhermos amar, somos felizes: Homilia, 22 de novembro de 2020
Não fiquemos presos aos porquês da vida: Homilia, 22 de novembro de 2020
Não tenhais medo de arriscar, mas de viver paralisados: Christus Vívit, 142
Deixe que os seus sonhos sejam o seu futuro: Diálogo com os jovens, 11-08-2018
Cuidado com os sonhos que te adormecem: Diálogo com os jovens, 11-08-2018
Um louco chamado Francisco: diálogo com os jovens, 11 de agosto de 2018
Ofereça os seus sonhos: diálogo com os jovens, 11 de agosto de 2018
Artesãos da Esperança: Discurso, 7 de maio de 2019

Onde não há sonhos, há lamentação e resignação: Discurso, Maio 7, 2019
Defendendo os Sonhos: Diálogo com Jovens e Idosos, 23 outubro 2018
Precisamos do ardor dos jovens: Homilia, 21 de novembro de 2021
Sozinho, arrisca-se a ter miragens: Discurso, 7 de maio de 2019
Cultivando utopias saudáveis: Audiência Geral, 30 de agosto de 2017
Fraternidade Humana, Um Sonho Possível: Discurso, 23 de outubro de 2021

VI. A FELICIDADE É REVOLUCIONÁRIA
O mapa da vida cristã: Angelus, 1 de novembro de 2017
As Bem-aventuranças Levam-vos à Alegria: Audiência Geral, 29 de janeiro de 2020
O Caminho do Amor: Mensagem para a 29ª JMJ, 21 de janeiro de 2014
A Resposta de Deus ao Nosso Desejo de Felicidade: Audiência Geral, 6 agosto 2014
Bendito significa feliz: Mensagem para a 29ª JMJ, 21 de janeiro de 2014
Mensagem para a 29.ª Jornada Mundial da Juventude, 21 de janeiro de 2014
Deixemo-nos «desarticular interiormente» pelo paradoxo das bem-aventuranças: Angelus, 13 de fevereiro de 2022
Um incômodo para o mundo: Audiência Geral, 29 de abril de 2020
Manso e humilde de coração: Angelus, 1 de novembro de 2020
Felizes os pobres: Homilia, 1 de novembro de 2015
A Lógica do Amor: Angelus, 17 de fevereiro de 2019
Um coração compassivo: Endereço, 28 de julho de 2016
Felizes os que sabem perdoar: Homilia, 1 de novembro de 2015
Nascemos para nunca mais morrer: Angelus, 1 de novembro de 2018

VII. A FELICIDADE É O AMOR CONCRETO
O amor de Deus que nos abraça: Homilia, 12 de dezembro de 2015
Somos todos devedores: Audiência Geral, 18 de março de 2020
A única maneira de vencer o mal: Mensagem para a 31ª JMJ, 15-08-2015
A reciprocidade do perdão: Audiência Geral, 18 de março de 2020
O que significa ser misericordioso? Mensagem para a 31ª JMI, 15-08-2015
Precisamos do perdão como o ar: Audiência Geral,18 de março de 2020
Um amor concreto: Mensagem para a 31ª JMJ, 15 de agosto de 2015
O amor de Deus é visceral: Misericordiae Vultus, 6

Cada um de nós é um filho pródigo: Mensagem para a 31ª JMJ, 15-08-2015
A misericórdia tem um rosto jovem: Discurso, 28 de julho de 2016
Lembremo-nos dos nossos pecados, não dos nossos sucessos: Mensagem vídeo, 27 de agosto de 2016
Amor não é uma palavra abstrata: Misericordiae Vultus, 9
A caridade é um dom: Mensagem, 11 de novembro de 2020
Caridade Viva: Misericordia et misera, 8
A última palavra não foi dita: Mensagem de vídeo, 27 de agosto de 2016
Não temais mal algum: Homilia, 30 de março de 2020
Sentir a vida dos outros: Homilia, 1 de novembro de 2015
A Viagem do Coração às Mãos: Mensagem em Vídeo, 27 de agosto de 2016
Um exercício de misericórdia: Angelus, 15 de setembro de 2013
Alzheimer espiritual: mensagem em vídeo, 27 de agosto de 2016
A Necessidade de Consolação: Misericordia et misera, 13
"A misericórdia aprende-se: Mensagem vídeo, 27 de agosto de 2016
Silêncio participativo: Misericordia et misera, 13
A ternura do Senhor: Homilia, 12 de dezembro de 2015
Deixar de lado o ressentimento: Misericordiae Vultus, 9
A Alegria Indescritível do Perdão: Misericordia et misera, 2-3
Orgulho e orgulho são um muro: Audiência Geral, 13 de abril de 2016
Primeiro ato: Misericordia et misera, 5
O Tempo da Misericórdia: Misericórdia e Miséria, 21

VIII. A FELICIDADE É CEM VEZES MAIOR NESTA VIDA
Deus ama-nos: Christus vivit, 112
Deus se alegra connosco: Homilia, 12 de dezembro de 2015
Deus se alegra por nós: Christus vivit, 114-115
A sede do Infinito: Mensagem, 31 de janeiro de 2015
Acolher o Dom, Mensagem aos jovens, 28-30 de junho de 2013
Aprender a ler a própria história: Audiência Geral, 19 de outubro de 2022
Distinguir a luz das trevas: Encontro com os Jovens e idosos, 29-06-2022
Lutando todos os dias com a escuridão dentro de nós: Encontro com os jovens e os idosos, 29 de julho de 2022
Defendeis a verdadeira beleza: Mensagem, 21 de setembro de 2022
A felicidade brota de um coração puro: Mensagem, 31 de janeiro de 2015
A fonte da nossa alegria: Homilia, 14 de março de 2021

Não sejais ma "bela adormecida na floresta": mensagem, 21 de setembro de 2022
Felizes os que vêm o bem nos outros: Discurso, 12 de julho de 2015
O bem que nos falta: Audiência Geral, 12 de outubro de 2022
A graça de ter grandes desejos: Audiência Geral, 12 de outubro de 2022
A felicidade comprada não dura: Encontro com os jovens da Ásia, 15-08-2014
A felicidade está no amor: Angelus, 16 de setembro de 2018
Amor e aventura para tornar a vida grande: Encontro com os Jovens, 14-09-2021
A trave e a palhinha: Meditação Matinal, 11 de setembro de 2015
O caminho para a magnanimidade: Discurso, 7 de junho de 2013
O caminho da piedade: Audiência Geral, 4 de junho de 2014
O caminho da bondade: Fratelli tutti, 222-224
O caminho da paciência: Meditação Matinal, 12 de fevereiro de 2018
O caminho da mansidão: Homilia, 1 de novembro de 2015
A evasão e o descanso: Audiência Geral, 5 de setembro de 2018
A nossa vida é uma tela em branco à espera de cor: Homilia, 6 de janeiro de 2022
A inquietação e a liberdade: Audiência Geral, 6 de outubro de 2021
Um rio de alegria: Evangelii Gaudium, 5
A alegria profunda é um dom: Meditação Matinal, 10 de maio de 2013
Verdadeira alegria: Encontro com Seminaristas, Noviços, 6 julho 2013
Uma alegria que ninguém nos pode tirar: Discurso, 9 de setembro de 2017
A verdadeira vida: Audiência Jubilar, 18 de junho de 2016